

A SUÉCIA NO BRASIL

Histórias de Paixão por Negócios e Pessoas



A SUÉCIA NO BRASIL

Histórias de Paixão por Negócios e Pessoas

© Business History Publishing, 2023

Edição: Anders Sjöman

Textos: Yuri Gomes, Miranda Okello,
Jonas Lindström e Anders Sjöman

Tradução: Yuri Gomes

Revisão: Regina Azevedo e Isadora Pacello

Direção de Arte e Capa: Åsa Kax Ideberg

Fotos: As fotografias são propriedade das empresas ou fazem parte dos arquivos da Swedcham e do Centre for Business History, com exceção daquelas creditadas às suas fontes.

Fonte: Motiva Sans e Tenez por Rodrigo Saiani, Plau, Brasil

Impressão: Mentor Media, Brazil, membro do Grupo Elanders, 2023

ISBN: 978-91-988167-4-7

O Business History Publishing é a divisão de publicações do Centre for Business History de Estocolmo

www.naringslivshistoria.se

BUSINESS HISTORY
-PUBLISHING-





Nem todos conhecem a jabuticaba – mas eu gostaria que conhecessem

POR SUA MAJESTADE RAINHA SILVIA DA SUÉCIA

A jabuticaba é uma fruta brasileira que é doce e amarga ao mesmo tempo, ótima para ser degustada sozinha ou em geleias e sucos. Durante a minha infância em São Paulo, eu comi muita jabuticaba, e hoje em dia cultivamos essa fruta nas estufas do palácio real, na Suécia. Essas árvores são pontes temporais e geográficas – são também boas lembranças da minha mãe brasileira, Alice Soares de Toledo, bem como do amor e carinho que tenho pelo Brasil.

Como Rainha, eu retornei várias vezes ao Brasil, sozinha ou acompanhada da minha família. Minha primeira visita oficial foi em 1984, ao lado de sua Majestade, o Rei.

A Câmara de Comércio Sueco-Brasileira desempenhou um papel importante em muitas dessas ocasiões, como nas visitas de Estado em 2010 e

2012; no nosso tour pelos Jogos Olímpicos do Rio em 2016; e em 2017, quando São Paulo sediou o Fórum de Líderes Empresariais Brasil-Suécia e o Global Child Forum da América do Sul.

O bem-estar das crianças é uma questão muito importante para mim. Em 1999, fundei a World Childhood Foundation (Childhood Brasil), que atua para proteger as crianças da violência do abuso sexual. Nós prestamos apoio a organizações locais que estão desenvolvendo métodos inovadores para ajudar crianças vulneráveis e suas famílias. Tenho muito orgulho da Childhood, que atua globalmente, com colegas dedicados, trabalhando nos escritórios da Suécia, Alemanha, Estados Unidos e Brasil.

Em 2003, durante um evento da Childhood, em São Paulo, perguntei à lenda do futebol e, desde 1958, um amigo da Suécia, Pelé (1940–2022), se ele

gostaria de se sentar ao meu lado. Ele gentilmente concordou. Seu charme, bom humor e, acima de tudo, seu compromisso em ajudar a juventude do Brasil me deixaram uma boa e inapagável impressão.

Ao longo de todos esses anos, tenho me orgulhado de como as relações entre os nossos países se fortalecem com o passar do tempo, bem como a presença dos negócios suecos no Brasil.

Também gostaria de mencionar o Cônsul Geral da Suécia, o Sr. Erik Svedelius (1909-2009), cujo amor pelo Brasil e trabalho árduo facilitaram as boas e duradouras relações entre os dois países.

Ele passou quase a vida inteira no Brasil e, na verdade, foi o primeiro sueco que eu conheci, quando tinha apenas três anos de idade, pois meu pai trabalhava para a empresa sueca Uddeholm. Graças ao Sr.

Svedelius, muitas empresas suecas mantiveram a confiança no Brasil durante tempos difíceis.

Como seu membro honorário, eu gostaria de parabenizar a Câmara de Comércio Sueco-Brasileira (Swedcham) pelo seu 70º aniversário e seu sucesso em construir pontes entre nossos dois amados países.

Muito obrigada a todos: Swedcham, Embaixada da Suécia em Brasília, FAM (Fundação Wallenberg) e Centre for Business History em Estocolmo. Obrigada por produzir este livro tão interessante.

Silvia

Foto: Yanan Li/Kungl. Hovstaterna





Índice

Prefácio, por Sua Majestade Rainha Silvia da Suécia.....4

Você sabia? Curiosidades sobre a Suécia e o Brasil..... 8

Team Sweden no Brasil..... 10

Paixão pelas pessoas

A diplomata: Karin Wallensteen, Embaixadora 14

O legado de negócios: Håkan Buskhe, CEO FAM..... 16

Construindo pontes: Jonas Lindström,
Diretor Executivo da Swedcham 18

O veterano: Christer Manhusen,
ex-Embaixador e presidente da Swedcham..... 20

Paixão pelos negócios

35 empresas suecas, de A a Z, contam suas
histórias e seu futuro no Brasil..... 24–125

E mais

Energia para o povo brasileiro: a construção da Usina de Itaipu 32

World Childhood Foundation no Brasil 48

O futuro do 5G e da Inteligência Artificial se constrói
sob laços históricos no Brasil 64

Brasil, Suécia e o jogo bonito 76

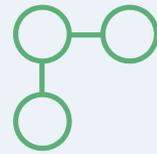
O Gripen Brasileiro..... 94

Nils e Ian Bonde: duas gerações, uma mesma paixão 108

Conduzindo o futuro da mobilidade no Brasil..... 122

Paixão que não tem fim!..... 126





1826

Foi quando o Império do Brasil e o Reino da Suécia estabeleceram suas relações diplomáticas.



Foto: Artyminc / Wikimedia CC BY-SA 3.0

“Veja, um Jesus de Limhamn!”

As fundações do Cristo Redentor foram supostamente construídas com cimento vindo de uma fábrica em Limhamn, na Suécia. Verdade ou não, os marinheiros suecos apelidaram a famosa estátua a partir da história.

Olof aqui e acolá

No Rio de Janeiro, Olof Palme dá nome a uma escola, a uma avenida e a pelo menos uma estação de ônibus. Ruas, parques e avenidas espalhadas pelo Brasil também homenageiam o ex-primeiro-ministro sueco.

Quem chegou primeiro?

A AGA e a SKF chegaram ao Brasil em 1915. Mas a ABB (então ASEA) vendeu produtos ao país em 1912. E, em 1891, a Ericsson instalou o primeiro telefone do Brasil, na residência do Imperador Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Podemos dizer que, de alguma forma, todos chegaram primeiro... Será que esquecemos de alguém?

Desde 1953



Cidade olímpicas

Estocolmo sediou as Olimpíadas de Verão em 1912. O Rio de Janeiro recebeu a edição de 2016.

6 É o número de vezes que as seleções da Suécia e do Brasil se enfrentaram na Copa do Mundo de Futebol Masculino.

MARIA, JOSÉ E KARL

José e Maria são os dois nomes mais comuns no Brasil. Já na Suécia, os mais comuns são Karl e... Maria

200, 50 e 10

A Swedcham possui 200 membros (suecos e brasileiros), organiza 50 eventos por ano e conta com 10 universidades suecas entre os seus membros.

42 mil

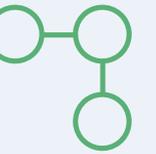
É o número de pessoas empregadas por empresas suecas no Brasil (uma estimativa do Business Sweden em 2021).

Os opostos se atraem?

A Suécia é conhecida por seus invernos gelados e suas paisagens nevadas. Já as praias ensolaradas e o clima quente são a cara do Brasil.

Café!

O Brasil é o maior produtor de café do mundo há 150 anos. Os suecos são vice-líderes no ranking mundial de consumo de café (depois dos vizinhos finlandeses).



Team Sweden

As instituições suecas no Brasil trabalham juntas para fortalecer os laços entre os dois países, cada uma com diferentes perspectivas e atuações. Este é o Team Sweden!

Embaixada da Suécia

A missão da Embaixada da Suécia em Brasília é defender os interesses do país no Brasil e desenvolver relações bilaterais dentro da parceria estratégica sueco-brasileira. Isso inclui promover a Suécia em um sentido mais amplo, dialogando com a sociedade e o governo brasileiro, e reportar os acontecimentos das políticas externa e de segurança brasileiras, bem como desenvolver cooperações nas áreas de defesa, economia e comércio exterior, política doméstica e direitos humanos. A Embaixada ainda estabelece diálogos sobre políticas para o clima, a inovação e o desenvolvimento sustentável. Também lida com questões consulares e jurídicas, como imigração. Além dos Consulados Honorários Gerais no Rio de Janeiro e São Paulo, a Suécia mantém Consulados Honorários em Fortaleza, Salvador, Recife e Manaus.

Swedcham, Câmara de Comércio Sueco-Brasileira

A Câmara de Comércio Sueco-Brasileira – Swedcham – é uma associação que promove o *networking* entre Suécia e Brasil, como forma de estimular atividades comerciais e negócios entre os dois países. As principais empresas suecas no Brasil são membros da Câmara. Muitas empresas brasileiras interessadas na Suécia também fazem parte da Swedcham. Nossos membros trazem seu *know-how* e compartilham seus conhecimentos nos comitês, seminários, eventos de *network*, programas de mentoria, relatórios e eventos sociais. Nós compartilhamos nosso *know-how* na revista NordicLight e no Brazil Business Climate Survey, lançado anualmente. Se você está em São Paulo, venha nos visitar ou usar nosso *coworking*.

Business Sweden

O Business Sweden, o Conselho Sueco de Comércio e Investimento, é uma instituição semigovernamental que promove o comércio exterior. Nós temos uma missão clara: ajudar empresas suecas a entrarem no Brasil e a crescerem no país. Isso também vale para empresas brasileiras interessadas em investir na Suécia ou em expandir suas operações por lá. Nossos clientes vão desde *startups*, micro e pequenas empresas até multinacionais.

Nossa atuação se estende por todas as indústrias, e nosso portfólio se divide em três ênfases de trabalho: *Market Entry & Expansion*, *Partnership & Stakeholder Management* e *Business Incubation & Operations*. Tudo isso também inclui um *soft landing* no nosso escritório em São Paulo.

Consulado Geral da Suécia em São Paulo

A partir do seu escritório em São Paulo, o Consulado Geral da Suécia, aberto desde 1922, oferece seus serviços aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo. São 75 milhões de brasileiros que têm ao seu dispor informações sobre a Suécia, suas instituições, cultura, economia e sociedade. Da mesma maneira, o Consulado é uma grande fonte de informações sobre o Brasil e está em permanente interação com os vários órgãos oficiais e parceiros nas áreas cultural, científica, educacional e econômica, tanto no Brasil como na Suécia.

Consulado Geral Honorário da Suécia no Rio de Janeiro

O Consulado Geral Honorário da Suécia no Rio de Janeiro foi oficialmente aberto após a Embaixada se mudar do Rio para Brasília, no início dos anos 1970. O escritório na Cidade Maravilhosa presta assistência consular a cidadãos suecos e auxílio parcial a brasileiros em processo de migração para a Suécia. O consulado tem jurisdição sobre os estados do Espírito Santo, Goiás e Rio de Janeiro.

Centro de Pesquisa e Inovação Sueco-Brasileiro

O Centro de Pesquisa e Inovação Sueco-Brasileiro (CISB) é uma associação privada sem fins lucrativos que promove o diálogo para a construção de um ambiente propício à colaboração tecnológico-científica entre a Suécia e o Brasil. O CISB tem como foco projetos para o desenvolvimento de tecnologias avançadas, que possam gerar inovações de impacto positivo à sociedade. Nas suas “Arenas de Inovação Aberta”, stakeholders da Suécia no Brasil são convidados a se conectar, discutir desafios tecnológicos e suas soluções, bem como gerar ideias e criar projetos de pesquisa bilaterais. Atualmente, o CISB gerencia três dessas “Arenas”, além do Programa de Mobilidade e outras iniciativas em Inteligência Artificial e Corporate Venture.

A partir da esquerda: Karin Wallensteen (Embaixadora da Suécia no Brasil), Sergio Quiroga (Presidente da Swedcham), Andreas Rentner (Comissário de Comércio e diretor do Business Sweden no Brasil), Renato Pacheco Neto (Cônsul-Geral em São Paulo), Jan Lomholdt (Cônsul-Geral Honorário no Rio de Janeiro) e Alessandra Holmo (Diretora Executiva do CISB).





Paixão pelas pessoas



Parceiros no passado, presente e futuro

POR KARIN WALLENSTEEN, EMBAIXADORA DA SUÉCIA NO BRASIL

Ao passo que nos aproximamos dos 200 anos de relações diplomáticas – que vamos celebrar em 2026 –, fica claro que o Brasil e a Suécia são grandes parceiros no passado, no presente e no futuro.

Em 2009, com a intenção de dar um passo adiante na sua estreita cooperação, Brasil e Suécia firmaram uma parceria estratégica. Desde então, esse acordo vem abrindo caminho para uma cooperação cada vez maior nas mais diversas áreas.

A aquisição do caça sueco Gripen pelo governo brasileiro elevou os laços bilaterais a um novo patamar. O acordo entre o Brasil e a empresa de defesa e segurança Saab, o maior contrato de exportação da Suécia, inclui uma cooperação de longo prazo em matéria de transferência de conhecimento, tecnologia e inovação.

Essa parceria provocou efeitos que vão muito além do setor de defesa aeroespacial, estendendo-se por novas áreas, nas quais a cooperação é estratégica para ambos os países.

Em particular, há um foco em aeronáutica, bioeconomia, mineração sustentável, saúde e cidades inteligentes. Juntos, Brasil e Suécia constroem crescimento, segurança e inovação, explorando soluções inovadoras em áreas “semeadoras do futuro”, principalmente aquelas relacionadas à transição verde e à sustentabilidade.

Assim como este livro ilustra, Suécia e Brasil têm uma longa história de cooperação no setor industrial: são mais de 200 empresas suecas no Brasil, responsáveis por milhares de empregos.



Karin Wallensteen, apontada Embaixadora da Suécia para o Brasil em 2022, cumprimenta trainees na CIMATEC, em Salvador, na Bahia.

Os dois países também mantêm diálogos de alto nível sobre negócios, comércio, indústria, ciência e educação.

O Fórum de Líderes Empresariais Brasil-Suécia é o componente de negócios da parceria estratégica. Ele abre espaço para discussões de prioridades em torno de objetivos comuns: crescimento econômico e competitividade global, movidos pela cooperação entre as comunidades de negócios dos dois países. Além disso, as Semanas de Inovação Suécia-Brasil são vitrines das mais avançadas soluções tecnológicas criadas na academia e nas empresas dos dois países.

Os esforços do Team Sweden – uma iniciativa coordenada pela Embaixada da Suécia que inclui o Business Sweden, a Swedcham, os consulados da

Suécia no Brasil e o Centro de Inovação e Pesquisa Sueco-Brasileiro – é um importante ativo para os negócios suecos no Brasil, um modelo a ser seguido em outros mercados.

A cooperação institucional Brasil-Suécia se orienta para o longo prazo e nunca esteve tão forte. Também temos muitos pontos de convergência, como multilateralismo, direitos humanos, Estado de Direito, democracia e desenvolvimento sustentável. Continuaremos a aprender uns com os outros, buscando sempre fortalecer a nossa parceria estratégica em benefício dos nossos países e de seus cidadãos.

A Embaixada da Suécia parabeniza a Swedcham Brasil pelos seus 70 anos de sucesso no país – e que venham muitos anos pela frente!



Um legado empresarial que nos impulsiona rumo ao futuro

HÅKAN BUSKHE, CEO DA FAM, COPRESIDENTE DO FÓRUM DE LÍDERES EMPRESARIAIS BRASIL-SUÉCIA E EX-CEO DA SAAB

Brasil e Suécia compartilham um legado empresarial único, como podem testemunhar os muitos colegas de empresas suecas presentes no Brasil há quase um século. Hoje comandadas por brasileiros, essas empresas empregam cerca de 42 mil pessoas no Brasil. A cooperação entre os dois países tem gerado uma troca de conhecimentos que aumentam a produtividade e a inovação. Também compartilhamos diariamente valores como igualdade, transparência e segurança do

trabalho. As empresas brasileiras têm sido fundamentais para a execução de projetos conjuntos. Além disso, para muitas delas, a cooperação com a Suécia é um passaporte de entrada para seus negócios na Europa.

Este livro conta a história de muitas dessas empresas. Essa tradição continua a inspirar todos nós que trabalhamos para cultivar e fortalecer as relações empresariais entre Suécia e Brasil

Particularmente, sou um fã de longa data do Brasil. “Hospitaleiros”, “profissionais”, “educados”, “donos de uma cultura ímpar” e “*bon vivants*” – essas são apenas algumas definições que surgem quando penso no povo brasileiro e nas vezes em que estive no país – seja mais recentemente, como CEO da FAM, seja anos atrás, como CEO da Saab. Por



Em setembro de 2020, o primeiro Gripen E brasileiro foi entregue em Linköping, na Suécia, marcando o início do programa de testes de voo. Da esquerda para a direita: Major General Mats Helgesson (Forças Aéreas Suecas); Tenente-Brigadeiro Antônio Carlos Moretti Bermudez (Força Aérea Brasileira); Ministro Fernando Azevedo e Silva, do Brasil; Håkan Buskhe, CEO da Saab; e Jonas Hjelm, chefe da área de negócios da Saab Aeronáutica. (Foto: Lasse Hejdenberg)



Em jantar de gala nas Olimpíadas do Rio, em 2016, Håkan Buskhe doou uma camisa da Seleção Brasileira, cujas receitas da venda foram destinadas à Childhood.

exemplo, o jantar de gala oferecido ao Rei e à Rainha da Suécia durante as Olimpíadas do Rio em 2016 foi um evento memorável, quando tive o prazer de doar uma camisa da Seleção Brasileira autografada, cujas receitas da venda foram doadas para a World Childhood Foundation.

Um ponto alto da minha vida profissional, certamente, foi quando o Brasil adquiriu 36 caças Gripen da Saab. O acordo potencializou as colaborações já existentes entre os dois países, pois abriu espaço a novas transferências de tecnologia, incluindo muitas empresas, como Embraer, Akaer, AEL Sistemas e Atech. Nos anos que se seguiram, muitos brasileiros foram para a Suécia colaborar nas operações da Saab, em Linköping.

Hoje tenho outra responsabilidade que valorizo muito: sou Copresidente do Fórum de Líderes Empresariais Suécia-Brasil, um encontro de alto nível em que se discutem desafios e oportunidades comuns aos dois países. É um marco na parceria estratégica firmada entre Brasil e Suécia, que já coleciona muitos sucessos, sem contar os que ainda estão por vir, pois ainda há muito a se fazer.

Eu gostaria de agradecer a todos os membros do Team Sweden, incluindo a Câmara de Comércio Sueco-Brasileira, que celebra seus 70 anos vida. Este livro é um reflexo do dinamismo e da capacidade da Swedcham de conectar pessoas e negócios dos dois países. Que venham mais 70 anos!



Swedcham: jovem aos 70!

POR JONAS LINDSTRÖM, DIRETOR EXECUTIVO DA CÂMARA DE COMÉRCIO SUECO-BRASILEIRA

Era março de 1953, um notável grupo de líderes empresariais visionários – todos trabalhando para empresas suecas no Brasil – se encontraram no Edifício Matarazzo, no Centro de São Paulo. Eles queriam fortalecer os já estreitos laços entre Suécia e Brasil.

Nesse encontro, foi criada a Câmara de Comércio Sueco-Brasileira, a Swedcham. Se esses homens estivessem aqui hoje, 70 anos depois, acredito que eles estariam muito felizes em ver que a Swedcham continua viva e forte em 2023.

Minha participação nessa história começou em 2009, quando fui indicado ao cargo de Diretor Executivo. Até então, eu tinha muito pouca experiência em negócios, mas a diretoria, liderada pelo então presidente Christer Manhusen, me garantiu que oferecer *networking* profissional e desenvolvimento de competências eram mais importantes para a Câmara do que consultoria em negócios. Eu ainda estou por aqui – em um dos melhores empregos que alguém pode ter, como costume dizer.

Em 2011, fui convidado para um encontro com a Rainha Sílvia numa de suas visitas a São Paulo, onde ela passou a infância. Ela me questionou sobre nossa atuação e sobre como as empresas suecas estavam

O icônico Edifício Matarazzo, em São Paulo, nos anos 1950. Foi a sede do escritório da Uddeholm, Cia. T Janér – e o primeiro lar da Swedcham!



O Rei Carl XVI Gustavo visitou a Swedcham em 2017. Aqui ele está junto ao então presidente Nils Grafström (ao centro) e o Diretor Executivo Jonas Lindström (à direita).



no Brasil. Sua curiosidade e seu conhecimento me marcaram a ponto de influenciar, a partir daquele dia, a forma como vejo nosso trabalho na Swedcham.

O trabalho envolve desde conversas inspiracionais até grandes eventos. Lembro bem quando a Volvo Ocean Race veio para o Rio de Janeiro: a Ericsson celebrava seus 85 anos no Brasil e sua equipe tinha dois barcos na água, um deles liderado pelo velejador brasileiro e multimedalhista olímpico Torben Grael. Entre as baterias, a Ericsson organizou um almoço beneficente para a Childhood Brasil, que teve como convidada de honra a Princesa Herdeira Vitória. Como esperado, Torben Grael e sua equipe venceram aquela corrida.

Muitos outros grandes eventos vêm à minha memória: o Nobel Prize Dialogues, em 2013; a Copa do Mundo de Futebol, em 2014; os Jogos Olímpicos de 2016; o Global Child Forum, em 2017; e a Conferência de CEO da SEB Nordic, em 2019. A Câmara esteve em todos esses eventos. Para as Olimpíadas, a Embaixada e a Swedcham organizaram um jantar de gala no Rio, em um espaço decorado aos estilos sueco e brasileiro. “Isso é mágico”, sussurrou a Rainha enquanto eu a acompanhava até o seu lugar.

Pequenos eventos me impactam da mesma forma. Por exemplo, quando o Rei Carl Gustav visitou a Câmara em 2017 e se encontrou com *startups* suecas no Brasil. Foi um pesadelo para a segurança, porque o Rei insistiu em caminhar do seu hotel até a Câmara.

Ao longo dos anos, a Swedcham cresceu em tamanho e expandiu sua atuação.

Nós somos membros da Swedish Chambers International (SCI), uma organização que reúne 24 câmaras suecas de todo o mundo, e de cujo conselho faço parte. Em 2019, a SCI lançou o Global Business Climate Surveys, junto ao Business Sweden.

No Brasil, lançamos o Young Professionals, um

projeto que conecta jovens brasileiros e suecos a empresas e universidades da Suécia. Há uma Feira de Carreiras todo ano e, em 2023, nós lançamos um programa de mentoria que une 30 jovens talentos a executivos de empresas suecas no Brasil.

Além disso, nossa presença no mundo *online* cresceu bastante ao longo dos últimos anos, com *lives* e mídias sociais ativas. Essas iniciativas foram essenciais para sobrevivermos ao período de *lock-down* da pandemia, quando, em poucas semanas, a Swedcham se tornou 100% digital.

Hoje em dia, nós organizamos eventos híbridos, tanto no nosso auditório para 60 pessoas, nos Jardins, em São Paulo, quanto para todo o mundo, *online*. Um convidado foi Torben Grael, que em um “fika online” contou sobre seus projetos desde a Volvo Ocean Race em 2009.

Ao olharmos para o futuro, temos a certeza de que a Câmara vai continuar seu trabalho, sempre pensando sobre como os negócios e a tecnologia podem unir as pessoas. Paz, democracia, livre comércio, sustentabilidade e igualdade social são objetivos que somente podem ser alcançados por meio do diálogo aberto e construtivo. E você pode continuar a contar conosco para criar as bases sob as quais se dá essa comunicação.

Neste trabalho, deixo meus profundos agradecimentos ao meu presidente Sergio Quiroga, ao nosso conselho diverso e qualificado, além do meu pequeno, mas eficiente time e, acima de tudo, a todos os membros da Swedcham.

Que nós continuemos a fazer história – juntos!



Suécia e Brasil: uma grande história

POR CHRISTER MANHUSEN, EX-EMBAIXADOR DA SUÉCIA NO BRASIL (1996–2002)
E EX-PRESIDENTE DA CÂMARA DE COMÉRCIO SUECO-BRASILEIRA (2002–2010).

Quando a notícia não inesperada, mas ainda muito triste, da morte de Pelé, a lenda brasileira do futebol – e meu amigo – chegou até mim, eu fiquei profundamente emocionado.

Nós nos conhecemos em 1996, quando eu, então o novo embaixador sueco no Brasil, fiz uma ligação de cortesia a Pelé, o Edson Arantes do Nascimento, que era o então ministro dos Esportes do presidente Fernando Henrique Cardoso. Eu e Pelé nos encontramos em muitas outras ocasiões e acabamos nos tornando bons amigos. Uma amizade que continuou após ele deixar o cargo.

Pelé me marcou fortemente, assim como a todos que o conheceram, não apenas por ser o maior jogador de futebol de todos os tempos – o único a vencer três copas do mundo –, mas também pelo seu carinho e carisma que irradiava. Depois de pendurar as chuteiras, Pelé se empenhou em ações de apoio à juventude brasileira, sempre com muito comprometimento e paixão.

Pelé sempre foi um grande amigo da Suécia. Aos 17 anos, ele ganhou a final da Copa do Mundo de

1958, no Estádio Råsunda, em Estocolmo. Foi um jogo inesquecível para os dois países: o Brasil venceu a Suécia por 5 a 2, com dois gols de Pelé. Menciono Pelé neste texto porque, em 2007, ele posou sorridente para a capa da então Brazil & Sweden, hoje NordicLight, a revista institucional da Swedcham, segurando uma bola azul e amarela, que eu achei numa loja de esportes no Rio de Janeiro. É uma foto para a eternidade!

Quando cheguei, em 1996, para chefiar a missão diplomática sueca no Brasil, um dos primeiros lugares que visitei foi a cidade de São Paulo, geralmente chamada pelos suecos de “a segunda maior cidade industrial da Suécia depois de Gotemburgo”. Naturalmente, fiz uma visita à Câmara de Comércio Sueco-Brasileira, o centro dos negócios suecos no Brasil. A Swedcham ficava na Rua Oscar Freire, onde está até hoje, uma das mais elegantes e badaladas ruas de São Paulo, do Brasil e da América Latina.

Naquele momento, a Câmara já tinha 40 anos, e alguns de seus pioneiros ainda a frequentavam. Eu gostaria de mencionar dois deles, em especial: Erik



Acima: Christer Manhusen (à direita) e o ex-Ministro da Fazenda, Mailson da Nobrega, durante uma visita à Swedcham. Direita: Pelé na capa da revista (hoje NordicLight) da Swedcham em 2006.



Svedelius e Per-Gunnar Kalborg, que, para além de suas bem sucedidas carreiras, foram fundamentais para a fundação da Câmara. Eles participaram ativamente das atividades da Swedcham, mesmo com uma idade avançada.

Para mim, foi uma experiência incrível poder escutar as suas histórias do tempo em que viveram no Brasil durante a Guerra, quando eles não podiam retornar para casa e apenas conseguiam se comunicar com suas famílias e suas matrizes esporadicamente.

Nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, diversas empresas estrangeiras se estabeleceram no Brasil. As grandes multinacionais suecas, no entanto, já estavam por lá antes da Primeira Guerra Mundial. Hoje, muitos pequenos e médios empreendedores tentam a sorte no “país do futuro”, como o Brasil ficou conhecido em meados do século XX.

Atualmente, há mais de 70 mil pessoas empregadas por empresas suecas no país. Todas essas empresas buscaram e receberam apoio da Câmara no complicado processo de abrir um negócio no Brasil.

O know-how e os contatos que a Swedcham pôde oferecer em várias áreas da burocracia são ganhos inigualáveis.

Durante os 20 anos nos quais eu estive envolvido na Câmara de Comércio, pude fazer parte das suas operações de crescimento, resultado de uma maior demanda pelos seus serviços. Às vezes, o crescimento observado era tanto que os escritórios precisavam se ajustar ao maior fluxo de trabalho.

Esses investimentos foram possíveis devido ao fato de que a Câmara sempre esteve sob sólidos alicerces financeiros. As finanças em dia sempre foram um farol para nos orientar.

Há diversos projetos aos quais a Câmara de Comércio prestou assistência. Recordo-me bem das longas e tensas negociações envolvendo a venda do caça Gripen. Durante meus seis anos na Embaixada, o acordo do Gripen foi um projeto em que dei o meu máximo para que desse certo, sempre bastante entusiasmado com esse trabalho. Foi um tempo de difíceis negociações, complexidades da política e competidores agressivos, mas, no fim, a Suécia



conseguiu garantir seu maior acordo industrial em muitos anos. Até o momento, o contrato inclui 36 caças – o resultado de uma fantástica colaboração entre governo, indústria e demais autoridades. Nesse exemplo, novamente a Swedcham desempenhou um papel importante. Recentemente, o comandante da Força Aérea Brasileira (FAB) expressou o interesse em mais 30 caças Gripen.

Por muitos anos, a Swedcham manteve uma excelente cooperação com o então Conselho de Exportações de Estocolmo (hoje Business Sweden).

Mas, quando o Conselho decidiu abrir escritórios ao redor do mundo, incluindo em São Paulo, minha diretoria e eu ficamos bastante preocupados: a mudança traria um impacto financeiro para nós. Como a Swedcham iria sobreviver?

Na diretoria, o ceticismo foi opinião vencida, e decidimos investir nosso capital aliado à nossa energia e convicção. A Swedcham não somente sobreviveu, mas floresceu!

Eu vejo que o Team Sweden – Swedcham, Business Sweden, Embaixada e Consulado-Geral – trabalha de forma harmoniosa, unindo forças em busca de um objetivo: apoiar o empreendedorismo sueco no Brasil.

Quando a Rainha Silvia fundou a World Childhood Foundation no Brasil, 25 anos atrás, a Swedcham se tornou um membro. E, desde então, vem se envolvendo ativamente nas atividades da Childhood Brasil no combate à exploração sexual de menores.

Sinto-me honrado porque a Rainha Silvia foi o primeiro – e o único – membro honorário da Swedcham, a única câmara de comércio que tem uma rainha entre os seus membros.

Foi em uma reunião da diretoria que o meu vice-presidente, Börje Jerner, teve essa ideia genial, que foi apoiada pela diretoria. Fiquei encarrega-

do de conversar com a Rainha. E, pouco depois, em uma reunião com o Rei e a Rainha no Castelo de Drottningholm, em Estocolmo, eu recebi um belo retrato da Rainha, que hoje está exposto na Swedcham.

Quando o lendário Erik Svedelius e eu nos conhecemos, ele tinha 87 anos, e eu, 55. A diferença de idade, no entanto, não impediu que nos tornássemos bons amigos.

Por muitos anos, visitei Erik várias vezes durante a semana. Quando ele faleceu, logo após completar seu 100º aniversário, eu, de maneira totalmente inesperada, recebi uma herança. Rapidamente relatei a informação à diretoria, que recebeu a notícia com preocupação. Teria eu, um oficial do governo sueco, enganado aquele senhor?

Todos ficaram aliviados quando coloquei a herança que Erik havia me deixado sobre a mesa: um suporte de charutos feito de prata, que doei para a Câmara; e quatro gravatas de seda da Hermès – as quais eu não doei, e ainda permanecem em destaque entre as minhas gravatas.

Em 2013, quando o histórico Estádio Råsunda estava para ser demolido, 55 anos depois da final de Copa, uma proposta foi feita durante uma reunião da diretoria: a Swedcham deveria contribuir em vários aspectos em prol de uma celebração da final de 1958. Quando perguntei à Câmara por que deveríamos celebrar uma derrota da Suécia, um clima de desânimo recaiu sobre aquela sala.

Devo admitir que meu ceticismo foi vencido. O Råsunda recebeu uma bela festa um dia antes de sua demolição, com um jogo entre



Esquerda: Erik Svedelius, conhecido por muitos como “Mr. Sweden in Brazil”, pela vida dedicada ao trabalho no país, veleja junto ao seu irmão Lennart.

Direita: Em 2010, Nils Grafström (esquerda) assume a presidência da Swedcham, sucedendo Manhusen.

Brasil e Suécia, com a participação de jogadores de ambos os times de 1958.

Pelé deu o pontapé inicial, para a alegria de todos no estádio. O Brasil também venceu dessa vez. Assisti ao jogo no camarote, ao lado da Rainha. Foi um momento muito especial.

É claro que há muitas outras histórias que eu gostaria de mencionar. Mas dizem que, quando ninguém é lembrado, ninguém pode ser esquecido. Mesmo assim, abro uma exceção: Nils Grafström, diretor da Stora Enso na América Latina, e meu sucessor na presidência. Nós nos inspirávamos,

sempre tentando reforçar o papel da Câmara como pilar dos negócios suecos no Brasil.

O que me resta, no 70º aniversário da Swedcham, é calorosamente parabenizar a Câmara e desejar contínuo sucesso aos meus velhos amigos Sérgio Quiroga e Jonas Lindström, o presidente e o diretor executivo da instituição, respectivamente.

Pessoalmente, gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que, junto comigo, dedicaram seu tempo e esforço à Câmara de Comércio Sueco-Brasileira em São Paulo.

A Swedcham está localizada na Rua Oscar Freire, em São Paulo, a oitava rua mais luxuosa do mundo e a segunda das Américas, atrás somente da 5ª Avenida, em Nova York.

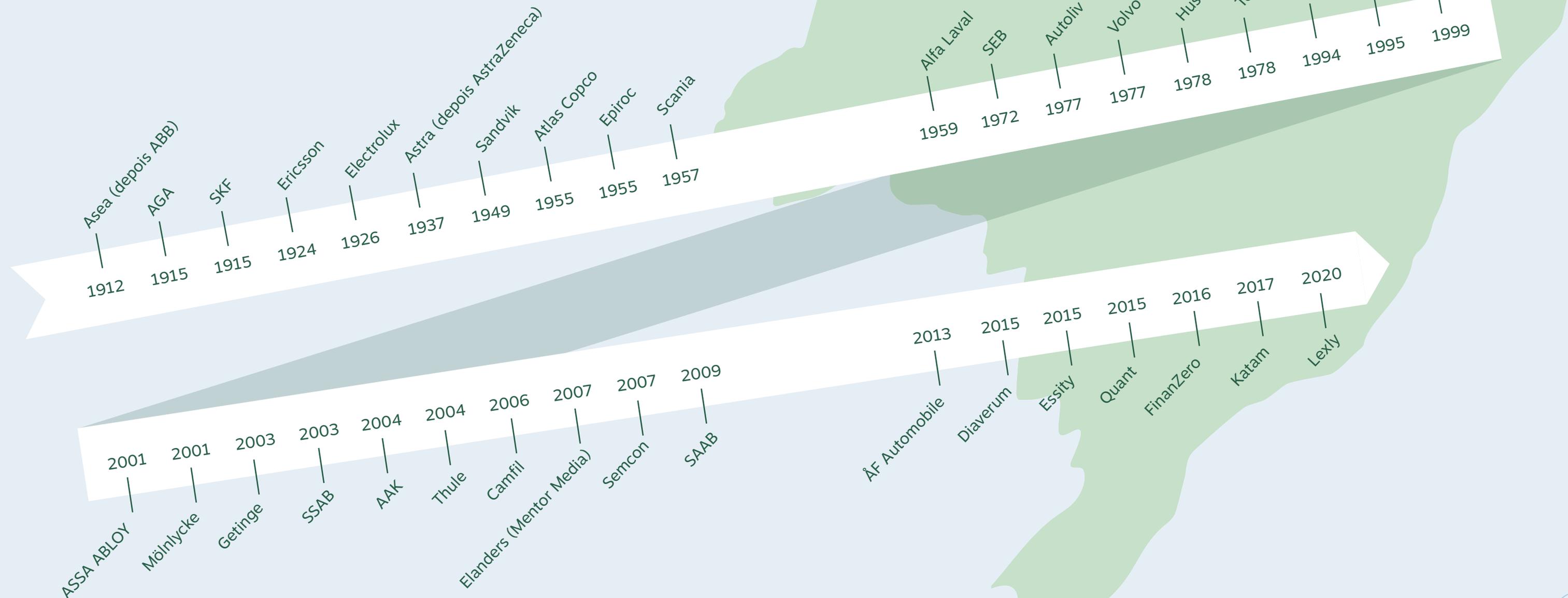




Paixão pelos negócios



A linha do tempo das empresas suecas no Brasil



A construção da Aarhus Palmekjærnefabrik, localizada na cidade de Århus, foi iniciada em 1871.

AAK

A AarhusKarlshamn, ou simplesmente AAK, é uma produtora de óleos e gorduras vegetais sueco-dinamarquesa com mais de 150 anos de história. Apesar de sua tradição na Escandinávia, a empresa chegou à América do Sul somente em 2007, ao abrir uma fábrica no Uruguai. Em 2016, a AAK iniciou suas operações no Brasil, onde emprega 204 trabalhadores.

150 anos de história. Em 1871, na cidade dinamarquesa de Aarhus, a Aarhus Palmekærnefabrik iniciou suas operações de processamento das amêndoas de palma e produção de seu óleo. Após a expansão, a empresa se tornou Aarhus Oliefabrik, e passou a responder por 10% de todas as exportações da Dinamarca no ano de 1940.

Enquanto isso, nascia na Suécia a Karlshamns AB, uma produtora de ração e óleo produzidos a partir de soja. Em 2005, as duas empresas se uniram para formar a atual AAK, um fornecedor líder de gordura e óleos vegetais para diversas indústrias.

A AAK é uma das fundadoras da Mesa Redonda sobre Óleo de Palma Sustentável (RSPO) e gere o projeto Kolo Nafaso, que apoia mais de 350 mil coletoras do fruto de carité na Burkina Faso, Costa do Marfim e Gana, provendo treinamento, assistência tecnológica e pré-financiamento.



Hoje a AAK traz as melhores práticas sustentáveis, que vão desde as matérias-primas vegetais ao produto, “Fazendo o Melhor Acontecer” (*Making Better Happen™*).

Primeiro o Uruguai... e logo depois o Brasil

A relação da AAK com o Brasil começou no Uruguai. Em 2007, a empresa abriu uma fábrica no país vizinho focada em óleos e gorduras vegetais para as indústrias de chocolate e confeitaria. “Foi uma estratégia de *soft landing*”, explica Gerardo Garza, Presidente da AAK na América do Sul. “Nós encontramos um parceiro no Uruguai que dividiu o investimento em uma pequena planta conosco, o que nos permitiu minimizar custos e riscos.”

Em 2016, buscando expandir seus negócios no Brasil e fornecer produtos para as indústrias de laticínios, panificação, *plant-based* e nutrição especial, a AAK inaugurou sua fábrica em Jundiá, no estado de São Paulo. A unidade processa múltiplos óleos vegetais, como aqueles extraídos a partir da palma, do coco e do carité.

“Nosso foco não é apenas desenvolver novos negócios, mas também levar todos aqueles que trabalham com gorduras e óleos vegetais, incluindo nossos clientes e até mesmo nossos competidores, para um outro patamar de tecnologia e sustentabilidade”, diz Gerardo.

Alinhada com a sua ambição, a AAK dedica-se a trabalhar de maneira próxima aos seus clientes para desenvolver soluções adaptadas ao fim a que se destinam. Esse trabalho de desenvolvimento acontece no Centro de Inovação para Clientes, localizado em Jundiá – um dos 15 que a AAK possui em todo o mundo –, onde a empresa e seus clientes testam e avaliam novos produtos e processos antes de entrarem na cadeia produtiva.

Um dos mercados mais importantes

“Nosso foco é de longo prazo. Acreditamos que o Brasil é um dos mais importantes mercados para o futuro da AAK e, a partir do país, vamos continuar a investir na América Latina, acompanhando o crescimento e o potencial da região”, afirma Gerardo Garza.

Enxergando o futuro na ABB.

ABB

Fundado em 1883 como Elektriska Aktiebolaget, em Estocolmo, o grupo ABB é um fruto da fusão entre a sueca ASEA e a suíça Brown Boveri & Cie. (BBC), em 1988. No Brasil há 111 anos, a ABB forneceu os mecanismos de acionamentos elétricos para o Bondinho do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, um dos cartões-postais do país.

Uma presença garantida nos principais projetos de infraestrutura brasileiros, a ABB Brasil emprega mais de 1.600 colaboradores.

O mundo é elétrico. A ASEA foi fundada em 1883, na Suécia, como uma fabricante de equipamentos de iluminação elétrica e geradores. Sete anos depois, em 1890, a empresa se fundiu à Wenströms & Granströms Elektriska Kraftbolag, inventora do sistema trifásico, para criar a Asea, responsável por grande parte da infraestrutura elétrica da Suécia. Enquanto isso, na Suíça, L. Brown and Walter Boveri criavam a Brown, Boveri & Cie (BBC).

As duas empresas cresceram globalmente até que, em 1988, se fundiram para formar a Asea BBC – a ABB –, uma gigante presente em mais de 100 países e que conta com 110 mil funcionários.

Há 111 anos ajudando o Brasil a ir além

O Rio de Janeiro é uma das cidades mais bonitas e encantadoras do mundo. Foi por lá, em uma de suas paisagens únicas, que a ABB iniciou sua história no Brasil: a empresa forneceu e instalou os equipamentos elétricos do Bondinho do Pão de Açúcar, em 1912.

Nos anos 1950, a ABB abriu duas fábricas no Brasil, na região metropolitana de São Paulo. Foi um marco para a indústria brasileira, que passou a contar com o

fornecimento e assistência locais de dispositivos e sistemas de energia. Rapidamente, a ABB tornou-se fornecedora das maiores obras de infraestrutura brasileiras. Em 1984, a então BBC instalou os nove geradores da Itaipu, na época a maior hidrelétrica do mundo.

Sediada em São Paulo e com escritórios de vendas e centros de serviços espalhados por todo o país, a ABB Brasil entrega soluções de robótica, automação industrial e eletrificação para as maiores empresas brasileiras, dos mais diversos setores da indústria.

Suas duas fábricas, em Contagem, Minas Gerais, e Sorocaba, em São Paulo, e seu centro de serviços em Parauapebas, no Pará, são provas do investimento local e das oportunidades de emprego geradas pela ABB. Atualmente, a empresa emprega cerca de 1.600 pessoas no país, o que corresponde à metade das receitas da ABB na América Latina.

“Escrevendo o futuro”

“Nós estamos muito orgulhosos da nossa participação nos projetos de infraestrutura mais importantes do Brasil ao longo de tanto tempo. O país é um mercado estratégico para a ABB globalmente, e estamos muito animados pelo que vem pela frente. A ABB é uma gigante da tecnologia, líder em robótica, eletrificação, automação, que trabalha por um futuro mais sustentável, no qual os recursos sejam usados de maneira mais eficiente. Nossas soluções unem o melhor da engenharia ao *software* para otimizar a maneira como as coisas são fabricadas, transportadas, energizadas e operadas. No Brasil, nós ajudamos clientes de toda a indústria a encurtar seus caminhos em busca da digitalização, para que se tornem mais ágeis, seguros, competitivos e energeticamente eficientes”, conta Luciano Nassif, Country Holding Officer da ABB no Brasil.



Robô colaborativo
GoFa™ CRB 15000.



Energia para o povo brasileiro: a construção da Usina de Itaipu

A Usina Hidrelétrica de Itaipu, localizada na fronteira entre Brasil e Paraguai, foi inaugurada em 1984 e é a terceira maior hidrelétrica do mundo. Isso não seria possível sem o *know-how* das engenharias sueca e brasileira, que se uniram para levar energia ao povo do Brasil.

Nos anos 1960 e 1970, o Brasil crescia a taxas médias de 10%, raramente vistas em outros lugares. Foi um processo de industrialização e urbanização bastante acelerado que surpreendeu a todo o mundo: era o “Milagre Brasileiro”.

No período, os brasileiros viviam sob a Ditadura Civil-Militar, que tomou o poder em 1964. Mesmo assim, o Brasil era considerado um país dinâmico, moderno – cheio de ginga. O “país do futuro”, pronto para mostrar a que veio.

A partir dos anos 60, muito do capital estrangeiro via o Brasil como a grande oportunidade daqueles anos. E assim nasceram os grandes marcos da industrialização brasileira, como as indústrias automobilísticas do ABC Paulista, a Zona Franca de

Manaus e fabricantes de máquinas e equipamentos instalados na Grande São Paulo.

Isso fez com que muitos brasileiros migrassem do interior do país para as metrópoles do litoral. E, assim, São Paulo, o grande motor do desenvolvimento brasileiro no período, logo entrou na lista das dez maiores cidades do mundo.

Energia para o amanhã

Agora um país industrial, com uma classe média emergente que se inseria no mundo do consumo – eletrodomésticos, automóveis – e indústrias que demandavam mais energia a cada ano, o Brasil necessitava prezar pela sua segurança energética.



A Usina de Itaipu, no Rio Paraná, na fronteira entre Brasil e Paraguai, foi inaugurada em 1984, sendo a terceira maior hidrelétrica do mundo. Foto: Jonas de Carvalho/Wikimedia CC BY-SA 2.0.

Para buscar essa segurança, em 1966, o Brasil e o Paraguai decidiram construir uma usina hidrelétrica na Bacia do Rio Paraná, que fornece água para um terço da população brasileira.

Foi criado um consórcio internacional para estudar a viabilidade da Usina Hidrelétrica de Itaipu (palavra em tupi-guarani que significa “pedra que canta”), formado por empresas como a alemã Siemens, a sueca ASEA e a suíça Brown Boveri.

No início de 1975, os primeiros maquinários começaram a abrir terreno para a construção da nova usina, que desde o início se mostrou um grande feito da engenharia.

No auge da construção, mais de 40 mil pessoas trabalhavam ao mesmo tempo para desviar as águas do Rio Paraná, um esforço de números impressionantes.

Um pedacinho da Suécia

Desde o projeto até a inauguração da obra, a tecnologia e a expertise suecas se fizeram presentes. Os primeiros equipamentos de perfuração, sondagem e construção, por exemplo, foram fornecidos pela Atlas Copco, em 1976.

O princípio de funcionamento de uma hidrelétrica é simples: a força da água empurra as turbinas, que acionam os geradores de energia.





Trata-se de uma transformação constante de energia gravitacional em energia cinética e, enfim, na energia que consumimos em nossos lares. E, se o coração de Itaipu são os geradores, podemos dizer que eles têm um pouquinho da Suécia.

Geir Biledt, que no período foi o gerente da ASEA para a construção das subestações de Itaipu e suas linhas de transmissão, explica: “A ASEA forneceu os disjuntores de Itaipu, as subestações e linhas de transmissão, que levam a energia produzida pela usina até São Paulo”.

Em 1985, a ASEA quebrou o recorde mundial ao colocar em funcionamento o primeiro sistema de corrente contínua da usina. “Foi o primeiro sistema 100% digital do mundo, em uma época em que os sistemas eram analógicos, à base de relês e similares. As duas subestações de 6.300 MW e 600 kV somente foram superadas pela Usina de Três Gargantas, na China, em 2003”, comenta Geir.

A principal competidora da ASEA no período era a suíça Brown Boveri & Cie (BBC). As duas em-

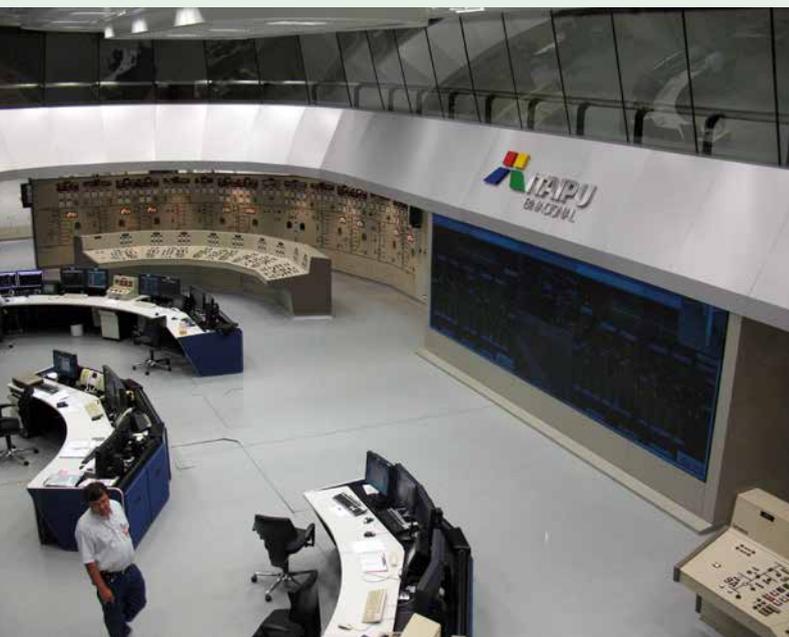
presas se fundiram em 1988 para formar a gigante ABB. Mas elas já estavam acostumadas a trabalhar juntas em diferentes partes e estágios de projetos grandiosos.

Assim, enquanto a ASEA construía as linhas de transmissão da usina, a BBC foi contratada para construir seus 18 geradores de energia – os maiores do mundo na época. Em 1984, o primeiro desses geradores entrou em funcionamento.

A ABB foi e ainda é um fornecedor premium das mais avançadas tecnologias presentes na Usina Hidrelétrica de Itaipu: são disjuntores da subestação, geradores, linhas de transmissão, painéis elétricos etc.

Todas as tecnologias suecas das linhas de transmissão e das subestações de Itaipu foram totalmente transferidas para o Brasil, que passou a produzir as peças necessárias para a manutenção dos equipamentos. “Esse foi o segundo maior contrato de exportação da Suécia à época. Foi um grande marco para todos nós”, diz Geir.

Esquerda: Sala de controle de Itaipu.
(Foto: Anagoria/ Wikimedia CC BY 3.0.)
Direita: Subestação de Itaipu.



Números de Itaipu

- 2,7 milhões de GWh produzidos desde 1984
- 14 GW de potência instalada

Localização: Rio Paraná, na fronteira entre Brasil e Paraguai

Início da construção: 1975

Conclusão: 1984

Propósito: geração de energia elétrica

Altura: 196 metros

Comprimento: 7.919 metros

Número de turbinas: 20

Operadora: Itaipu Binacional

Países atendidos: Brasil (11% da energia consumida) e Paraguai (88%)

Geração anual de energia: Aproximadamente 103 TWh

Impacto ambiental: Sem a barragem de Itaipu, o Brasil precisaria queimar cerca de 2 milhões de barris de petróleo para obter os mesmos 14 GW.

Para construir a gigante...

- 58 toneladas de explosivos foram usadas para escavar um volume de terra 8,5 vezes maior do que na construção do Túnel do Canal da Mancha (o túnel submarino que conecta a França à Inglaterra)
- 12,7 milhões de m³ de concreto – o suficiente para construir 97 pontes Öresund – foram usados.
- 50 milhões de toneladas de terra e rocha foram usadas na construção.
- 40 mil pessoas trabalharam no projeto.

A energia de hoje

A Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu é ainda hoje o maior gerador de energia limpa do mundo. Ela possui mais de 14 gigawatts de potência instalada – ou 11% de toda a energia consumida pelo Brasil e 88% da quantidade necessária para atender às necessidades do Paraguai. Até 2004, a usina havia gerado energia suficiente para abastecer o mundo inteiro por 36 dias.

A engenharia sueca ainda está presente nesse esforço contínuo. Em 2011, a ABB ganhou um contrato de R\$80 milhões da Binacional Itaipu, a empresa pública que gerencia o empreendimento, para projetar e construir uma subestação de disjuntores isolados a ar. Essa infraestrutura conecta a energia gerada na usina a uma linha de transmissão que abastece o Paraguai.



Geir Biledt na sua mesa, no Rio de Janeiro, em 1982.
(Foto: acervo pessoal)



Em 1912, o CEO da AGA, Gustaf Dalén, ficou cego após uma explosão de gás acetileno. No mesmo ano, ele foi agraciado com o Prêmio Nobel de Física.

AGA

Em 1904, foi fundada a Aktiebolaget Gasaccumulator, que viria a ser conhecida apenas como AGA, pioneira na fabricação de válvulas solares para faróis a gás. A empresa se instalou no Brasil ainda em 1915, como Companhia Brasileira Gassaccumulator, uma referência para todos os outros empreendimentos suecos que a sucederam. Atualmente, a AGA faz parte do Linde Group, sob a bandeira da White Martins no Brasil.

Liderada por um cientista visionário. Para muitos suecos, o inventor Gustaf Dalén, nascido em 1869 em Stenstorp, na Suécia, é um sinônimo de “AGA”. Ele se juntou à empresa em 1904, ano em que foi fundada, chegando ao cargo de CEO em 1909.

A AGA cresceu globalmente, construindo, entre outras soluções, as válvulas solares movidas a gás acetileno inventadas por Dalén, que equipavam faróis de navegação. Em 1912, uma explosão provocada pelo gás cegou o inventor, que, no mesmo ano, foi laureado com o Nobel de Física. Ele permaneceu no comando da AGA até falecer, em 1937.

As inovações da AGA revolucionaram o mundo moderno para muito além dos faróis. A soldagem a gás acetileno mudou as indústrias de corte e maquinário. Dessa forma, a AGA deixou sua marca na eletrônica, no setor da saúde, nos fogões domésticos e na radiodifusão.

Uma referência para os negócios suecos no Brasil

A grande estreia da AGA na América Latina foi um pedido de 30 faróis e 57 boias luminosas para o Canal do Panamá, em 1911, ainda em construção.

“Meu avô Gustaf Dalén achava que a América do Sul, com sua longa costa, era um mercado muito interessante para a AGA”, explica Göran Dalén, neto de Gustaf Dalén e um experiente CEO da indústria.

Em 1915, a empresa abriu suas portas no Rio de Janeiro (então capital do Brasil) para produzir oxigênio e acetileno. Nascia a Companhia Brasileira Gassaccumulator, renomeada para Companhia AGA do Brasil de Gás Acumulado.

As atividades da AGA no Brasil não se limitaram ao setor de gases industriais. Em 1919, o sueco Arend Holmberg, diretor da Holmberg & Beck, trouxe o engenheiro metalúrgico para construir uma fundição no Ipiranga, em São Paulo. Isso levou à criação da Fábrica de Aço Paulista S.A. (Faço), comprada pela AGA em 1920 devido às suas cotas locais de energia – muito escassa à época.

A Faço foi um sucesso para a AGA no Brasil, um país com pouca infraestrutura, mas que crescia

rapidamente. Ela ajudou a pavimentar o caminho para outras empresas suecas, como Viboverken (hoje Dynapac) e Avesta Steel & Alloys.

“Eu acho que meu avô Gustaf não chegou a visitar o Brasil, mas me lembro de quando meu pai, Gunnar Dalén, que foi CEO nos anos 1950 e 1960, voltou de uma viagem de negócios no Brasil. Ele contou à família sobre o país maravilhoso e sua nova capital, Brasília”, conta Göran Dalén.

Em 1972, a AGA vendeu a Faço para focar suas operações na produção e distribuição de gases industriais.

Transformando dificuldades em oportunidades de negócios

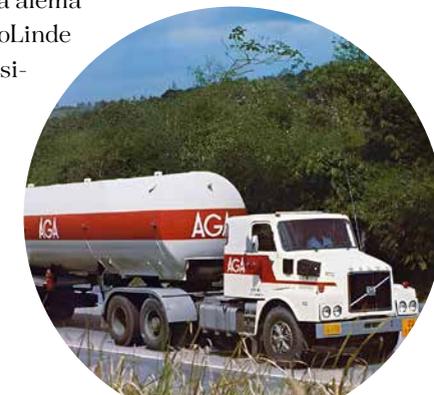
Lars Källsäter foi o CEO da AGA (Linde) do Brasil entre 1985 e 1990. Ele lembra: “No início dos anos 70, a AGA estava perdendo mercado no Brasil devido a uma baixa capacidade de investimentos. A empresa estava planejando uma fusão com a Air Liquide no país, assumindo uma posição de acionista minoritário na nova empresa.”

No entanto, um time de especialistas em *marketing*, finanças e produção afirmaram que a empresa deveria manter sua independência e investir em produção e distribuição no Brasil. Foi um ponto de virada para a AGA no Brasil, que investiu na construção de plantas de gás no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife.

Até 1986, a AGA do Brasil assinou mais de 100 contratos de fornecimento de gás. “Isso era muito mais do que já havia sido feito em qualquer um dos mercados da AGA. O otimismo e o entusiasmo dos brasileiros resumem essa história. Nós fomos vencedores”, conclui Lars.

Em 1999, a gigante do setor, a alemã Linde, comprou a AGA. O Grupo Linde também é dono da empresa brasileira White Martins, sob a qual opera no Brasil.

A AGA faz parte do Grupo Linde, um líder no setor de gases industriais.



A primeira fábrica da Alfa Laval na Marginal Pinheiros, em São Paulo, em 1965.

Alfa Laval

O engenheiro e inventor sueco Gustaf de Laval fundou a Alfa Laval em 1883 para fabricar e vender centrífugas separadoras para o setor de laticínios. 76 anos depois, a Alfa Laval iniciou suas operações no Brasil, com um foco nos setores de açúcar e álcool, navegação, petróleo e gás. Atualmente, a empresa possui duas fábricas e um centro de serviço no país, além de 500 funcionários, que atendem mais de 2 mil clientes.

AB Separator. Em 1883, Gustaf de Laval, o engenheiro e inventor sueco, criou uma centrífuga que separava a nata do leite. Aproveitando a crescente demanda por produtos industrializados na virada do século XIX, Gustaf e seu sócio Oscar Lamm fundaram a AB Separator. Fabricando desde bombas até trocadores de calor, em poucos anos a Alfa Laval diversificou sua gama de produtos e se tornou uma fornecedora líder da indústria em mais de cem países.

Em 1959...

76 anos após a sua fundação, a Alfa Laval já era uma multinacional presente com subsidiárias em mais de 8 países. No fim dos anos 50, chegava a hora de iniciar as operações no maior país da América Latina. Naquele período, o Brasil era uma das economias que mais crescia em todo o mundo. Em 1959, a Alfa Laval abriu suas instalações na Marginal do Rio Pinheiros, em São Paulo.

No final dos anos 70, após as duas crises do petróleo abalarem a economia global, o Brasil lançou o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), que impulsionou a produção de biocombustíveis no país. A Alfa Laval Brasil teve uma forte presença nessa revolução energética brasileira, desenvolvendo

localmente soluções para produção de etanol exportado para diversos países.



A Alfa Laval chegou ao Brasil em 1959.

A primeira década dos anos 2000 marcou um crescimento acentuado da Alfa Laval no Brasil. Em poucos anos, a empresa passou a fabricar no país trocadores de calor, *decanters*, bombas e centrífugas. Em 2008, a empresa abriu sua moderna linha de produção na sua unidade atual, na Rodovia Anhanguera, em São Paulo.

“A Alfa Laval Brasil é um dos principais fornecedores da indústria brasileira. Anualmente, nós atendemos cerca de 2 mil clientes dos mais diversos setores. Somos líderes de mercado na maior parte dos nossos produtos, que são considerados *premium* pela indústria”, afirma Fabio Muniz, presidente do Cluster da América Latina.

Em 2011, a empresa iniciou um período de ampliação das atividades no Brasil com a aquisição da Aalborg, fabricante dinamarquesa de caldeiras cujas operações no país localizavam-se em Petrópolis e Macaé, no estado do Rio de Janeiro. Três anos depois, a Alfa Laval inaugurou seu Centro de Serviços com foco no mercado de Óleo & Gás, em Rio das Ostras, também em terras fluminenses.

As mais recentes aquisições da Alfa Laval foram a norueguesa StormGeo e a Climatempo, um reconhecido serviço meteorológico brasileiro, que fortaleceram a posição da empresa no mercado marítimo, ao permitir maiores previsibilidade e eficiência energética para os seus clientes.

Acelerando o futuro

“Na Alfa Laval nós queremos que o futuro seja hoje, não amanhã. Nosso propósito como companhia é acelerar o sucesso dos nossos funcionários, do planeta e dos nossos clientes. Queremos criar soluções sustentáveis com os nossos parceiros. E, com isso, também queremos aumentar nossa representatividade dentro do grupo”, conclui Fabio Muniz.

Em 2014, a ASSA ABLOY adquiriu a Silvana, uma das empresas brasileiras líderes no setor de fechaduras e tecnologias de acesso. Sua fábrica está localizada em Campina Grande, na Paraíba.

Excelência desde 1849. O sueco August Stenman, então um aprendiz de chaveiro de apenas 23 anos, iniciou seu negócio de cadeados na cidade de Eskilstuna, em 1849. A nova empresa, então chamada August Stenman AB, logo começou a produzir cadeados e dobradiças. À medida que a industrialização avançou, a ASSA se tornou uma das pioneiras na adoção de novos conceitos para a época: produção em massa e automação.

No século XX, a ASSA aproveitou a reconstrução europeia no pós-guerra para crescer. Em poucos anos, a empresa passou a fornecer seus produtos para a indústria automobilística do país, em especial para a Volvo e a SAAB. Esses momentos foram impulsionados pelos tradicionais cadeados da empresa, conhecidos por sua excelência e durabilidade. Em 1994, após períodos de crise devido a mudanças no setor, a ASSA uniu forças à finlandesa ABLOY para formar a ASSA ABLOY, líder indiscutível em soluções de acesso.

Prestígio entre os brasileiros

A ASSA ABLOY chegou ao Brasil em 2001 com grande confiança na *expertise* da indústria local, o que levou a empresa a adquirir e fortalecer marcas de cadeados e soluções de acesso muito conhecidas pelos brasileiros – tudo isso sem deixar de expor

suas próprias marcas de renome internacional ao mercado local.

No seu ano de estreia no país, a ASSA ABLOY adquiriu a La Fonte, empresa centenária reconhecida pela sua segurança, *design* e sofisticação. Em 2014 e 2015, as fabricantes Silvana, Udinese e Papaiz – esta última, uma marca *top-of-mind* de cadeados – passaram a integrar o grupo.

Essa estratégia de aquisições no Brasil faz com que seja praticamente impossível passar por acessos de aeroportos, shoppings, hotéis, escolas e casas que não tenham uma solução ASSA ABLOY: uma empresa com forte presença no país, contando com seis fábricas.

A força da produção local

“O Grupo ASSA ABLOY Brasil está presente no país há mais de 20 anos, e este é só o início. Temos orgulho em ter marcas que fazem parte da história do Brasil, como Papaiz, Udinese, La Fonte, Silvana, Yale e Control iD. Para o futuro, nós pretendemos manter a nossa força de produção local, investir em pesquisa e desenvolvimento focando em tecnologia, sustentabilidade, segurança e na experiência de compra do cliente”, diz Luiz Buzzo, presidente do Grupo ASSA ABLOY Brasil.

ASSA ABLOY

Fundada há mais de 140 anos, a ASSA ABLOY é uma líder indiscutível em soluções de acesso, com operações em mais de 70 países. Atualmente, a empresa possui mais de 48 mil funcionários em todo o mundo. No Brasil desde 2001, a ASSA ABLOY conquistou o mercado nacional por meio da aquisição e do fortalecimento das mais prestigiosas marcas do setor.

Em 2015, a ASSA ABLOY adquiriu a Papaiz, marca *top-of-mind* de cadeados, fundada em 1952 e baseada em Salvador, Nordeste do Brasil.

Enfermeira mostra um frasco da vacina da AstraZeneca, em 2021, em um *drive-thru* de vacinação contra a Covid-19, no Memorial da América Latina, em São Paulo. (Foto: Rovena Rosa/ Agência Brasil)

AstraZeneca

A farmacêutica multinacional AstraZeneca foi fundada em 1913 na Suécia, sob o nome Astra AB. Em 1998, a empresa se fundiu com sua concorrente britânica Zeneca Group PLC, transformando-se na líder do setor. No Brasil desde 1937, a AstraZeneca é uma das marcas mais lembradas e reconhecidas pelos brasileiros devido ao grande sucesso de sua vacina contra a Covid-19.

Ciência, inovação e crescimento. A Astra AB foi criada em 1913, na Suécia, por 400 médicos e farmacêuticos, para produzir medicamentos localmente. A empresa trouxe inovações como o antibiótico penicilina e os anestésicos, e desenvolveu medicações como Losec e Aptin. Em 1990, a Astra foi ao mercado em busca de parceiros para lutar contra os altos custos de desenvolvimento e a pressão de atores externos.

Em 1998, a Astra e a multinacional britânica Zeneca anunciaram uma fusão que criou a AstraZeneca, uma farmacêutica global sediada em Londres e que mantém seu centro de P&D em Gotemburgo, na Suécia.

87 anos de presença

A chegada da AstraZeneca ao Brasil remonta o ano de 1937, quando a empresa (então apenas Astra) comprou uma pequena farmacêutica local, que produziu medicamentos até 1970. O negócio foi então vendido para a Lepeti, uma subsidiária da Dow Chemical.

No início dos anos 90, a Astra decide montar uma operação no Brasil e, em 1994, começa a construir sua nova fábrica em São Paulo. Na época, a empresa empregava 400 pessoas.

Após a fusão, a AstraZeneca estabeleceu-se no país em 1999, e hoje está localizada em Cotia, em São Paulo. Orgulhosa da sua presença no Brasil,

a empresa está comprometida com a melhoria da qualidade de vida de 5 milhões de pacientes brasileiros até 2025, por meio da oferta de um sólido portfólio de medicamentos e um programa inovador de desenvolvimento de produtos. A AstraZeneca busca criar soluções focadas no paciente, para ajudar os sistemas de saúde locais a lidarem com seus desafios.

Ajudando o Brasil a vencer a Covid-19

In 2020, AstraZeneca signed a technology transfer. Em 2020, a AstraZeneca assinou um acordo de transferência de tecnologia com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) para o desenvolvimento e a produção da vacina contra a Covid-19 no Brasil.

A parceria foi um sucesso: milhões de doses foram – e ainda são – produzidas e distribuídas para a população brasileira. Esse acordo também abriu caminho para mais colaborações na luta contra outros desafios de saúde pública no Brasil.

Dose da vacina da AstraZeneca contra a Covid-19. (Foto: Organização Pan-Americana da Saúde, 2021)



Time da Atlas Copco
em Barueri

Atlas Copco

A fabricante global de equipamentos Atlas Copco foi fundada em 1873 para fornecer peças para as ferrovias suecas. Operando no Brasil desde 1955, a empresa já havia vendido produtos ao país desde 1910. Hoje, a Atlas Copco emprega mais de 1.500 pessoas no Brasil, sendo a sua operação brasileira uma das maiores exportadoras de talentos para todo o grupo.



Tudo começou com as ferrovias... Nos anos 1870, Eduard Fränckel trabalhava na Statens Järnvägar – a empresa estatal sueca que administrava as ferrovias do país – quando muitas estradas de ferro foram construídas na Suécia. Nesse contexto, ele enxergou uma janela de oportunidade para a criação de uma empresa que poderia ajudar na construção das ferrovias. E fundou uma, com investimentos vindos de André Oscar Wallenberg e seu banco, o atual SEB. A empresa ficou conhecida como Atlas, mas logo mudou seu nome para Atlas Diesel, em 1917, ano em que passou a fabricar motores a diesel. Em 1955, a empresa ganhou o nome de hoje, após adicionar soluções pneumáticas ao seu portfólio de produtos. Com o passar do tempo, produtos e divisões foram tanto adicionados quanto descontinuados. Hoje, a Atlas Copco produz ferramentas industriais e equipamentos em quatro divisões de negócios: Power Technique, Compressor Technique, Industrial Technique e Vacuum Technique. Seus clientes estão em praticamente todos os setores da indústria, em 180 mercados ao redor do mundo.

68 anos no Brasil

Em 1955, a Atlas Copco abriu um centro de assistência técnica no Rio de Janeiro. Os produtos da Atlas já estavam presentes no país desde 1910, por meio de representantes de vendas. Mas, em 1959, com uma progressiva demanda por equipamentos puxada pelo rápido crescimento brasileiro, a Atlas Copco inaugurou sua primeira fábrica em Santo Amaro, em São Paulo. .

Os produtos da Atlas Copco fizeram-se presentes nas mais importantes obras de infraestruturas do Brasil, como a Usina de Itaipu, os metrô de São Paulo e Rio de Janeiro, a Rodovia dos Imigrantes, entre muitas outras.

“A Atlas Copco sempre teve uma presença muito forte na indústria brasileira, de onde vem grande parte dos nossos clientes.

Também temos uma longa história nos setores de construção e mineração. Sempre contribuimos com soluções inovadoras que são peças-chave para a competitividade das indústrias brasileiras”, diz Carlos Maia, Vice-Presidente da Atlas Copco Holding, que atende oito países na América Latina.

Atualmente, a Atlas Copco Brasil emprega 1.600 pessoas, que atendem mais de 12 mil clientes no país.

Talentos do Brasil pelo mundo

Os colaboradores da Atlas Copco Brasil podem seguir carreira na empresa. Não é incomum começar como estagiário ou *trainee* e chegar a cargos de liderança. O comprometimento da filial brasileira com o desenvolvimento de recursos humanos fez do Brasil a segunda maior fonte de talentos para a Atlas Copco globalmente.

“Nós vamos continuar a trabalhar para manter a Atlas Copco em uma posição de liderança dentro da economia brasileira, sempre entregando as melhores soluções tecnológicas, desenvolvendo talentos locais, e ajudando nossos clientes a serem mais verdes. Nós sabemos que vamos continuar a investir nas pessoas, em aquisições e crescimento orgânico, pesquisa, desenvolvimento etc. Nossa história no país mostra que temos agilidade, flexibilidade e comprometimento para fazer tudo isso e muito mais”, diz Carlos.



Sede da Atlas Copco Brasil.

Um boneco de testes de colisão
– os *dummies* – durante teste de
airbag lateral da Autoliv.

Autoliv

Autoliv, fundada no oeste da Suécia em 1953, é considerada líder mundial no setor de segurança automotiva. É referência de inovação na indústria há 70 anos e hoje emprega 60 mil funcionários em 28 países. A empresa está presente no Brasil desde 1997, onde emprega cerca de mil pessoas em dois centros operacionais em Taubaté (SP) e Goiana (PE).

70 anos de inovações a favor da vida. Em 1953, o inventor sueco Lennart Lindblad e seu irmão Stig Lindblad fundaram a Lindblads Autoservice AB para produzir soluções de segurança automotiva, como cintos de segurança. Nos anos 90, a Autoliv decidiu expandir suas operações em todo o mundo. Hoje, detém 43% do mercado global. E, mais que sua participação no mercado, a empresa é conhecida pelo número de vidas salvas graças aos seus produtos: 35 mil em 2021, segundo estimativas.

Brasil: negócio sólido e promissor

A Autoliv iniciou suas operações no Brasil em 1997, e seu crescimento no país ganhou um impulso com a expansão dos fabricantes de automóveis nos anos 90. O principal objetivo da Autoliv era ter uma produção local para fornecer produtos a fabricantes de automóveis, como Audi, Renault, VW e Ford.

Quando uma lei que exigia *airbags* frontais foi aprovada em 2012, a Autoliv decidiu expandir seu parque industrial no país, ampliando a fabricação de *airbags*, cintos de segurança e volantes.

Em 2022, a empresa expandiu ainda mais suas atividades no país, abrindo uma nova unidade na cidade de Goiana, em Pernambuco, dentro do complexo JEEP do Grupo Stellantis.

A sustentabilidade é uma parte fundamental da estratégia de negócios da Autoliv Brasil. Em 2021, a empresa lançou uma estratégia climática com metas ambiciosas que vão desde as operações na fábrica até toda a cadeia de suprimentos.

Um futuro mais seguro no trânsito

“Estamos há 25 anos no Brasil ajudando a salvar mais vidas, um fato que nos enche de orgulho. Celebrar esta data é um reconhecimento de todas as coisas boas que fizemos no passado, de nossa história, com a convicção da base sólida que construímos ao longo dos anos. É a partir desse alicerce que olhamos para o futuro e continuamos nossa jornada de salvar mais vidas todos os dias”, diz Magnus Pereira, Diretor Geral da Autoliv do Brasil.

Autoliv está no Brasil desde 1997. “*Great Place to Work*”, a julgar pela felicidade dos dois rapazes na fábrica de Taubaté, em São Paulo.



World Childhood Foundation

Fundada em 1999 por iniciativa de S.M. Rainha Silvia da Suécia, a World Childhood Foundation é uma instituição privada sem fins lucrativos de atuação global, que promove e defende os direitos de crianças e adolescente, com foco no enfrentamento à violência sexual. No Brasil, a Childhood já investiu cerca de 90 milhões de reais em projetos que beneficiam crianças em situação de vulnerabilidade.

“Toda criança tem o direito de ser criança.”

A World Childhood Foundation foi fundada em 1999 pela Rainha Silvia da Suécia, uma notável defensora das crianças. Em 1996, Estocolmo sediou o Primeiro Congresso Mundial Contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças, organizado pelo Unicef e outras ONGs da causa. Esse evento motivou a Rainha a criar a Childhood, com o apoio de empresários e fundações filantrópicas suecas.

Uma instituição que já nasceu global, com escritórios na Suécia, na Alemanha, nos Estados Unidos e no Brasil, a Childhood atua em diversos países nos quatro cantos do planeta. Sempre com

uma visão muito clara, representada na declaração da Rainha Silvia: “Toda criança tem o direito de ser criança.”

Defendendo e protegendo crianças em todo o Brasil

No Brasil, a Childhood é uma importante parceira da sociedade civil organizada e das instituições brasileiras. A organização financiou pesquisas, estudos e mais de 80 publicações que trouxeram dados importantes para a criação de políticas públicas e leis que tratam da causa no Brasil.



Em 2022, a Rainha Silvia e a Princesa Madeleine visitaram o Instituto Resgatando Vidas, na Zona Norte de São Paulo. O Instituto promove a transformação social de crianças e jovens por meio do esporte e da capacitação profissional. (Foto: Joel Silva)





Laís Peretto, Diretora Executiva da Childhood Brasil.

Em 2017, a instituição conseguiu aprovar a Lei Federal 13.431/2017, que criou o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência. A lei nasceu de uma cooperação celebrada entre a Childhood Brasil, o Conselho Nacional de Justiça, o Tribunal de Justiça de São Paulo e o Congresso Nacional.

Com 24 anos de atuação, a Childhood Brasil já investiu 90 milhões de reais em iniciativas e programas que beneficiaram milhões de pessoas no país, entre crianças, adolescentes e seus familiares.

O presente e o futuro são de todas as crianças

“Nosso desafio é preparar a instituição para ser sustentável por muitos anos e conseguir maximizar o impacto do nosso trabalho, atingindo os 5.569 municípios brasileiros. O cenário é complexo, mas precisamos derrubar tabus, usar a educação sexual como importante arma de prevenção, entender como o machismo e outras causas culturais contribuem para as violências, e, juntos, enfrentar o problema. Todos fazem parte da solução. É como costumamos dizer aqui dentro da Childhood Brasil: problemas coletivos só podem ser resolvidos coletivamente”, diz Laís Peretto, Diretora Executiva da Childhood Brasil.



Em novembro de 2022, a Princesa Madeleine, a Rainha Silvia e o Rei Carl Gustavo da Suécia visitaram a terra de infância da Rainha, o Brasil. A visita foi focada nas atividades da Childhood Brasil na Bahia e em São Paulo.

(Fotos: canto superior esquerdo por Joel Silva, demais por Hugo Batista Nascimento/ Prefeitura de Vitória da Conquista)



Galpão de inspeção da Camfil em Jaguariúna, São Paulo.

Camfil

A Camfil desenvolve e produz filtros de ar. Fundada em 1963 na pequena cidade sueca de Trosa, por Gösta Larson, a empresa rapidamente se transformou em uma referência global no seu setor. No Brasil, desde 2006, a Camfil possui uma das plantas mais modernas do grupo, que conta com 45 experientes colaboradores.

Os ventos do desenvolvimento. Nos anos 60, a Suécia planejava a construção de usinas nucleares no país, o que levou à demanda por filtros de ar de alta qualidade. No entanto, na época não havia fabricantes na Europa que atendessem às demandas estritas das autoridades do país. Mas Gösta Larson, que trabalhava para uma pequena empresa de tratamento de ar, foi solicitado para achar uma solução. Ele fundou a Cambridge Filter, nos EUA, e, em parceria com essa empresa, a Camfil AB, que passou a atender a esses requisitos rigorosos de segurança radioativa.

Em pouco tempo, a empresa se tornou um fornecedor *premium* de soluções de filtração do ar, com operações em 31 instalações, seis centros de P&D e 5.200 empregados mundialmente.

Produtos de alta qualidade para um mercado desafiador

Em 2006, a Camfil iniciou suas operações no Brasil, um mercado para o qual já tinha exportado seus produtos. Em 2015, abriu uma nova e moderna fábrica no país, uma referência tecnológica para o mercado da América Latina. “O crescimento sólido e progressivo da Camfil no Brasil nos deu um sinal verde para construir uma planta nacional. Assim, conseguimos ser mais eficientes e atender às demandas dos nossos clientes”, diz Leandro Aires, Diretor Executivo da Camfil Latinoamérica.

Atualmente, a Camfil Brasil emprega 45 *experts* em *design*, desenvolvimento e montagem de filtros de ar. Seus produtos podem ser encontrados em

hospitais, *data centers*, siderúrgicas, aeroportos, *shoppings centers*, entre outros locais espalhados pelo país, que responde por 50% das receitas da Camfil na América Latina.

Inovações “fit for purpose”

O mercado brasileiro é conhecido pelos seus desafios e particularidades. Isso não é novidade. Para lidar com isso, a Camfil possui uma equipe de engenheiros dedicados ao desenvolvimento de soluções adequadas às realidades dos seus clientes. Essas inovações podem ser bastante diferentes do produto original. “Além disso, nós priorizamos soluções que diminuam custos para nossos clientes”, explica Leandro.

No caminho da liderança

“Nós ainda somos um dos mais novos competidores no mercado de filtros de ar do Brasil, mas somos líderes globais. Nosso objetivo é continuar a crescer até chegarmos à liderança no Brasil e na América Latina. Temos investimentos a fazer na nossa estrutura local. Temos uma posição consolidada, com as instalações mais modernas do Brasil, movida por um time extremamente competente. O nosso crescimento é uma consequência natural! Nenhum obstáculo é páreo para trabalho duro, esforço e dedicação”, diz Leandro.

Montagem de filtros na planta de Jaguariúna, São Paulo.



A Diaverum é uma provedora global de serviços de tratamento renal fundada em 1991, na Suécia.

Diaverum

A multinacional de *healthcare* Diaverum fornece tratamentos de cuidados renais que melhoram a qualidade de vida de pacientes com doença renal crônica. As raízes da empresa remontam ao ano de 1991, na Suécia. Ela atua no Brasil desde 2015.

Inovação pela qualidade de vida. Em 1991, a líder em tecnologia médica sueca, Gambro Healthcare, fundou uma divisão separada de cuidados de saúde, que, entre outras funções, administrava clínicas de diálise. Isso, por sua vez, se baseou no legado do professor Nils Alwall, um dos pais fundadores da diálise, que também inspirou, em 1964, a criação da Gambro, um dos principais fabricantes de equipamentos de diálise do mundo por muitas décadas.

Em 2007, a Gambro administrava 153 clínicas de saúde em 11 países, tratando mais de 14 mil pacientes anualmente. Naquele ano, Gambro Healthcare surgiu a Diaverum, uma empresa separada.

Hoje, a Diaverum opera mais de 440 clínicas em 23 países, fornecendo cuidados renais para cerca de 40 mil pacientes em todo o mundo a cada ano e construindo a visão de fornecer acesso universal a cuidados renais de classe mundial para pacientes globalmente.

No Brasil desde 2015

Em 2015, a Diaverum iniciou suas operações no Brasil abrindo um escritório em São Paulo. Dois anos depois, adquiriu suas primeiras clínicas de diálise localizadas em Guarulhos (São Paulo) e Aracaju (Sergipe). Em 2018, a empresa adquiriu mais três clínicas de diálise na região metropolitana de São Paulo e Aracaju. No mesmo ano, também adquiriu uma importante operação para cuidados agudos, atendendo hospitais nos estados de Sergipe e São Paulo.

No fim de 2018, a Diaverum já atendia mais de 1.800 pacientes com doença renal crônica e continuou sua expansão nacional com três clínicas. Em 2020, a empresa desenvolveu sua própria plataforma de telemedicina para consultas remotas,

tornando-se o primeiro serviço de consulta e clínica de diálise de nefrologia (especialidade da medicina interna relacionada aos rins).

Até 2022, com dez clínicas e atendendo a mais de 3.800 pacientes renais crônicos, a Diaverum expandiu seus cuidados agudos e atendeu mais de 35 hospitais nos estados de São Paulo, Sergipe e Bahia. Atualmente, ela realiza 50 mil tratamentos em suas próprias clínicas e mais de 24 mil procedimentos agudos por ano.

O foco principal da Diaverum é a hemodiálise, mas ela também oferece um portfólio de tratamentos que vão desde cuidados preventivos, diálise peritoneal e terapias domiciliares até coordenação de comorbidades dos pacientes, diálise em feriados e cuidados coordenados para pacientes diabéticos.

“Apesar dos grandes desafios no setor de saúde no Brasil, a Diaverum tem investido estrategicamente e consolidado sua liderança no tratamento renal no país. Vemos um grande potencial de crescimento por aqui”, fala Luciano Bonaldo, Country Manager da Diaverum Brasil says Luciano Bonaldo, Country Manager of Diaverum Brazil.

Luciano Bonaldo, Country Manager da Diaverum Brasil.

Mentor Media (parte do Grupo Elanders)

Nascido na Suécia como uma gráfica, o Grupo Elanders cresceu e se tornou um *player* global, oferecendo uma vasta carteira de soluções para gerenciamento da cadeia de suprimento. O Grupo também imprime livros – como este, impresso pela sua subsidiária brasileira Mentor Media.

Fundado em 1908. Nesse ano, Otto Elander, Nils Hellner e Emil Ekström fundaram uma gráfica em Gotemburgo. Os jornais impressos e os livros estavam crescendo muito na Suécia, seguindo as ondas da industrialização – e as gráficas estavam com tudo. A Elanders foi uma das gráficas que mais surfou nessa onda: foi escolhida para imprimir todas as listas telefônicas do país.

81 anos após a sua fundação, a empresa abriu seu capital, e em 1990, começou a reestruturar seu negócio para aproveitar a nova onda da globalização e digitalização.

Hoje, o Grupo Elanders oferece soluções de gestão da cadeia de suprimentos para uma série de indústrias, como a automotiva, a da moda e varejo, a eletrônica etc. A Elanders possui aproximadamente 7 mil funcionários em 20 países.

No Brasil...

No Brasil, a Elanders construiu sua presença de maneira constante ao longo do tempo. Em 2007, o Grupo adquiriu a gráfica brasileira Artcopy, como parte da estratégia de aumentar sua presença local.

A Mentor Media continua a expandir sua presença no Brasil. Em 2017, estabeleceu a Mentor Gerenciamento de Supply Chain, uma empresa de soluções para impressão e montagem de embalagens, bem como para cadeia de suprimentos. A fábrica dessa nova empresa está localizada em Salto, no estado de São Paulo.

Desde então, a fábrica dobrou de tamanho, e as operações de *supply chain* expandiram suas capacidades por meio de novas soluções tecnológicas, equipamentos e processos.



A Mentor Media imprimiu este livro que você está segurando.



A Mentor Gerenciamento de Supply Chain, parte do Grupo Elanders, é uma empresa de soluções de impressão, embalagens e cadeia de suprimentos com uma fábrica em Salto, São Paulo.

Homem e máquina trabalham lado a lado na fábrica da Electrolux do Brasil, em São Carlos, São Paulo.

Electrolux

A fabricante de eletrodomésticos Electrolux começou a vender seus aspiradores em 1919 e logo passou a fazer geladeiras, fogões, máquinas de lavar e outros bens da linha branca. A empresa chegou ao Brasil em 1926, sete anos após sua fundação. Hoje, a Electrolux Brasil se esforça para entregar um dia a dia mais agradável e sustentável para seus clientes, contando, para isso, com 52 mil colaboradores. Em 2021, a empresa vendeu mais de 60 milhões de produtos no mundo inteiro.

Fundada em 1919. A Electrolux foi fundada no final da primeira década do século XX, em 1919, por Axel Wenner-Gren, um homem visionário, cheio de energia e confiante, que, em uma de suas viagens, encontrou a maior invenção do seu tempo: o aspirador de pó. Ele criou a Electrolux, uma empresa que não apenas importava aspiradores, mas também os produzia na Suécia. Além disso, em 1925, a Electrolux começou a produzir e vender geladeiras. E a carteira de produtos da empresa apenas cresceu: Estados Unidos, Europa Ocidental e América Latina foram seus destinos. Hoje a Electrolux está presente em lares de 120 países.

Brasil: um dos primeiros mercados

Em 1926, após comprar uma comerciante local de eletrodomésticos, a Prosdócimo, a Electrolux instalou sua própria fábrica em Curitiba, no estado do Paraná. Durante esses anos iniciais, a empresa focou seu esforço nas vendas porta a porta. Hoje, isso traz a imagem de um vendedor insistente tentando “chutar a porta”, mas na época essa modalidade de vendas era conhecida pelo respeito à privacidade dos clientes. Os produtos da Electrolux fizeram sucesso no Brasil, um país que estava se modernizando. Os negócios da Electrolux na América Latina floresceram. “Desde que iniciamos nossas operações no Brasil, nosso propósito tem sido moldar a vida das pessoas para melhor e reinventar as experiências em casa. Nos quase 100 anos em que a empresa está no Brasil, mudamos junto com a sociedade e os consumidores, agindo de forma sustentável e criando experiências melhores por meio de investimentos em inovação e mantendo uma estratégia centrada no ser humano e no consumidor, que impacta a vida em casa de maneira mais sustentável. Nós nos enxergamos como atores sociais em um mundo em rápida mudança: temos um compromisso claro com um ambiente de trabalho com mais diversidade e inclusão”, diz Leandro Jasiocha, CEO da Electrolux para a América Latina.

A tradição da Electrolux no Brasil está representada por muitos momentos marcantes. Em 1950, a empresa construiu sua primeira fábrica de aspiradores e polidores de piso em Guarulhos, São Paulo. Em 1996, comprou a Refrigeração Paraná, dona das marcas locais Prosdócimo e Clímax. No mesmo ano, a empresa abriu um centro de design em Curitiba, um dos mais relevantes do grupo no mundo, que exporta conceitos e ideias de produtos para consumidores ao redor do globo.

Em 1997, a Electrolux lançou sua primeira geladeira 100% livre de CFC, mais conhecido como “freon” no Brasil. Essa iniciativa foi levada adiante com a abertura de uma grande fábrica na Zona Franca de Manaus, no coração da Amazônia.

Hoje, a empresa possui duas fábricas em Curitiba e mais duas em São Carlos e Manaus. Os produtos e serviços da empresa estão presentes em 65% das casas brasileiras, fazendo do Brasil o quarto maior mercado de geladeiras, máquinas de lavar, fogões, entre outros para o Grupo.

O amanhã

“Nossa operação na América Latina é bastante sólida, apesar do momento desafiador na economia que o mundo enfrenta neste ano, o que pode ser superado com um foco contínuo na experiência e nas necessidades dos consumidores. Eletrodomésticos são grandes aliados no dia a dia, e fazem parte das histórias de seus lares. Portanto, nós acreditamos que podemos encontrar formas de estabelecer uma comunicação melhor com os nossos clientes, pois só assim poderemos oferecer produtos e serviços mais sustentáveis, que dialoguem com a pluralidade da América Latina”, conclui Leandro.

Colaboradores na Electrolux do Brasil na linha de montagem de eletrodomésticos.



Funcionários da Epiroc trabalhando com perfuratriz DML.

Epiroc

A Epiroc é um parceiro líder das indústrias de mineração, infraestrutura e recursos naturais, presente em mais de 150 países. No Brasil desde 1955, quando a primeira unidade de perfuração manual foi instalada, hoje a empresa tem 260 colaboradores que atendem mais de 70 clientes em dez estados brasileiros.

Da Atlas Copco para o mundo. O nome Epiroc significa “na rocha”, que vem de expressões do grego antigo e do latim. Mas a empresa ganhou vida bem recentemente, em 2018. Até então, era uma divisão dentro do Grupo Atlas Copco, fundado em 1873. Hoje em dia, a Epiroc gosta de dizer que é uma empresa com cinco anos de idade e 150 anos de tradição nos setores de mineração, engenharia civil e recursos naturais.

Desde 1955 no Brasil

Nos anos 50, o Brasil industrializava rapidamente e experimentava um momento de grande crescimento econômico. A necessidade de infraestrutura fez do país um verdadeiro canteiro de obras. Esse era o cenário no qual a Epiroc (então parte da Atlas Copco) chegou em 1955. Na época, a empresa montava unidades de perfuração em Santo Amaro, em São Paulo.

Nas décadas seguintes, a Atlas Copco se tornou um dos principais fornecedores de equipamentos para as maiores empresas de construção civil e mineração do Brasil.

Hoje em dia...

A Epiroc é uma líder de mercado no Brasil, com mais de 260 empregados atendendo mais de 70 clientes em dez estados brasileiros. “Nós estamos presentes em todo o território nacional para oferecer as melhores soluções para nossos clientes. A grande produtividade dos nossos equipamentos, aliada ao nosso serviço de excelência e às tecnologias de ponta que nós oferecemos, são os principais motivos que garantem que os nossos clientes terão as melhores experiências conosco. Garantimos a satisfação dos nossos clientes, sempre com responsabilidade e ética. Além disso, o desenvolvimento de canais de venda indiretos por meio dos nossos parceiros de negócios é parte da nossa estratégia para fazer os nossos produtos chegarem às mais diferentes regiões do Brasil”, explica Kamshat Galiyeva, Gerente Geral da Epiroc Brasil.

Think new

“Nossa visão é *Dare to think new* (“Ouse pensar o novo”, em tradução direta). A Epiroc está se reinventando rapidamente, lado a lado com os setores em que atuamos. Tudo o que fazemos objetiva com que sejamos a primeira escolha de nossos clientes – e dos nossos atuais e futuros funcionários. Para isso, trabalhamos com uma consciência positiva, estabelecendo confiança e ganhando preferência por meio da melhoria consistente de desempenho e liderança em inovação. Fortalecer a posição de nossa marca no mercado e oferecer a melhor experiência ao cliente por meio da excelência operacional será o foco principal nos próximos anos”, conclui Kamshat.



Time da Epiroc na Expo & Congresso Brasileiro de Mineração (EXPOSIBRAM), em setembro de 2022.

Pelé, com apenas 17 anos, na Suécia para a Copa do Mundo de 1958, fala ao telefone usando um "Ericofon", um aparelho de plástico que ficou conhecido como "cobra phone".

Ericsson

A empresa de telecomunicações Ericsson, fundada em 1876, montou suas operações no Brasil nos anos 20. Mas, já no final do século XIX, a empresa instalou o primeiro telefone fixo do país, na residência do Imperador Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. E em 1900, entregou a primeira central telefônica em solo brasileiro. Hoje, a Ericsson é uma das empresas que mais fazem pesquisa e desenvolvimento no Brasil, sendo responsável por mais de 160 famílias de patentes com impacto global.

Fundada em 1876, quando Lars Magnus Ericsson, com apenas 32 anos, abriu uma oficina mecânica numa rua pacata de Estocolmo. Dentre as coisas que ele consertava, estavam telefones importados dos Estados Unidos. Logo ele percebeu que poderia construir aparelhos melhores por conta própria. A partir dessa ideia, e ajudado pela sua esposa, Hilda, ele criou a empresa que leva seu nome. Em apenas algumas décadas, a Ericsson cresceu e se tornou uma fabricante global de telefones e estações de redes.

...chegou ao Brasil nos anos 1920

Prova de seu crescimento, em apenas alguns anos a Ericsson cruzou o Atlântico e chegou aos Estados Unidos, em 1902, na Argentina e no México, ambos na virada do século. Em 1923, era a hora do Brasil. Começava assim a Sociedade Ericsson do Brasil (EDB), que tinha sede no Rio de Janeiro, então capital do país.

O mercado brasileiro de telefonia da primeira metade do século XX era dominado pela Companhia Telefônica Brasileira (CTB), que comprava equipamentos de outras empresas. Mesmo com grande concorrência, a Ericsson insistiu no Brasil. Em meados dos anos 40, a empresa já tinha construído uma presença sólida no país, especialmente em regiões que estavam fora da concessão da CTB.

A fábrica mais antiga da Ericsson ainda em operação

Nos anos 50, o governo brasileiro implementou medidas para reduzir a dependência por produtos importados. E a Ericsson abriu sua fábrica em São Paulo, em 1952.

Com o passar dos anos, a demanda pelas soluções da Ericsson só aumentou. Nos anos 60, a

empresa forneceu todos os equipamentos de telecomunicações para Brasília, a nova capital do país. Em 1974, viu-se a necessidade de abrir uma nova fábrica em São José dos Campos, São Paulo – a mais antiga planta da Ericsson ainda em funcionamento em todo mundo.

Ericsson: o Sr. 5G no Brasil

Os anos 90 trouxeram o mercado gigantesco da telefonia móvel, que chegou e ficou. E a Ericsson soube aproveitar como poucas durante a primeira década do século XXI. Atualmente dedicada a redes de conectividade e à tecnologia 5G, a empresa é a única que produz equipamentos de 5G no Hemisfério Sul, em sua fábrica brasileira.

Neste ano, a Ericsson celebra seus 50 anos de investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação no Brasil. “Para 2020-2025, anunciamos um investimento de R\$ 1 bilhão em pesquisa, que vai nos ajudar a desenvolver novas soluções de 5G, seja em infraestrutura, seja em redes privadas e acesso fixo sem fio (FWA), e permitir que novas oportunidades de negócios em diversos setores possam ser geradas. O 5G é uma grande oportunidade para o Brasil crescer sua competitividade globalmente”, fala Rodrigo Dienstmann,

CEO da Ericsson para o Cone Sul da América Latina.

says Rodrigo Dienstmann, Ericsson’s CEO for Latin America.

Fábrica da Ericsson em São José dos Campos, em 1968, então a maior fábrica de telefones da América Latina. Hoje, ela fabrica equipamentos para o 5G.





O futuro do 5G e da IA se constrói sobre laços históricos no Brasil

Todo mundo fala sobre o potencial da inteligência artificial, da automação e do *machine learning* hoje em dia. Essas novas tecnologias vêm revolucionando a forma como nos comunicamos, produzimos e levamos a vida. É um exercício difícil imaginar um amanhã com todas essas possibilidades. Mas é isso que Ícaro Leonardo da Silva faz todos os dias na Ericsson: pensa o futuro do 5G. E tudo isso sobre os ombros de gigantes: muito conhecimento e a herança de uma bela história de colaboração entre a Ericsson e as universidades brasileiras.

Assim como muitas empresas de tecnologia, a gigante das telecomunicações Ericsson está fortemente envolvida com o desenvolvimento e implantação do 5G, a quinta geração de redes móveis, com velocidades inéditas. Com o 5G, não são apenas as interações entre humanos que se tornam mais simples. As soluções da Internet das Coisas, automação, machine learning e iniciativas de Inteligência Artificial entram em outra realidade.

No Brasil, a empresa sueca projeta, produz e fornece equipamentos de redes e infraestrutura para as operadoras de telefonia brasileiras, que podem entregar aos seus clientes internet móvel de alta velocidade e baixa latência para todo o país.

A Ericsson investe em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) no Brasil há mais de 50 anos, mas os esforços atuais superam tudo o que fora visto antes. Em 2021, a empresa abriu um Centro Global de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Indaiatuba, São Paulo, para desenvolver tecnologias de IA, automação e machine learning.

Esse esforço de P&D tem como uma de suas bases a parceria com cerca de 16 universidades do país. Isso ajuda a Ericsson a impulsionar seus avanços no 5G, também respaldados pela academia.

Não é de surpreender que a única fábrica de equipamentos de 5G do Hemisfério Sul fique no Brasil.



Esquerda: *drone* monitora caixas em um galpão. A fábrica da Ericsson no Brasil é a única fabricante de *hardware* 5G no Hemisfério Sul.

Direita: Ícaro Leonardo da Silva, Diretor de Propriedade Intelectual da Ericsson

O atual Diretor de Propriedade Intelectual da Ericsson – e um dos inventores mais produtivos da empresa – é o brasileiro Ícaro Leonardo da Silva, engenheiro electricista formado pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Ícaro conheceu a Ericsson em 2009, quando cursava o mestrado na UFC, pesquisando telecomunicações sem fio em um projeto em parceria com a empresa sueca.

“Essa parceria foi a primeira desse tipo no Brasil desde o desenvolvimento da tecnologia 3G. E ainda está ativa. A Ericsson tem de fato contribuído para o fortalecimento da educação de nível superior, pesquisa e inovação nas universidades brasileiras. Como aluno de mestrado, tive a oportunidade de viajar para a Suécia e expandir meus conhecimentos lá”, conta Ícaro.

“O Brasil é um país continental, que enfrenta grandes desafios para democratizar o acesso à comunicação. É uma área prioritária para muitos, mas especialmente para a Ericsson. A empresa sempre buscar simplificar a comunicação. E no Brasil, nós temos uma mão de obra altamente especializada para buscar esse objetivo”, explica.

As possibilidades do 5G no Brasil estão muito além do que a Ericsson pode oferecer sozinha. Por isso, a empresa promove um ecossistema de inovação, do qual faz parte. “Nós temos uma plataforma gigante e avançada com capacidades como poucas possuem. Mas também precisamos que haja uma indústria criativa, um mercado de *startups* aquecido e, acima de tudo, com pessoas empreendedoras. E nós temos tudo isso no Brasil”, diz Ícaro.



Time da FinanZero em 2022.

FinanZero

Em 2015, o sueco Olle Widén fundou a FinanZero com a missão de desburocratizar o acesso ao crédito no Brasil. Uma empresa brasileira com tecnologia e modelo de negócio suecos, a *fintech* é a buscadora de crédito número um do país, com 70 bancos integrados em sua plataforma

Brasil – lugar de oportunidades para ideias suecas. Em 2010, o economista sueco Olle Widén se mudou para o Brasil para trabalhar na filial da Bloomberg no país. Olle trouxe consigo um sonho: empreender. “Sou de Estocolmo, onde a cultura empreendedora é muito forte. Desde que cheguei, vi muitas oportunidades e, inspirado em negócios da Escandinávia, fundei a FinanZero com alguns parceiros suecos”, conta Olle Widén, fundador e CEO da empresa.

A FinanZero é um *marketplace* de empréstimos *online* que tem como missão facilitar o acesso ao crédito no Brasil. A empresa busca e compara as opções de crédito de mais de 70 instituições financeiras que estão na sua plataforma. No fim, entrega a melhor solução de crédito para os seus clientes.

“Nosso serviço é totalmente gratuito para os consumidores. Nós recebemos uma comissão dos nossos parceiros apenas quando um contrato de empréstimo é assinado”, explica Olle.

Muita tecnologia é necessária para integrar tantos sistemas, processos e uma grande quantidade de dados. Um dos fatores que ajudaram a empresa no país foi o alto nível de inovação do mercado financeiro brasileiro. “Fiquei impressionado com a inovação das *fintechs* brasileiras, e o Banco Central do Brasil

sempre foi um apoiador das iniciativas que visam à desconcentração e à desburocratização do setor bancário. Sem toda essa ajuda, a onda das *fintechs* de hoje não seria possível”, diz.

Em pouco tempo, a empresa atingiu a marca de 35 milhões de solicitações de empréstimos, 1,5 milhão por mês. No total, mais de 1 bilhão de reais em operações de crédito foram intermediados pela *fintech*. Olle acredita que parte desse sucesso vem da construção de uma marca *top-of-mind*, amplamente reconhecida e lembrada pelo grande público. Em uma estratégia de *marketing offline*, a empresa lançou anúncios comerciais nas maiores emissoras de TV do Brasil, tendo como embaixador um popular apresentador do país.

Um guia financeiro para os brasileiros

A FinanZero tem uma visão clara: ser a primeira escolha de todos os brasileiros que buscam crédito. “Queremos ser um guia para nossos clientes na selva dos bancos. Na FinanZero, eles devem encontrar tudo de que precisam. Queremos ajudar as pessoas por meio do conhecimento e, no final, contribuir para democratizar o acesso ao crédito e aumentar a concorrência no mercado”, diz Olle.

Ao pensar no futuro da FinanZero no Brasil, ele olha para a tradição das empresas suecas no país. “As empresas suecas têm a confiança dos brasileiros e isso nos ajudou, na FinanZero, a criar nosso negócio e nos conectar a novos bancos. A longo prazo, queremos ser uma referência não só para os clientes, mas também para outras empresas suecas que pensam no Brasil”, conclui Olle.



Olle Widén, fundador e CEO da FinanZero.

Getinge

A empresa de tecnologia médica Getinge nasceu em 1904, na Suécia, inicialmente como fabricante de máquinas para a agricultura. 21 anos depois, a empresa ingressou no setor de saúde. O escritório brasileiro da Getinge foi aberto quase 100 anos após sua fundação, em 2003. Hoje a empresa possui mais de 100 empregados no Brasil.

Aurélio Kalaes Carmona,
Diretor Geral da
Getinge Brasil.

Suécia, 1904: o jovem empreendedor Olander Larsson fundou a Getinge, uma oficina para fabricar máquinas agrícolas. Mas, em 1932, poucos anos após a morte de Olander, a empresa passou a fabricar esterilizadores. Foi o passaporte da Getinge para o setor de saúde, um fornecedor global de equipamentos médicos com mais de 10 mil empregados no mundo inteiro.

Brasil: maior mercado de saúde da América Latina

Em 2003, a Getinge abriu seu primeiro escritório de vendas e importação no Brasil – e na América Latina. Até então, a empresa apenas vendia seus produtos por meio de representantes de vendas e distribuidores independentes.

A Getinge Brasil tem como sede o seu escritório na Vila Leopoldina, em São Paulo. Mais de 100 pessoas trabalham para a empresa no Brasil, apoiando a Getinge nas suas duas áreas de negócios: Life Science e Medical Devices.

A área de Life Science oferece soluções para o mercado farmacêutico. “Nossos produtos estão presentes na fabricação de remédios, vacinas e produtos do agronegócio”, explica Aurélio Kalaes Carmona, Diretor Geral da Getinge Brasil.

Já a divisão de Medical Devices tem os hospitais como principais clientes. Esses são produtos usados em terapias cardíacas e pulmonares, assim como em UTIs. Os ventiladores pulmonares da Getinge, considerados uns dos melhores do mundo, se tornaram bastante conhecidos durante a pandemia da Covid-19.

Atualmente, a Getinge Brasil possui 30% do mercado de Medical Devices e 40% em Life Science. Mas a empresa quer mais. “O Brasil é um mercado estratégico para o grupo e, apesar de representamos apenas 2% das vendas globais e 12% na América Latina, acreditamos que temos diversas oportunidades de crescimento da nossa presença. São inúmeras ações e estratégias que estamos adotando para isso desde 2021”, afirma Aurélio.

Muitas oportunidades à frente

“A política, com todas as suas incertezas, é um fator muito importante a se considerar, claro. Mas não podemos apenas olhar sob essa ótica. Precisamos abrir os olhos para as grandes oportunidades que o Brasil oferece. Elas são o resultado da capacidade dos brasileiros de transformar adversidades em oportunidades. A Getinge Brasil tem toda chance de continuar a crescer e ter sucesso”, conclui Aurélio.



Equipe da Getinge Brasil
na Feira Hospitalar, em São
Paulo, em 2022.

Colocando a mão na massa
no estilo Husqvarna.

Husqvarna

Com mais de 330 anos de existência, o Grupo Husqvarna é um dos líderes mundiais na fabricação de equipamentos de jardinagem, manejo florestal e construção. No Brasil desde 1978, a Husqvarna vem aumentando sua linha de produtos fabricados localmente, focando sua produção para o mercado agrícola.

Desde 1689. A Husqvarna começou sua história há mais de 330 anos, na cidade de Huskvarna, no sul da Suécia, como uma fabricante de rifles. Com o passar dos anos, seu foco mudou bastante. Em meados do século XVIII, por exemplo, as máquinas de costura ganharam protagonismo. No início do século XIX, a Husqvarna produzia bicicletas, utensílios de cozinha e motocicletas. E em 1919, expandiu ainda mais sua gama de produtos, chegando ao seu maior símbolo até hoje: o cortador de grama. Atualmente, a Husqvarna oferece soluções para manejo florestal e manutenção de áreas verdes, que ajudam profissionais e usuários residenciais. Reconhecida internacionalmente, a empresa tem mais de três mil patentes registradas e 14 mil empregados.

45 anos de Brasil

A Husqvarna entrou no Brasil em 1978, ano em que a gigante sueca Electrolux comprou a empresa globalmente. Em 2000, a Husqvarna inaugurou sua fábrica em São Carlos e começou a fabricar cortadores de grama, motosserras, entre outras máquinas. O escritório da Husqvarna no Brasil é o centro das operações do grupo na América Latina, sendo responsável por mais de 15 países na região.

Ainda no começo dos anos 2000, após a saída do grupo Husqvarna da Electrolux, a empresa continuou a crescer. No Brasil, aumentou sua equipe, sua rede de revendedores e assistências técnicas. “Esse crescimento significou uma diversificação do nosso portfólio. Por 45 anos, a Husqvarna vem trazendo inovações para o paisagismo, a jardinagem em áreas urbanas, a manutenção de áreas verde, bem como para a agricultura familiar”, diz Mauro Favero, Vice-Presidente de Vendas e Serviços da Husqvarna para a América Latina.

Um Hub de Inovações na América Latina

A Husqvarna do Brasil é um centro de inovações para todos os mercados emergentes onde a empresa atua. Desde campanhas de *marketing* até o desenvolvimento e teste de novos produtos, o Brasil sempre está na frente. “As oportunidades do agronegócio brasileiro abriram espaço para a criação de uma unidade de negócios global dedicada ao setor”, explica Mauro.

Superando desafios diários por uma vida melhor

“Os investimentos em áreas verdes e, especialmente, no agronegócio estão crescendo no Brasil. E essa realidade tem tudo a ver com o futuro da Husqvarna. Temos a expectativa que esse crescimento se mantenha nos próximos anos. Sabemos que precisamos nos tornar cada vez mais fortes para que isso aconteça, sempre trabalhando lado a lado do nosso consumidor final. Nosso propósito é ajudar as pessoas nos seus desafios do dia a dia, para que elas tenham uma maior qualidade de vida”, conclui Mauro.

Colaboradora da Husqvarna na
fábrica da empresa no Brasil.



A metalurgia do pó combina inovação e tecnologia de soluções para diversos segmentos da indústria.

Höganäs

Líder mundial na produção de pós metálicos, a Höganäs possui uma tradição de mais de 225 anos no setor industrial. As atividades da empresa no Brasil começaram em 1999, após a aquisição de um competidor brasileiro. As operações da Höganäs localizam-se em Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo, onde emprega 160 pessoas.

Do carvão aos pós-metálicos. A história da Höganäs começou ainda nos anos 1600, quando a condessa Maria Sophia De la Gardie, que já possuía negócios de agricultura e manufatura, adquiriu um castelo na região de Höganäs, na Suécia. As terras desse castelo possuíam uma mina de carvão, que deu origem à Höganäsbolaget em 1789. Com o passar do tempo, a empresa soube adaptar sua produção às necessidades da sociedade, que estava se desenvolvendo. Do carvão, a Höganäs passou a explorar argila, um subproduto da mineração de carvão, que levou a empresa a produzir cerâmica. Depois da Segunda Guerra Mundial, a Höganäs fechou suas minas de carvão e voltou-se à produção de pós metálicos, uma iniciativa que também foi desenvolvida a partir da mineração.

Expertise brasileira

Em 1999, a Höganäs comprou a Belgo Brasileira, uma empresa local pioneira na produção de pós-metálicos, localizada em Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo. Muitos brasileiros experientes e treinados se juntaram à empresa, que se tornou um centro de *expertise*.

Em 2008, a empresa expandiu sua planta, que hoje possui mais de 55 mil metros quadrados e produz mais de 50 mil toneladas de pós metálicos por ano. No mesmo ano, a Höganäs introduziu novas ligas para a reciclagem de alumínio; e, em 2011, lançou seus primeiros produtos para tratamento de água e solo. Rapidamente, a Höganäs Brasil virou uma referência para diversas indústrias que usam pós metálicos, como a metalúrgica, a automotiva, a alimentícia, a aeroespacial e até mesmo a manufatureira aditiva.

Um *Hub* para a América do Sul, a Höganäs Brasil exporta para países como Colômbia, Chile, Peru, Argentina e México. A empresa estima que seu portfólio cubra cerca de 90% de todo o mercado de pós metálicos.

Um produto amigo do meio ambiente

A produção de pós metálicos pode ser feita de diferentes maneiras: seja a partir da redução do minério ou escória de ferro, seja pela fusão de sucata de ferro, o que se obtém é um pó fino com propriedades especiais, com inúmeras aplicações. No fim de sua vida útil, 97% desses pós podem ser reciclados e transformados em novos produtos. No Brasil, a Höganäs somente utiliza sucata de ferro na sua planta – que, por sua vez, é movida por energia de fontes renováveis. Isso tudo faz com que a empresa tenha uma pegada de carbono muito pequena.

Reconhecida pela sustentabilidade e por seus altos padrões de segurança na indústria, a Höganäs Brasil foi a primeira indústria da Região do Alto Tietê a instalar uma estação de captação e tratamento de água da chuva. No país, a empresa recicla 95% de seus resíduos, número acima da média do grupo (83%).

Novas demandas para os pós metálicos

Adriano Machado está na presidência da Höganäs Brasil desde 2015 e é um entusiasta do futuro da empresa: “Höganäs Brasil continuará a estimular o crescimento da indústria brasileira e da nossa comunidade”, ele diz. “Nós celebramos cada conquista no nosso negócio de pós metálicos e queremos deixar um legado para as próximas gerações, na medida em que ajudamos a superar desafios para um mundo mais sustentável e seguro”, conclui.

Na planta de Mogi das Cruzes, a Höganäs cria soluções em pós metálicos que ajudam a indústria a fazer mais com menos.



Luíza da Katam no trabalho em 2022.

Katam

A empresa sueca de tecnologia florestal Katam foi criada em 2017. Em apenas cinco anos, chegou a incríveis 80 países, incluindo o Brasil e suas grandes florestas. O seu foco é estabelecer relações de longo prazo com *players* do mercado brasileiro, ao passo que introduz novas tecnologias para uma indústria mais digital e moderna.

Em 2017, o engenheiro e proprietário de florestas Krister Tham criou a Katam junto com um colega para transformar a indústria florestal em um negócio mais digital. Krister acreditava que deveria haver maneiras mais eficientes de medir e coletar dados mais precisos de plantações de florestas, em comparação aos métodos manuais.

A solução inovadora criada pela Katam consiste em uma aplicação que usa uma câmera de celular e Inteligência Artificial para tirar medições de grandes áreas florestais precisamente. Hoje, a aplicação pode medir uma área de aproximadamente mil metros quadrados por minuto e fornecer ao usuário, por exemplo, o número preciso de árvores e o diâmetro médio que cada uma possui dentro daquele perímetro.

A empresa também é capaz de transferir esse conhecimento a outros países, como o Brasil, que é um mercado prioritário para a Katam.

...de olho no Brasil

Foi por meio da empresa de papel e celulose chilena CMPC que surgiu o interesse da Katam pelo Brasil. Não é muito difícil imaginar que um país com tantas florestas seria o lugar perfeito para suas soluções. E, com uma ajuda da empresa brasileira Agrodata, a Katam abriu suas primeiras conversas com *players* brasileiros.

Logo depois, a Katam ingressou no mercado brasileiro, trabalhando lado a lado com a Agrodata, que representou as vendas da Katam para pequenas empresas do Brasil. Atualmente, a Katam tem uma presença sólida no mercado nacional, em contato com mais de 50 empresas no país.

“Nosso momento é muito animador. Estar nos estados do Paraná e de Santa Catarina foi uma

grande experiência, e nós temos grandes expectativas para o Brasil”, diz Magnus Karlson, Diretor de Vendas e Marketing da Katam. Magnus também explica que, em 2023, a empresa espera abrir sua primeira subsidiária fora da Suécia, no Brasil.

Um futuro promissor

A Katam está em contato com várias empresas brasileiras, o que abre caminho para um crescimento exponencial no país nos próximos anos. As plantações de florestas – madeira para fabricação de papel e celulose – são o aspecto mais atrativo do mercado brasileiro. “São mais de 11 milhões de hectares de florestas plantadas, sendo 80% eucalipto e 20% de pinho. Esse é o nosso foco”, explica Karlson.

No entanto, a implementação da tecnologia da Katam não é sempre um trabalho fácil. O setor florestal é um tanto relutante em adotar novas tecnologias, mesmo que isso signifique redução de custos. Mas a Katam acredita que a tecnologia veio para ficar e que as empresas vão aceitar essas mudanças – para isso, basta que elas sejam mais usadas no campo. O aplicativo da Katam já é utilizado em mais de 80 países, e a empresa está confiante de que ele se tornará um grande sucesso no mercado brasileiro.

O CEO da Katam, Krister Tham, demonstra suas soluções para a CMPC, em dezembro de 2022.





Brasil, Suécia e o jogo bonito

Não é apenas no mundo dos negócios que Brasil e a Suécia têm grandes afinidades. No futebol – o jogo bonito –, as duas seleções são as que mais se encontraram na história das copas. Além disso, há também um grande intercâmbio de jogadores e técnicos entre os dois países.

POR HENRIK BRANDÃO JÖNSSON

A primeira vez em que Suécia e Brasil se enfrentaram em uma Copa do Mundo foi na França, em 1938. A estrela da seleção brasileira era Leônidas da Silva, apelidado como o “homem-borracha”, por causa das suas bicicletas. Na disputa pelo terceiro lugar, em Bordeaux, ele mostrou sua elasticidade contra a Suécia. E, apesar de sair perdendo por 2 a 0 no primeiro tempo, o Brasil virou o jogo e ganhou por 4 a 2.

Quando o Brasil sediou a Copa do Mundo de 1950, o time amador da Suécia venceu o jogo de abertura contra a favorita Itália, no Pacaembu, por 3-2, e avançou para a fase final. O primeiro jogo do mata-mata foi contra os donos da casa, no recém-inaugurado Estádio do Maracanã.

Na Suécia, a Copa do Mundo virou febre, mas nenhum correspondente sueco foi enviado para cobrir o torneio. As rádios recorreram, então, a Gunnar Göransson, um apaixonado por futebol que trabalhava para a Facit, fabricante sueca de maquinários, no Brasil.

Ao final do primeiro tempo, o Brasil já vencia por 3 a 0. E Göransson não se preocupou em aprender o nome dos jogadores brasileiros – apenas se referia a eles pelo número do uniforme.

“O número oito está na cola de Gård. Olha como ele joga. O número nove está na entrada da área. Ele passa a bola para o número oito, que passa... ops, ops, ops! É goool! Ops! Gool! Ops, ops! O número 11 domina a bola. O nove passa para o 11, que faz o

gool. Ops, ops, ops. Tiro de meta novamente. Placar final: 7 a 1 para o Brasil.”

Diante de 138 mil espectadores, no Maracanã, a Suécia sofreu sua maior derrota em Copas do Mundo. O então gerente da Facit ficou conhecido na Suécia como “Oops-oops-Göransson”.

Quando foi a vez de a Suécia sediar uma Copa do Mundo, em 1958, Göransson também foi um importante ator, mas para o lado brasileiro. A Confederação Brasileira de Desporto (CDB, hoje CBF) o contratou para achar um lugar para a seleção.

Visto que os jogos do Brasil na fase de grupo iriam acontecer na costa oeste da Suécia, Göransson escolheu a pequena cidade de Hindås.

O Brasil havia acabado de vencer a semifinal da Copa do Mundo de 1994. Os suecos Martin Dahlin e Klas Ingesson cumprimentam Zetti, Dunga, Ronaldo, Paulo Sérgio e Romário, do Brasil. (Foto: Tomas Oneborg/ SVD)

A notícia de que o time do Brasil havia chegado ao hotel correu rápido. E logo uma multidão se reuniu na porta do hotel. Entre os fãs, estava Lena, com 14 anos. “Foi um momento emocionante”, ela contou.

No primeiro dia, um rapaz de 17 anos se aproximou dela. “Ele era muito fofo.” Ele se apresentou como Pelé. “Eu não sabia quem era ele, era um desconhecido.”

Pelé era o mais jovem do time e começava as partidas no banco de reservas.

Após esse primeiro encontro, Lena e Pelé se viram todos os dias em Hindås.

“Tudo era muito inocente. Nós caminhamos de mãos dadas ao redor do lago. Ele acariciou meu





cabelo e demos um selinho. Não nos beijamos de língua. Eu tinha apenas 14 anos!”

Toda manhã, Lena ia de bicicleta até o hotel.

“Eu queria estar com ele, mesmo que nós não pudessemos nos comunicar: ele não falava inglês e eu não falava português.”

Lena e Pelé namoraram por três semanas. Quando o Brasil foi jogar a semifinal em Estocolmo, o jovem casal teve de dizer tchau. O romance de verão terminava.

“Eu fiquei tão triste. Nós nos apaixonamos. Eu não fiz mais nada naquele verão.” Ela nem sequer assistiu à final na TV.

A Suécia chegou à final depois de derrotar a Alemanha Ocidental, o que complicou as coisas para os brasileiros, que haviam vencido a semifinal contra a França. Os comandantes da Seleção não haviam imaginado que jogariam contra os donos da casa, que também jogavam de amarelo. O Brasil não tinha uniforme reserva. Quando o chaveamento colocou a Suécia como mandante, os brasileiros foram às lojas de Estocolmo em busca de 16 polos azuis. Naquela noite, o roupeiro da equipe teve que tirar os escudos das camisas amarelas e costurá-los nas azuis.

No minuto 4 da final, Nils Liedholm surpreendeu o Brasil com um gol. No segundo tempo, porém, a partida mudou. O Brasil ganhava de 2 a 1, quando Pelé, aos 55 minutos, dominou a bola no peito e, na grande área, deu um chapéu no zagueiro Julle Gustavsson e, de voleio, marcou o terceiro gol da Seleção, um dos mais bonitos da história das Copas.

O Brasil venceu por 5 a 2. E Pelé desabou: soluçando nos braços de Bellini, o capitão da equipe, o jovem de 17 anos foi ovacionado pelos seus companheiros.

Quando entrevistei Pelé, 50 anos depois, perguntei o que passou pela sua cabeça naquele momento.

“Eu imaginei que eu tinha feito algo importante, mas me perguntei: o Brasil sabia disso? Meu pai estava escutando ao jogo no rádio? Ele sabia? Quando eu me dei conta de que sim, me enchi de lágrimas.”

Era o primeiro título do Brasil em mundiais.

No ano seguinte, o Botafogo saiu em excursão pela Suécia. O time enfrentou o AIK, de Estocolmo, e depois seguiu para Umeå, no norte do país, onde jogou com o Gimonäs IF. Depois do jogo, os anfitriões convidaram a visitante para se juntar a eles em uma festa no hotel da cidade. O astro do Botafogo, Garrincha, chamou uma cabeleireira de 25 anos para dançar, e, assim como Pelé com Lena no ano anterior, Garrincha ficou encantado com a sueca. O craque pediu ao seu colega de quarto para ficar no bar enquanto ele a levava para o seu quarto. Nove meses depois, ela deu à luz um menino no hospital de Umeå. O bebê foi dado para adoção. Quando a notícia saiu, muito tempo depois, o *Jornal Expressen* publicou a manchete: “Garrincha tem um filho na Suécia”. O futebol havia criado laços de sangue entre os países.

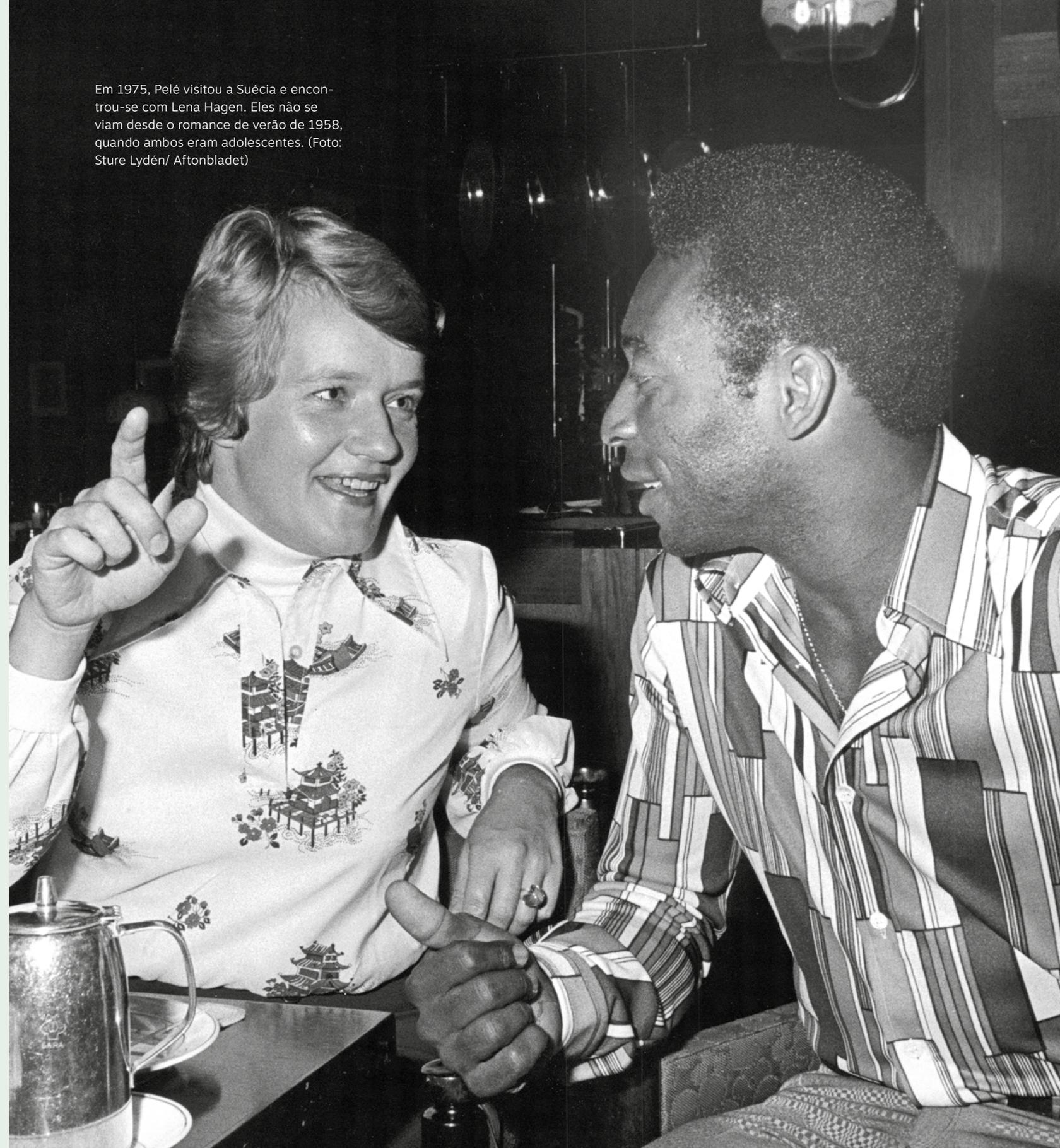
Brasil e Suécia só se encontrariam novamente na fase de grupos da Copa do Mundo 1978, na Argentina. Os brasileiros – favoritos – foram pegos de surpresa quando, no minuto 37, Thomas Sjöberg (Malmö FF) abriu o placar. O Brasil empatou ainda no primeiro tempo. Nada mudou até o minuto final, quando, após um escanteio, Zico (Flamengo) cabeceou a bola para o gol. Mas o juiz galês frustrou a comemoração: disse que já havia apitado antes de a bola entrar.

“Imagine você fazer um gol na sua primeira partida de Copa do Mundo e ver seu país desclassificado. O juiz nos roubou”, disse Zico, um tempo depois.

Até hoje, esse gol anulado é o momento mais controverso das relações futebolísticas sueco-brasileiras.

A seguinte cena aumentou a suspeita de Zico acerca do árbitro: antes do escanteio, o juiz se aproximou do goleiro sueco, Ronnie Hellström, e sussurrou algo em seu ouvido, o que parece tê-lo acalmado.

Em 1975, Pelé visitou a Suécia e encontrou-se com Lena Hagen. Eles não se viam desde o romance de verão de 1958, quando ambos eram adolescentes. (Foto: Sture Lydén/ Aftonbladet)





Marta and Pia Sundhage hug it out after Sweden beat Brazil in the semifinals of the 2016 Olympics in Rio. Pia Sundhage was then Sweden's head coach – but in 2019 she became Brazil's. (Photo: Pontus Orre / Aftonbladet)

A outra oportunidade em que a Suécia ficou frente a frente com a Seleção foi na fase de grupos da Copa de 1990, na Itália. O Brasil venceu por 2 a 1, apesar de os suecos contarem com Tomas Brolin em um excelente momento, que marcou um dos gols mais bonitos de sua carreira. A Suécia não avançou para o mata-mata; o Brasil caiu diante da Argentina nas oitavas de final. Os resultados decepcionantes foram rapidamente esquecidos: os times chegaram bem na Copa do Mundo de 1994. De novo, os países caíram no mesmo grupo.

Nos 23 minutos iniciais, no Pontiac Silverdome, em Detroit, Brolin deu uma assistência genial a Kennet Andersson, que encobriu o goleiro Taffarel, marcando 1 a 0. O empate do Brasil só viria no segundo tempo, com um gol de Romário. Apesar de ficar em primeiro no grupo, o Brasil teve que enfrentar os Estados Unidos, os donos da casa, nas oitavas. Já a Suécia teve um caminho mais fácil contra a Arábia Saudita. Nas quartas, os suecos derrotaram a Romênia nos pênaltis e o Brasil eliminou a Holanda. Os dois países estavam de novo frente a frente, disputando uma vaga na final da copa.

Para evitar o que acontecera na Argentina anos antes, o brasileiro João Havelange, então presidente da FIFA, trocou um juiz europeu pelo colombiano José Torres Cadena antes da partida. No 63º minuto, com o placar empatado em 0 a 0, muitos afirmaram que essa mudança beneficiou o Brasil. O capitão sueco Jonas Thern foi expulso após fazer uma falta em Dunga, o capitão da Seleção. Todos achavam que ele merecia apenas um amarelo.

Brasil e Suécia na Copa do Mundo

França 1938: Bordeaux, disputa do terceiro lugar	4-2
Suécia 1958: Estocolmo, final	5-2
Argentina 1978: Mar del Plata, fase de grupos	1-1
Itália 1990: Turim, fase de grupos	2-1
EUA 1994: Detroit, fase de grupos	1-1
EUA 1994: Los Angeles, semifinal	1-0

Pelé treina em Hindås, em 1958. (Foto: GP)

Com um a menos, a Suécia não conseguiu segurar o ataque brasileiro. Faltando apenas dez minutos, o baixinho Romário, com apenas 1,67 m de altura, colocou o Brasil na final após saltar e cabecear a bola para o gol; 1 a 0 Brasil.

Esse foi o jogo mais recente entre Brasil e Suécia em Copas – vamos torcer para que não seja a última vez. As partidas sempre foram momentos marcantes e permanecem vivas nas memórias de tantas pessoas. Aonde quer que eu vá no Brasil, sempre tem alguém querendo conversar sobre os jogos entre Brasil x Suécia. As gerações mais antigas gostam de falar sobre a final de 1958 e admiram o fato de nosso rei Gustav V Adolf ter colocado a medalha de ouro em Pelé, que viria a se tornar o Rei do Futebol. Já as gerações mais novas preferem lembrar de 1994 e, acima de tudo, falar sobre o goleiro sueco Thomas Ravelli. Sua alegria e suas palhaçadas após salvar a Suécia durante as cobranças de pênaltis contra a Romênia lhe renderam um apelido: o Príncipe dos Palhaços.

Os lanços futebolísticos entre Suécia e Brasil são tão fortes

que a treinadora mais bem sucedida da Suécia comanda a Seleção Brasileira Feminina há quatro anos. No seu jogo de estreia, Pia Sundhage conquistou os brasileiros: seu time goleou a arquirrival Argentina por 5 a 0 no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, em 2019. O segredo dela foi misturar a criatividade brasileira com a organização sueca, uma combinação que pode conquistar o mundo.

Sobre o autor: Henrik Brandão Jönsson é o correspondente do jornal diário sueco Dagens Nyheter para a América Latina. Ele mora no Rio de Janeiro desde 2002 e já escreveu quatro livros sobre o Brasil. Sua última publicação é Viagem pelos Sete Pecados da Colonização Portuguesa, uma narrativa antropológica que expõe as heranças positivas e negativas do colonialismo português.



Marta Vieira da Silva

– ou só Marta – é muitas vezes chamada de “a maior jogadora de futebol de todos os tempos”. Ela ganhou seis vezes o prêmio de Melhor Jogadora do Ano, da FIFA, entre 2006 e 2010, e novamente em 2018.

A longa carreira internacional de Marta começou em Umeå, na Suécia, onde ela atuou entre 2004 e 2009, levando o clube a vencer a Liga dos Campeões da UEFA Feminina em 2004 e diversos títulos suecos. Ela voltou ao país em 2012 e ajudou Tyresö FF a vencer o Campeonato Sueco de Futebol nesse ano. Ganhou mais dois títulos nacionais em 2014 e 2015, dessa vez pelo FC.



A Lexly abriu seu escritório no Brasil em 2020.

Lexly

A Lexly, *lawtech* pioneira, foi fundada em 2004, na Suécia, e chegou ao Brasil em 2020, sua terceira operação no exterior. Baseando-se no princípio de que a lei deve ser acessível para todos, as soluções jurídicas da Lexly já chegaram a mais de 20 mil pessoas no Brasil.

Em 2004, um grupo de empreendedores dos setores financeiro e jurídico fundou a Lexly na Suécia, com a missão de “tornar a lei acessível a todo mundo por meio da tecnologia”. Nascia a primeira *lawtech* da Suécia. A companhia oferece assistência jurídica para pessoas físicas e empresas – tudo *online*. Até hoje, mais de 250 mil pessoas – e contando! – já usaram o sistema da Lexly.

Primeiro, uma *joint venture* no Brasil

Em 2020, após uma expansão bem-sucedida para a Finlândia, a Lexly chegou ao Brasil, o segundo maior mercado de serviços jurídicos do mundo. Uniu forças à Webrock Ventures, uma empresa de investimento especializada em trazer novos negócios nórdicos para o Brasil, para começar as atividades no país.

“A Lexly chegou no Brasil em um momento muito bom, contando com um parceiro confiável e profissionais competentes que estabeleceram a empresa em um mercado de 200 milhões de pessoas”, explica Juliana Barbiero, CEO e fundadora da Lexly.

A Lexly Brasil conta com 15 funcionários e mais de mil advogados associados à sua plataforma. Eles já ajudaram mais de 20 mil brasileiros de todos os 27 estados. “Qualquer pessoa ou empresa que precise de um advogado no Brasil pode facilmente encontrar na Lexly”, diz Juliana.

Inovações para um mercado muito particular

A Lexly tem criado soluções de tecnologia que se encaixam às especificidades do mercado jurídico brasileiro. “O setor de justiça em todos os países é muito regulamentado. Dessa maneira, a Lexly Brasil teve que adaptar grande parte dos procedimentos suecos à realidade brasileira, como soluções em serviços de cartório e *marketplace* de advogados. Esses novos modelos de negócios começaram no Brasil e agora estão se tornando globais”, afirma Juliana.

Apenas o começo

O Brasil é uma terra de oportunidades para a Lexly, pois possui mais advogados do que qualquer outro país do mundo, mas esses profissionais não estão conectados a *networks* ou grandes firmas de advocacia. Já a maior parte dos brasileiros lida com questões judiciais sem nenhuma assistência ou conhecimento jurídico. Para isso, a Lexly Brasil oferece apoio jurídico a qualquer cidadão. “Eu espero que a Lexly Brasil possa fazer com que a lei e a justiça estejam mais presentes no dia a dia dos brasileiros, impactando positivamente toda a sociedade”, diz Juliana.

Juliana Barbiero, CEO e fundadora da Lexly Brasil.



Sistema de tratamento de ar "customizado" – o ICA 3000-120, da Munters.

Munters

A fabricante de equipamentos de desumidificação e resfriamento evaporativo Munters foi fundada na Suécia em 1955. Rapidamente, tornou-se um líder indiscutível no setor. No Brasil desde 1995, a empresa exporta seus produtos para todo o Mercosul.

Em 1955. A Munters foi fundada pelo empresário Carl Munters, o empresário Marcus Wallenberg e duas outras pessoas, em 1955, para fornecer soluções de desumidificação e resfriamento evaporativo. Durante sua vida, C. Munters teve mais de mil patentes concedidas. A Munters moderna é fruto dessa *expertise* do seu fundador, da sua equipe qualificada e das suas aquisições estratégicas. Tudo isso fez da empresa um líder internacional no setor, com uma sólida presença em 25 países e 3.500 funcionários.

O início de uma história de sucesso

A Munters chegou ao Brasil em 1995 para atender à demanda por equipamentos de controle de umidade para a rede de supermercados Walmart, que chegava à América do Sul na mesma época. Em 1996, a fábrica da empresa entrou em operação em Curitiba, uma cidade com forte presença de empresas suecas.

“Na sequência, o Walmart encerrou suas operações, mas a Munters ficou no Brasil e expandiu seus negócios no país”, conta Mariovaldo da Silva, Diretor Geral da Munters Brasil. Pouco tempo depois, a empresa se mudou para a Cidade Industrial de Curitiba, e atualmente está localizada em Araucária. .

A Munters nos setores mais dinâmicos da economia brasileira

Hoje, a Munters do Brasil desenvolve aplicações dos seus produtos para o mercado local, que são exportadas para toda o Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) e outros países (Bolívia e Chile) atendidos por filiais da empresa. São soluções tecnológicas criadas para atender aos

mais diversos setores da economia brasileira, como o sucroalcooleiro, papel e celulose, agricultura, farmacêutico, entre outros.

Mariovaldo conta que o desenvolvimento de novas aplicações localmente é fruto da qualidade da equipe da Munters Brasil. O reconhecimento desse trabalho fez com que a filial brasileira da empresa se tornasse uma exportadora de talentos. “Muitos profissionais formados na Munters do Brasil atuam hoje em outras unidades da empresa pelo mundo, inclusive na Suécia”, afirma.

Um futuro promissor para o Brasil

Em outubro de 2022, a Munters Brasil assinou uma intenção de compra da Inobram Automações, uma empresa brasileira que desenvolve sistemas para automação de granjas de aves e suínos. A aquisição ainda aguarda a análise do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), que deve ser finalizada ainda no primeiro semestre.

Essa aquisição está alinhada aos interesses da Munters Brasil. “Nós acreditamos que podemos melhorar muito a maneira de produzir alimentos. A questão da Internet das Coisas vem se tornando uma realidade muito forte no país. E a Munters vai ser uma empresa pioneira não somente na fabricação de equipamentos, mas na geração de dados”, conta Mariovaldo.

Fábrica da Munters Brasil, em Araucária, Paraná.



Equipe da Mölnlycke
Brasil em 2022.

ONE, MAKE A

Mölnlycke

Líder mundial em soluções médicas, a Mölnlycke foi fundada em 1849, em Gotemburgo, como fornecedora de gaze para hospitais na Suécia. Operando no Brasil desde 2017, a empresa atende cerca de 550 instituições médicas, vendendo mais de nove milhões de curativos. Tudo isso graças aos seus 50 funcionários no país.

Espírito pioneiro desde sempre. A Mölnlycke é uma líder mundial em soluções médicas fundada em 1849, em Gotemburgo. Ela nasceu como uma fornecedora de gaze para hospitais na Suécia e é responsável por várias invenções que ajudaram os profissionais de saúde a aliviar a dor dos pacientes em hospitais e em casa, como os curativos de alta tecnologia. Hoje, emprega cerca de oito mil pessoas em todo o mundo, e seus produtos são usados por clientes de mais de 100 países.

**Brasil: 550 hospitais,
9 milhões de curativos**

A Mölnlycke estabeleceu seu escritório de vendas diretas no Brasil em 2017. Hoje, a empresa atende mais de dez países da América Latina, como Argentina, Colômbia, Cuba e México.

Pedro Schildknecht, Diretor Geral da Mölnlycke para a América Latina, afirma: “No Brasil, temos 50 funcionários responsáveis por atender mais de 550 hospitais, públicos e privados, em todo o país.” A empresa vende mais de nove milhões de curativos por ano, dos quais 1,5 milhão se concentram na prevenção de úlceras de pressão.

Mölnlycke fornece seus produtos no Brasil para clientes de vários perfis, como hospitais, clínicas, operadores de saúde, lojas especializadas, entre outros. Pedro explica que seu objetivo é oferecer as melhores soluções tecnológicas para o tratamento e prevenção de lesões, visando alcançar o maior número de pacientes possível.

De Braços Abertos (Open Arms)

Em 2022, a Mölnlycke Brasil criou o programa “Estamos de Braços Abertos” para ajudar pessoas que vivem com epidermólise bolhosa, uma doença genética rara que causa bolhas na pele e nas membranas mucosas e afeta milhares de brasileiros. Os pacientes são monitorados pela equipe da Mölnlycke e recebem visitas periódicas de enfermeiros que supervisionam a troca de curativos. Essa iniciativa se tornou uma referência para o grupo Mölnlycke no mundo inteiro.

Cuidado, atenção e afeto

“A Mölnlycke tem uma missão: libertar os pacientes, cuidadores e o sistema de saúde da dor das suas feridas. Vejo que temos muito trabalho a fazer no Brasil, já que os cuidados com feridas, em geral, ainda estão muito aquém do necessário. A Mölnlycke pode contribuir para essa mudança nos setores público e privado, e ajudar a melhorar os resultados clínicos dos pacientes. Nossas soluções também reduzem o custo total do tratamento de feridas. Isso cria oportunidades para expandir o cuidado e melhorar a eficácia do sistema de saúde. Nosso futuro é muito promissor no Brasil”, conclui Pedro.

Do seu escritório em São Paulo, a Mölnlycke atende mais de dez países na América Latina.



Aniversário de um ano da Nexer Group no Brasil. São Paulo, 2021.

Nexer Group

A Nexer Group (Sigma IT, até 2021) representa o que a cultura de empreendedorismo e inovação sueca tem de melhor. A empresa faz parte do Danir Group, uma *holding* sueca com mais de dez mil colaboradores em 18 países. A Nexer no Brasil surgiu após a aquisição da tradicional empresa brasileira de TI, Inove, em 2021.

A Nexer pelo mundo. A Nexer é um grupo de consultantes de TI e tecnologia no geral que opera em mais de 15 países, empregando 2.300 experts. Em um mundo cada vez mais digital, o objetivo da Nexer é fazer com que seus clientes estejam um passo à frente dos seus competidores. Algumas das maiores empresas do mundo buscaram a Nexer em busca da sua expertise em transformação digital, inteligência artificial, TI e P&D. E para se manter sempre à frente, a Nexer está constantemente buscando as mais avançadas tecnologias, para então compartilhá-las com muita estratégia e comunicação.

A Nexer se separou da Sigma Group em 2021, uma empresa de TI sueca fundada em 1986, que faz parte do Danir Group.

Empreendedorismo e conhecimento sueco-brasileiros

A tradição da Nexer no Brasil vem de uma outra empresa: a Inove, fundada por César Palmieri e três sócios, como uma firma de consultoria focada em ajudar outras empresas a serem mais produtivas por meio da tecnologia e inovação. Em poucos anos, a Inova se tornou o maior parceiro da Microsoft na América Latina. Esse sucesso chamou a atenção de muitos gigantes do mercado, como a Nexer, que adquiriu a empresa em 2021.

A nova integração entre as empresas se provou um grande sucesso, especialmente porque os especialistas das duas empresas já estavam acostumados a trabalhar juntos em muitos projetos para grandes clientes, como a Scania no Brasil. Nesse

caso, quando a Nexer ainda não possuía escritório no país, ela contratou a Inove para prestar o serviço à montadora de ônibus e caminhões.

Hoje, a Nexer no Brasil apoia clientes nos setores automotivo, de manufatura, agronegócio, varejo e muitos outros.

“Nós trabalhamos com as soluções da Microsoft aplicadas a diferentes negócios, fornecendo aos nossos clientes o melhor suporte em conectividade, entendimento e treinamento”, explica César Palmieri, Diretor-Executivo da Nexer Enterprise Applications Brasil.

Entregando as melhores soluções

A B3, a bolsa de valores brasileira, trabalhou em parceria com a Microsoft e a Nexer para implementar um sistema CRM na B3 Social, sua divisão sem fins lucrativos, tendo como objetivo conectar investidores a projetos sociais no Brasil. A solução também permite o monitoramento e a análise desses projetos por meio de indicadores quantitativos e qualitativos. “Nós vemos um futuro promissor ao passo que apoiamos as empresas em sua transformação digital. Sentimos que estamos ajudando a capacitar as pessoas a irem mais longe, nos negócios e na vida. A tecnologia está construindo o futuro, e esse é um processo irreversível. Tudo isso nos levou a fazer mais com menos. É nisso que acreditamos. É o que inspira nossa equipe, clientes, fornecedores e toda a sociedade”, conclui César Palmieri.

Encontro de sócios em Malmö, Suécia, em 2022. Dan Olofsson, proprietário do Danir Group, e seu filho Johan Glennmo, presidente do Danir, ao lado dos seus parceiros brasileiros. Da esquerda para a direita: Alexandre Marques, Edson Cabral, César Palmieri e Fábio Sá.



Equipe da Quant discute procedimentos de segurança antes do trabalho.

Quant

Nascida como uma divisão da gigante industrial ABB, a Quant Service opera como uma empresa independente desde 2014, fornecendo serviços de manutenção industrial para diversos clientes. Sediada em Estocolmo, apoia mais de 400 instalações em todo o mundo. A Quant Brasil está presente nos maiores *players* da indústria brasileira, empregando mais de 1.200 pessoas.

Um spin-off de sucesso

A Quant Service começou a operar sob esse nome em 2014, mas já acumulava cerca de 30 anos de experiência. A Quant começou como ABB Full Service, uma divisão responsável pela manutenção das instalações industriais da ABB, aumentando a produtividade e performance dos equipamentos da marca pelo mundo.

Isso é exatamente o que a empresa faz hoje para clientes em todo o mundo – a única diferença é que atua sob a sua própria marca desde 2014.

A Quant auxilia os mais variados setores industriais a serem mais sustentáveis, produtivos, seguros e eficientes nos seus custos. Para isso, tem uma abordagem sistemática de manutenção com ferramentas digitais, que chamou de *Smart Maintenance*. Tudo isso à disposição de mais de 400 instalações industriais em todo o mundo.

Quant Brasil Manutenção Industrial

Em 1999, a ABB comprou a Ceman (Central de Manutenção), na época a maior empresa de manutenção industrial do Brasil, com mais de três mil funcionários. Localizada no Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia, a Ceman trouxe consigo muita experiência em manutenção nos setores químico, de bebidas e siderúrgico.

Em 2014, um grupo de investidores suecos comprou a ABB Full Service e criou a Quant. “Todos os contatos e o *know-how* vindos da ABB foram herdados pela Quant. Nós ainda temos contratos de dez,

20 anos, que são do tempo da ABB. E toda a equipe de profissionais qualificados continuou conosco. Nós estamos dando continuidade ao trabalho de excelência desenvolvido há 30 anos”, diz Ricardo Perroni, gerente de Desenvolvimento de Negócios da Quant Service.

Atualmente, a Quant está presente nos setores mais dinâmicos da economia brasileira. “Nós somos muito fortes na mineração, na petroquímica e na indústria de manufatura”, explica Ricardo.

A empresa possui dois modelos de negócio: pode assumir partes da manutenção dos clientes ou se responsabilizar por 100% desse serviço.

Desenvolvendo soluções digitais para ajudar os nossos clientes

“Crescimento sustentável de longo prazo é o nosso foco no Brasil. E a digitalização é o meio no qual isso vai acontecer. Nossos contratos já incluem soluções digitais para monitorar a saúde dos equipamentos e, com isso, prever quando eles precisarão de serviço. Nosso desenvolvimento está baseado em tecnologia, recursos humanos e confiança”, conclui.

Equipe da Quant no escritório de São Paulo.



Montagem de aviões em Linköping, na Suécia, nos primeiros anos da Saab.

Saab

Em 1937, a Svenska Aeroplan Aktiebolaget (Saab) foi fundada para fortalecer a estratégia de defesa sueca durante o período entreguerras. Em 1950, o primeiro Saab pousou no Brasil, onde a empresa possui uma sólida operação, que emprega mais de 140 pessoas.

Fundando as bases da defesa sueca

A Suécia dos anos 30 buscava manter sua neutralidade e soberania em um cenário de crescente tensão entre as potências europeias. Por isso, o país investiu na sua força aérea e, a partir do esforço de diversas indústrias do setor bélico, nasceu a Svenska Aeroplan Aktiebolaget (Saab), em 1937, para desenvolver e produzir os aviões que iriam defender o país. Atualmente, a Saab é a base da estratégia geopolítica sueca: uma empresa líder em segurança e defesa presente em mais de 30 países, oferecendo soluções militares para ar, terra e mar.

Um pioneiro na “nova capital do Brasil”

Em 1950, os primeiros aviões de passageiros Saab Scandia foram entregues à Viação Aérea São Paulo (VASP), maior operadora da aeronave no mundo. Em 1960, Brasília foi inaugurada, substituindo o Rio de Janeiro como centro do poder político do Brasil. E a nova capital marca a chegada da Saab nos céus brasileiros: o Scandia passou a voar regularmente para a cidade sob as cores da VASP.

Como líder no setor de Defesa e Segurança, a Saab começou a vender produtos ao Brasil em 1980, por meio de representantes de vendas. As Forças Armadas do país operam soluções da empresa até hoje, como o Sistema de Míssil de Baixa Altura Telecomandado RBS 70, a arma anticarro AT4, o canhão Carl Gustaf, entre outros.

O maior contrato de exportação da Suécia

O ponto alto dessa história inicia-se em 2009, quando a Saab abriu um escritório de operações no Brasil. Com esse movimento, a empresa buscou fortalecer a candidatura do Gripen E/F na licitação do Programa FX-2, que buscava a substituição da frota de aeronaves de caça da Força Aérea Brasileira (FAB). Em 2013, a Saab desbancou concorrentes internacionais de peso e foi escolhida para desenvolver os 36 novos caças em parceria com a indústria brasileira.

“A parceria para o desenvolvimento conjunto e fornecimento de 36 caças Gripen é o maior contrato de exportação da história da Suécia, e o programa de transferência de tecnologia é, certamente, um dos mais expressivos globalmente. Para o Brasil, a aquisição é de suma importância, para além do aumento da capacidade operacional da Força Aérea Brasileira”, diz Marianna Silva, Diretora Geral da Saab Brasil.

Um país estratégico para a Saab do amanhã

A Saab tem no Brasil um dos seus mais importantes hubs de negócios no mundo. Trata-se de um compromisso de longo prazo com o país, traduzido nos diversos investimentos feitos localmente em tecnologia, P&D e capacitação.

“O objetivo é chegar nos anos 2030 com uma Saab inclusiva e diversa, que exporte para outros mercados em colaboração com parceiros brasileiros. Com o Gripen, mas também com outros sistemas de defesa que gostaríamos de trabalhar com a indústria de defesa do Brasil”, conclui Marianna Silva.



Trabalho durante a pandemia na fábrica da Saab em São Bernardo do Campo.



O Gripen Brasileiro

A Suécia e o Brasil podem se orgulhar de muitos feitos conjuntos. Com certeza, um dos grandes marcos nessa história é a compra do novo caça Gripen E/F da Saab pelo Brasil em 2014 — uma importante aquisição para a Força Aérea Brasileira, que representa o maior contrato de exportação já feito pela Suécia. O mais importante: é uma parceria que continua evoluindo.

POR CRISTIANA PONTUAL, DIRETORA DE COMUNICAÇÃO DA SAAB BRASIL

No início dos anos 2000, a Força Aérea Brasileira (FAB) começou a buscar um caça para renovar sua frota de jatos de combate. Em dezembro de 2013, a FAB escolheu o Gripen E/F, um caça multimissão fabricado pela Saab, empresa sueca de defesa e segurança.

Em 1988, o Gripen C/D — o antecessor do Gripen E/F — voou nos céus da Suécia pela primeira vez. Desde 1996, esse modelo compõe a frota da Força Aérea Sueca. Em outras palavras, não se tratava de um mero protótipo que a FAB estava levando em consideração.

Ainda assim, o processo de seleção foi extenso. O Brasil não queria apenas o melhor caça para a linha de frente da defesa do país, também buscava um acordo que impulsionasse a indústria nacional com conhecimento e tecnologia.

O Programa F-X2 — como foi denominado o programa de aquisição de novos caças para equipar a FAB — estabeleceu vários requisitos para selecionar o novo avião: o novo caça deveria ser capaz de executar todos os tipos de missão já feitas pelos pilotos brasileiros, como interceptação, ataque e reconhecimento. Em termos de logística, a assistência deveria

incluir toda a vida útil do avião, garantindo maior disponibilidade da frota. Tudo isso, naturalmente, entregando um custo competitivo. Por fim, um dos itens mais estratégicos do programa: deveria envolver a participação da indústria nacional de defesa.

Dentre os candidatos, o Gripen foi selecionado depois de oferecer o melhor equilíbrio em termos de custo, tecnologia e capacidade técnica, além da participação da indústria brasileira.

O contrato foi assinado em 2014 e envolveu o desenvolvimento e a produção de 36 aviões, incluindo seus sistemas, manutenção, treinamento e

demais equipamentos. Dos 36 caças, 28 são Gripen E (monoposto), e oito, Gripen F (biposto).

O Gripen E/F ainda estava na fase de desenvolvimento quando foi escolhido. Isso fez com que fosse possível desenhar um projeto único, com muito conteúdo tecnológico a ser transferido para a indústria brasileira, que, por sua vez, se tornou capaz de, conjuntamente, desenvolver, produzir, realizar ensaios de voo e executar a manutenção dos aviões no Brasil.

A transferência de tecnologia começou em outubro de 2015, quando o contrato entrou em vigor. Nesse período, o primeiro grupo de brasileiros se



F-39 Gripen flies over Rio de Janeiro.





Funcionários da Embraer durante treinamento prático de montagem na Saab, em Linköping, na Suécia

mudou para Linköping, na Suécia, para começar o programa de transferência de tecnologia.

Até o momento, aproximadamente 300 profissionais brasileiros (de um total estimado de 350) das empresas beneficiárias do contrato – como Embraer, Akaer, AEL Sistemas, Atech e as subsidiárias da Saab no Brasil – já participaram de treinamentos teóricos e práticos na sede da Saab.

Hoje, a maioria desse pessoal trabalha na linha de montagem de aeroestruturas da Saab em São Bernardo do Campo, bem como na fábrica da Embraer em Gavião Peixoto, onde estão localizados o Centro de Projetos e Desenvolvimento do Gripen

(do inglês *Gripen Design and Development Network – GDDN*), o Centro de Ensaios em Voo do Gripen (do inglês *Gripen Test Flight Centre – GFTC*) e a linha de montagem final. Atualmente, esse é o programa de transferência de tecnologia mais extenso em curso no Brasil e é o maior já feito por qualquer empresa sueca.

A fábrica de São Bernardo do Campo foi inaugurada em 2018, especialmente projetada para a montagem de aeroestruturas do Gripen. Importantes componentes do avião são produzidos nessa fábrica, como os freios aerodinâmicos, o cone de cauda e as fuselagens dianteira e traseira.

Nesta unidade, a Saab também realizará a manutenção de equipamentos táticos críticos do Gripen, como o Radar de Varredura Eletrônica (AESA) e a suíte de guerra eletrônica do caça durante toda a sua vida útil no Brasil. Isso significa menores custos e maior agilidade, uma vez que não será necessário enviar esses equipamentos para manutenção fora do país.

O GDDN é um centro de engenharia considerado o hub de transferência de tecnologia do Gripen no Brasil. Lá, engenheiros brasileiros e suecos trabalham no desenvolvimento do Gripen E/F em áreas como sistemas veiculares, engenharia aeronáutica, projeto de estruturas, instalação e integração de sistemas, aviônica, interface homem-máquina, entre outras.

O programa de transferência de tecnologia tem como objetivo fornecer ao Brasil os recursos para que os parceiros brasileiros desenvolvam novas funcionalidades e implementem atualizações, graças à transferência de tecnologia e ao estabelecimento de ativos de desenvolvimento, testes e produção no país.

O primeiro Gripen E chegou ao Brasil em setembro de 2020 para a realização dos primeiros ensaios em voo no país, mais especificamente no GFTC, em Gavião Peixoto. A atividade é totalmente integrada ao programa de ensaios que vem sendo executado desde 2017 em Linköping, na Suécia.

Em 2022, quatro novas aeronaves Gripen E – as primeiras produzidas em série – foram entregues ao Brasil. Em novembro do mesmo ano, a Saab obteve a certificação militar necessária para a operação do avião, com-

provando que o Gripen cumpria todas os requisitos de voo estabelecidos pelas autoridades militares da Suécia e do Brasil.

Em 19 de dezembro de 2022, os caças F-39 Gripen, como são chamados pela FAB, iniciaram oficialmente suas atividades operacionais, sendo incorporados ao Primeiro Grupo de Defesa Aérea, na Base Aérea de Anápolis, em Goiás. O Gripen estava agora disponível para missões aéreas de proteção da soberania nacional.

A parceria não termina aí. A Saab tem um compromisso de longo prazo com o Brasil. Seu objetivo é continuar expandindo parcerias estratégicas com empresas brasileiras, que já fazem parte da cadeia de produção global da Saab. Também é de conhecimento público que a Saab está em discussões com a Força Aérea Brasileira para expandir o número de aeronaves para o Brasil, além dos 36 caças inicialmente contratados.

O F-39 Gripen no céu do Brasil.



Em 1962, a Sandvik abriu sua fábrica de ferramentas de perfuração de rocha e corte industrial no Brasil.

ÁREA DESTINADA PARA
AS NOVAS INSTALAÇÕES
DE
AÇOS SANDVIK S/A
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Sandvik

A Sandvik foi fundada em 1868 por Göran Fredrik Göransson, que aplicou com sucesso o método Bessemer de fabricação de aço. Hoje uma empresa de engenharia especializada em corte industrial, mineração, construção, aquecimento industrial, entre outras especialidades, a Sandvik está no Brasil desde 1949 – à época, um país agrário. Desde então, a Sandvik cresceu a passos largos, no ritmo do Brasil.

Tradição em aço. Em 1858, Göran Fredrik Göransson conduziu com sucesso o primeiro teste do método Bessemer para a fabricação de aço. Certo da vocação siderúrgica da Suécia, ele abriu sua própria empresa, que rapidamente faliu. Mas ele não desistiu: juntou os cacos e fundou a Sandvik, em 1868.

A Sandvik de hoje atua em toda a cadeia de suprimentos: desde matérias-primas e carbetos de tungstênio, soluções de corte industrial e manufatura aditiva, até pós metálicos e equipamentos de mineração e construção em todo o mundo.

Aços Sandvik Ltda.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Sandvik entrou em diversos mercados emergentes, como a China, o México e a África do Sul. E em 1949, chegou a vez do Brasil: uma distribuidora local chamada Aços Sandvik. O Brasil dos anos 40 estava se industrializando, e os executivos da empresa fizeram uma aposta no país e seu desenvolvimento. Eles acertaram: a economia brasileira cresceu a passos largos e a Sandvik acompanhou esse crescimento.

Em 1962, a primeira fábrica no país começou a produzir ferramentas de corte e perfuração. Em seguida, a Dormer Pramet – empresa do grupo – abriu sua linha de produção de ferramentas de corte e uma fábrica de fios metálicos. No início dos anos 2000, a Walter Tools e a Seco Tools se juntou ao Grupo, e, em 2018, o *Coromant* Center foi aberto no estado de São Paulo, como parte de uma rede global de instalações dedicadas a demonstrar expertise do grupo em corte de metal.

A Sandvik continuou a expandir seus negócios por meio de aquisições não somente nos setores de mineração e maquinário, mas na indústria de *softwares* para manufatura. A chegada de empresas como Schenk, DSI Underground, CGTECH, Miranda Tools, Frezite, CNC Software Inc. e Cambrio impactou positivamente a atuação do grupo no Brasil.

“Estou no Grupo Sandvik AB desde 2008, quando entrei como gerente de produção e planejamento na Dormer Pramet. Desde então, vivi momentos de crescimento, mas também enfrentei períodos desafiadores, como a pandemia”, diz Alexandra Freitas, Vice-Presidente de Supply HSS & SRT e Diretora-Executiva da Sandvik Holding no Brasil.

Ela continua: “O ativo mais importante da organização são as suas pessoas, e trabalhamos continuamente pelo desenvolvimento dos nossos recursos humanos. O engajamento da equipe é o que mantém forte a nossa busca contínua por soluções inovadoras, mais inteligentes e sustentáveis para nossos clientes. Todos nós da Sandvik Brasil temos planos para cumprir as metas de sustentabilidade do Grupo no que diz respeito a áreas como clima, energia, economia circular, pessoas e melhores práticas.”

A história da Sandvik começou com a fabricação de aço, que ainda hoje tem papel central na empresa.



Caminhão Scania durante testes na fábrica de São Bernardo do Campo.

Scania

Nascida em 1891, a Scania é uma das maiores fabricantes de caminhões, ônibus, motores industriais e navais. A empresa chegou ao Brasil em 1957, e inaugurou sua fábrica em São Bernardo do Campo em 1962, que estabeleceu as bases para um dos mais importantes mercados para a Scania em todo o mundo. Seus mais de cinco mil funcionários são capazes de produzir 30 mil veículos por ano.

Suécia, 1891. No fim do século XIX, as ferrovias estavam tomando conta de toda a Suécia. Seguindo essa tendência, o engenheiro Philip Wersén uniu-se à siderúrgica Surahammars Bruks AB para fabricar vagões de trem. Nascia a Vabis, que, no início dos anos 1900, passou a fabricar ônibus e caminhões. Essa transformação rendeu um novo nome: Scania-Vabis. Hoje, a Scania está presente em mais de 100 países e é responsável por mais de 57 mil empregos diretos.

65 anos de Brasil

Em 1957, a Scania-Vabis do Brasil inaugurou suas operações no país. Na época, a empresa trazia peças de caminhão para a Veículos e Máquinas Agrícolas (Vemag), em São Paulo, e os caminhões Scania eram montados e vendidos no Brasil. Naquele ano, a empresa vendeu 162 veículos e contava com 500 colaboradores.

Em 1962, a Scania inaugurou sua própria fábrica em São Bernardo do Campo, na região do ABC Paulista. Era o começo da produção de ônibus e caminhões no Brasil. A planta, símbolo da industrialização brasileira, foi a primeira fábrica da Scania fora da Suécia. Tinha 1.500 funcionários e produzia 815 veículos por ano.

A Scania revolucionou o mercado de veículos pesados no Brasil. Seus lançamentos sempre estiveram à frente do seu tempo. Em 1957, o L-75 impactou positivamente a cadeia de suprimentos de caminhões no país, pois contava com 35% de conteúdo nacional e, portanto, era menos dependente de importações. Foi o primeiro “Scania brasileiro”. E em 1972, os Jacarés (ônibus de motor traseiro BR-115) tomaram conta

das estradas do país. Já em 1974, o LK-140, o primeiro motor diesel V8, foi outro sucesso de vendas para a empresa.

Nos anos 2000, a Scania foi novamente uma pioneira

O L75 foi o primeiro caminhão Scania feito no Brasil. Foto de 1960.

no lançamento de veículos movidos a biocombustíveis. Hoje, todos os seus ônibus e caminhões atendem aos requisitos de padrão de controle de poluição P8 no Brasil, que equivale ao Euro 6, na Europa.

Um Hub de inovação

A fábrica de São Bernardo do Campo produz os caminhões em sistema “para-choque a para-choque”, ou seja, todas as peças e componentes utilizados na fabricação de um caminhão são produzidos no Brasil. A fábrica tem mais de 450 mil metros quadrados e abriga um Centro Tecnológico de Pesquisa e Desenvolvimento, com mais de 300 engenheiros. A Scania também realiza testes de validação e aplicação de veículos, como testes de condução e colisão.

A operação da Scania no Brasil também atende toda a América Latina e outras partes do mundo. Daqui são exportados veículos e motores para 30 países na América Latina, África e Ásia. A Scania é uma das empresas com maior presença no Brasil: emprega mais de 5 mil pessoas e tem capacidade de produzir 30 mil veículos por ano.

Muito sucesso pela frente

“Em 2022, a Scania completou 65 anos no Brasil, sempre acreditando na vocação rodoviária do país e no potencial de seu povo. Isso não mudará! Para o futuro, além de fortalecermos esse propósito, continuaremos a investir em pessoas, tecnologia e inovação, para contribuir com a evolução da indústria, o desenvolvimento econômico e social do país e, principalmente, para descarbonizar o ecossistema de transporte e logística. Agora e no futuro, a Scania espera ver o Brasil desempenhando um papel de liderança na busca por soluções de transporte e logística capazes de mudar os rumos da emergência climática. Vamos continuar a trabalhar por um futuro sustentável, engajados na implementação de tecnologias de transição energética e suas respectivas fontes renováveis, focados em soluções de mobilidade inteligente e cada vez mais comprometidos com práticas ESG”, afirma Christopher Podgorski, Presidente e CEO da Scania América Latina.





Na década de 1950, o Skandinaviska Enskilda Banken (hoje SEB) tinha um banco *drive-thru* no centro de Estocolmo, ao lado da Royal Opera. Não era raro ver membros do elenco indo ao banco entre uma apresentação e outra.

SEB

O Stockholms Enskilda Bank foi fundado em 1856, sendo um dos primeiros bancos comerciais da Suécia. Em 1972, após receber autorização do Banco Central do Brasil, o SEB iniciou sua operação no país. Desde então, o banco tem estado ao lado dos seus clientes, não importando o cenário político e econômico. Hoje, o SEB é a única instituição financeira sueca com representação no Brasil.

Um grande legado. Em 1856, André Oscar Wallenberg fundou o Stockholms Enskilda Bank (SEB), que viria a desempenhar um papel crucial na industrialização da Suécia. Acompanhando seus clientes suecos na expansão dos seus negócios para o exterior, logo o SEB se tornou um importante ator do mercado financeiro no Norte da Europa. Enquanto isso, o Skandinaviska Kreditaktiebolaget, outro banco fundado em 1863, atuava em Gotemburgo, a segunda maior cidade da Suécia.

Em 1972, os dois bancos se fundiram para criar o Skandinaviska Enskilda Banken, ou SEB, que se tornou um grupo financeiro para toda o norte da Europa, com alcance internacional. Possui mais de 1,8 milhão de clientes e 16.500 funcionários nos mercados dos países nórdicos e bálticos, assim como da Alemanha e Reino Unido. Além disso, o SEB é uma instituição que está presente em mais de 20 países mundo afora.

SEB do Brasil Representações Ltda.

Em 1972, o Banco Central do Brasil autorizou o SEB a abrir seu escritório de representação no país, localizado, na época, na Rua Líbero Badaró, 496, em São Paulo. Nos anos 80, a representação foi assumida pela Skandic do Brasil Ltda., que mudou sua sede para a Avenida Faria Lima, o centro financeiro mais importante do Brasil até hoje. Em 1984, o SEB adquiriu a Skandic e mudou seu nome para Interscan Serviços e Consultoria Ltda. E, finalmente, em 2014, a empresa passou a se chamar SEB do Brasil Representações Ltda.

“Falar que o SEB continuou lado a lado com seus clientes, independentemente do ambiente político e econômico do Brasil, é dizer o mínimo.

“O SEB chegou no Brasil na década do Milagre Econômico, mas pouco depois enfrentou os efeitos dos choques do petróleo. Nos anos 80, a instituição

viu a crise da dívida externa e as longas e difíceis negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Depois, presenciou o fim do governo militar, a Constituição de 1988, a hiperinflação e o Plano Real, que derrubou a inflação e estabilizou a economia do país em 1994. Durante todo esse período, nós ficamos ao lado dos nossos clientes”, conta Christian Rezende, Chief Representative do SEB no Brasil.

Os negócios do SEB no Brasil se baseiam no apoio às subsidiárias de empresas nórdicas, alemãs e britânicas que atuam no país, e na facilitação a suas operações de comércio. Isso permitiu que o banco contribuísse com muitos projetos no Brasil, como a construção de Itaipu, a segunda maior hidrelétrica do mundo.

“Nós oferecemos soluções de financiamento *cross-border* para os clientes do SEB que atuam no Brasil, bem como os serviços de garantias internacionais, cartas de crédito, operações lastreadas por agências como EKN, Finnvera ou EKF. Além disso, viabilizamos o *funding* para bancos brasileiros que financiam clientes do SEB”, explica Christian.

Sempre olhando para o futuro

“O SEB está no Brasil há mais de 50 anos, e queremos continuar apoiando nossos clientes por muitas décadas, porque o compromisso do grupo com o país e seus clientes sempre foi, é, e será de longo prazo. O crescimento do país trará consigo desafios e oportunidades para todos. E nós queremos continuar a ser um importante parceiro de negócios para os nossos clientes”, conclui.

Aline Chadalakian, Trade Finance Manager; Christian Rezende, Chief Representative; e Vilhelm Dhejne, Deputy Representative and Associate Area Manager Latin America, no SEB, em São Paulo, em 2022.



Sede da Semcon em
Gotemburgo, Suécia.

Semcon

A empresa de consultoria em tecnologia e engenharia Scandinavian Engineering and Marketing Consultants (Semcon) foi fundada em 1980 em Västerås. Hoje, a empresa possui 30 escritórios em sete países. A Semcon Brasil nasceu em 2007, após a aquisição da concorrente alemã IVM Automotive, e atualmente tem mais de 400 funcionários no país.

Em 1980, a Scandinavian Engineering and Marketing Consultants (Semcon) foi fundada em Västerås, Suécia, com a missão de apoiar empresas no desenvolvimento de soluções inovadoras em muitos campos da indústria. Essas atividades rapidamente ganharam o mundo. Misturando crescimento orgânico e aquisições, a empresa hoje emprega duas mil pessoas em 30 escritórios na Suécia, Reino Unido, Noruega, Alemanha, Hungria, China e Brasil, com duas áreas de negócios: Engenharia e Serviços Digitais, e Informações de Produto.

A força da engenharia brasileira

As origens da Semcon no Brasil remontam a 2002, quando a Volkswagen Truck & Bus contratou a IVM Automotive para projetar os sistemas eletrônicos de seu caminhão Constellation no Brasil. Um grupo de engenheiros brasileiros foi para a Alemanha aprender e desenvolver as tecnologias do processo. Em 2007, essa mesma equipe se tornou parte da Semcon, após a empresa comprar toda a IVM.

Em 2009, a Volkswagen Truck & Bus renovou seu contrato com a Semcon, expandindo as operações da empresa no Brasil, com a abertura de escritórios em Resende, no Rio de Janeiro. Hoje a empresa realiza cálculo estrutural, *design* (todos os serviços, desde *benchmarking* até engenharia de série e testes para várias montadoras).

Equipe administrativa e de
gestão da Semcon Brasil.

A Semcon Brasil também diversificou seu portfólio de clientes, trabalhando com fabricantes de automóveis como Scania e Volkswagen Cars, além de fabricantes de peças automotivas. Recentemente, a Volkswagen Truck & Bus escolheu a Semcon para ser sua parceira de engenharia no desenvolvimento do e-Delivery, um novo caminhão elétrico 100% brasileiro.

Novas tecnologias pela segurança e sustentabilidade

Os programas do governo “Inovar Auto” e “Rota 2030” estabeleceram novos padrões para a indústria automotiva, como os sistemas de *airbag* e freios ABS em 2014. Agora, eles têm metas para a redução das emissões de dióxido de carbono, controle automático de distância e outros sistemas de segurança. “Num momento em que ninguém discutia esses temas no Brasil, nós já estávamos ajudando nossos clientes a estar na frente. A Semcon Brasil sempre acompanha as mudanças na indústria com muitos investimentos em pesquisa e desenvolvimento”, diz Fabricio Campos, Gerente Geral da Semcon Brasil.

Ele continua: “A Semcon Brasil desenvolve novas tecnologias em prol da sustentabilidade e da segurança, como a redução das emissões de carbono. Nós também queremos contribuir com projetos de ESG em diferentes setores, como o de energia.”



Em 2018, após dois anos de sua inauguração, a planta Wind da SKF do Brasil alcançou a marca de dois mil rolamentos para o segmento de energia eólica.

SKF

Em 1907, a Svenska Kullagerfabriken – ou, simplesmente, SKF – foi fundada por Sven Wingquist, o inventor do rolamento autocompensador de duas carreiras. Oito anos depois, a SKF chegou ao Brasil, com uma loja no Rio de Janeiro, sendo uma das empresas suecas mais tradicionais no país, com mais de 1 bilhão de reais de faturamento anual.

Tradição de qualidade. Em 1907, o inventor do rolamento autocompensador, Sven Wingquist, e outros importantes industriais da Suécia fundaram a Aktiebolaget Svenska Kullagerfabriken – ou, simplesmente, SKF. Em apenas um ano, a empresa abriu sua fábrica em Gotemburgo e obteve a concessão de patentes em dez países. O boom da indústria automotiva no pós-guerra impulsionou o rápido crescimento da SKF, que é hoje uma líder global para toda a indústria. A empresa conta com 87 fábricas, 43 mil funcionários e 17 mil representantes de vendas em 130 países.

Rio de Janeiro, 1915...

No início do século XX, o Brasil era um país muito jovem e agrário. Sua capital e maior centro econômico era a cidade do Rio de Janeiro. Foi lá que, em 1915, a SKF abriu sua primeira loja. A partir dela, a empresa importava e vendia rolamentos para clientes brasileiros. Em 1943, o escritório no Brasil ganhou o *status* de subsidiária.

O Brasil sobre rodas... e rolamentos

Por volta da década de 1950, a economia brasileira crescia a passos largos, em grande parte pela instalação da indústria automobilística.

A chegada das montadoras aumentou a demanda por peças produzidas localmente. Assim, a SKF apostou no Brasil e abriu sua fábrica nacional em 1963, em Guarulhos. Nos anos 1980, mudou-se para a sua nova e moderna fábrica em Cajamar, na Grande São Paulo, onde está até hoje.

A SKF do Brasil possui uma área de serviços chamada Solution Factory, que desenvolve soluções de reparo e manutenção. Em 2017, o time de engenharia brasileiro iniciou um programa pioneiro de manutenção global de turbinas eólicas. Após a sua consolidação, a Solution Factory passou a ser um serviço oferecido em âmbito global pelo Grupo SKF.

A SKF do Brasil é considerada uma líder no segmento de rolamentos e umas das unidades mais importantes do Grupo. No país, a empresa possui um *market share* de 36% e suas operações representam 40% dos negócios na América Latina, com faturamento anual de 1 bilhão de reais.

Um futuro mais conectado e limpo

Até 2030, toda a manufatura da SKF será neutra em CO₂. Essa meta é fruto de uma jornada climática iniciada em 1989, que busca tornar a indústria mais sustentável e eficiente.

“Imaginamos nosso futuro totalmente conectado: as melhores tecnologias que possam auxiliar nossos clientes e nossas operações. No fim, buscamos mais eficiência, a partir de soluções customizadas para um meio ambiente cada vez mais limpo e sustentável”, afirma Gustavo Molero, Presidente da SKF América Latina.



Colaboradores da SKF do Brasil no trabalho, em 2002.

Nils e Ian Bonde: duas gerações, uma mesma paixão chamada Brasil

Muitos suecos chamam o Brasil de lar, seja por um período, seja durante toda a vida. Nils Bonde chegou ao país em 1967 e, depois de ir e voltar várias vezes, resolveu se aposentar no Brasil, sua casa até hoje. Seu filho, Ian, também vive por aqui, apesar de sua vasta vivência no exterior.

Neste texto, os dois compartilham suas experiências.

TEXTO POR ANDERS SJÖMAN, ENTREVISTAS POR JONAS LINDSTRÖM.



Ian (filho) e Nils Bonde (pai).
(Fotos: acervo pessoal, 2022)

Nils Bonde chegou ao Brasil em maio de 1967. “Eu tinha 25 anos, era recém-formado na Universidade de Lund, na Suécia, quando fui convidado para me juntar ao diretor Arne Sucksdorff, que estava fazendo um documentário sobre a fauna do Pantanal. Nós passamos quatro meses na maior planície inundável do mundo.”

Nils conta que teve experiências e viu realidades muito diferentes no Brasil. De um lado, havia o vibrante Rio de Janeiro: “Naquela época, o Rio [de Janeiro] era um paraíso tropical: lugar hospitaleiro e seguro, especialmente para um jovem recém-formado. Nas ruas havia ritmos tropicais, como o samba e a bossa nova, durante a noite, além dos misteriosos cantos de macumba. A atmosfera era fervilhante.”

Por outro lado, havia regiões muito pobres, em que o desenvolvimento ainda não havia chegado. “No Pantanal, pela primeira vez, eu vi o analfabetismo, em uma sociedade tão distante da do meu país. Ao mesmo tempo, conheci diversos vaqueiros que, mesmo sem saber ler e escrever o próprio nome, passavam os melhores valores humanos de uma forma que os maiores empresários e executivos do mundo apenas sonham fazer.”

Após a expedição, Nils foi contratado pela Cia. T. Janér Comércio e Indústria, uma empresa de papel e impressão de São Paulo. A companhia fora fundada por Tor Janér, um empresário sueco que fez do Brasil a sua casa e dedicou sua vida inteira aos negócios entre os dois países.





Anos depois, Nils se mudou para trabalhar na filial argentina da SKF. No país, ele conheceu sua esposa, Lucila. A empresa mandou o casal para Tóquio por seis anos, onde os filhos, Ian e Paula, nasceram. Em seguida, passaram dois anos em Gotemburgo, Suécia, antes de retornarem a São Paulo.

“Nos anos seguintes na SKF, houve uma grande expansão. Uma das minhas responsabilidades foi construir a nova fábrica de Cajamar. As crianças foram para a escola e nossas raízes no Brasil cresceram neste solo. Eu aprendi que diversão e trabalho são duas coisas que podem andar juntas. E trabalhadores brasileiros, quando motivados, são imbatíveis!”

A família se mudou novamente, dessa vez para a África do Sul, no período em que Nelson Mandela foi libertado da prisão. Mas eles logo retornaram ao Brasil – dessa vez, para ficar: Nils deixou a SKF para assumir a liderança das operações de um grupo belga no país, posição em que ficou por 14 anos, até sua aposentadoria, em 2007.

“Ficar no Brasil foi algo natural. O clima é bom, a comida, maravilhosa, e o povo incrível. Assim, foi fácil suportar quaisquer pontos negativos que pudessem existir. Nós nos demos conta, após viajar tanto, que não há um paraíso na terra. Você só escolhe o lugar em que se sente bem para passar a vida. Agora imaginem só se eu não tivesse feito a escolha de vir, naquela noite fria e chuvosa de março, em Lund, em 1967!”

O fato de seu filho, Ian, morar em São Paulo com a esposa e a filha, ajudou na decisão de Nils de continuar no Brasil. (Sua filha, Paula, mora nos EUA com seu marido e duas crianças, seguindo a tradição da família de “perambular” por terras estrangeiras.)

Ian também enxerga no Brasil o solo perfeito para fincar e crescer suas raízes.

“Eu vivi em muitos lugares durante a minha vida, mas o Brasil é o lar para o qual eu voltei. Sou casado com uma brasileira há quase 18 anos e nós temos uma filha de 15 anos, que nasceu aqui.”

Com a família, Ian viveu no Japão, na Suécia, no Brasil e na África do Sul, antes de ingressar em uma universidade americana.

“Passei muitos anos em empresas de consultorias dos EUA focadas nos mercados emergentes. Vim de Washington D.C. para o Brasil em 2000. E, três anos mais tarde, abri minha própria empresa de consultoria, especializada em telecomunicações, tecnologia e, depois, em saúde.”

Após uma década de consultoria e investimentos em outras empresas, geralmente relacionadas à saúde, Ian decidiu empreender: fundou a clínica digital Vibe Saúde.

“Nós começamos a desenhar a Vibe em 2017, ao criar a primeira versão da nossa plataforma. Em 2020, recebemos nosso primeiro aporte de investimentos do fundo sueco Webrock Ventures. Desde 2020, levantamos mais de 20 milhões de dólares e nos tornamos um líder no mercado de telemedicina no Brasil. Essa é a velocidade de crescimento que um país como o Brasil oferece.”

Então, é muito simples montar um negócio no Brasil?

“O Brasil tem um ambiente de negócios muito complexo, volátil e de alto custo. Mas, sim, você pode ter sucesso aqui – é preciso criatividade, flexibilidade, paciência e resiliência. Eu adoro esses desafios e sei que vou continuar a investir aqui, pessoal e profissionalmente.”



Pai e filho pescando.
(Foto: arquivo pessoal)

Em 2022, a SSAB de Oxelösund laminou o primeiro aço produzido a partir da tecnologia *Hybrit*, que utiliza hidrogênio verde – livre de combustíveis fósseis –, em vez de carvão e coque. O primeiro cliente foi o Grupo Volvo.

SSAB

A história da SSAB remonta a 1878, quando a siderúrgica Domnarvet iniciou suas operações. Em pouco tempo a SSAB se tornou uma das principais aciarias da Suécia. A empresa somente chegou ao Brasil em 2003, elevando o padrão de qualidade dos aços no país. Hoje, a SSAB emprega 36 pessoas em seu escritório, em São Paulo.

145 anos de história. Em 1878, a siderúrgica Domnarvets foi fundada pelo industrial Gustav A. Lundhqvist na cidade de Borlänge, na Suécia. Os aços produzidos ali logo ganharam reputação internacional, devido ao seu baixo custo e alta qualidade. A SSAB de hoje, no entanto, foi fundada em 1978, tendo o governo sueco como maior acionista. A empresa foi listada na Bolsa de Valores de Estocolmo dez anos depois, ganhou diversos prêmios e abriu uma operação nos Estados Unidos. Em 2021, lançou o primeiro aço livre de combustíveis fósseis do mundo.

2003: Olá, Brasil!

A SSAB chegou no Brasil em 2003, para elevar a qualidade dos aços usados na indústria do país. “No início, havia poucos clientes usando este tipo de aço, comprando diretamente das siderúrgicas na Suécia”, explica Lisandro Peliciolli, Gerente de Vendas para o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Os principais setores atendidos pela empresa no Brasil são a mineração, o agronegócio e o de máquinas pesadas (*yellow goods*). O objetivo maior da SSAB é contribuir para o desenvolvimento da indústria brasileira por meio da venda de produtos de alto valor agregado. “Novos produtos como Hardox® 500 Tuf e a comercialização de aços livres de combustíveis fósseis são exemplos indispensáveis da consolidação das nossas atividades no Brasil”, diz Lisandro.

O sucesso da SSAB no Brasil resulta da combinação de três características: grandes produtos, serviços de alta qualidade e profissionais qualificados. A empresa é reconhecida pela sua abordagem de colaboração estreita com seus clientes, ajudando a torná-los mais produtivos e inovadores. “Nós temos uma atitude de constante aprendizado, escutando nossos clientes, a fim de melhorar nossos produtos e serviços. Depois, compartilhamos esse conhecimento com eles”, explica Lisandro.

SSAB na Expoforest, em 2018, no Brasil, a maior feira de manejo florestal das Américas

Hoje, a SSAB possui 36 colaboradores no seu escritório no Brasil, que tem um papel central na operação da empresa na América Latina. A inteligência brasileira na SSAB é uma ativa contribuinte para o desenvolvimento de novos projetos que vêm sendo replicados pelo mundo.

“Ser um líder de mercado passa pela construção de um time qualificado e alinhado aos propósitos da empresa”, é o que diz Lisandro, ao falar do elemento-chave da estratégia de negócios da SSAB no Brasil. Além disso, o executivo destaca a importância da diversidade para a empresa no país, que hoje conta com 50% dos cargos de liderança ocupados por mulheres.

Produtos cada vez mais eficientes e sustentáveis

“Na SSAB, nós sabemos da responsabilidade que temos nas emissões de carbono globalmente e, por essa razão, queremos atingir nosso maior objetivo: produzir aço sem o uso de combustíveis fósseis. O projeto HYBRIT é um passo significativo nessa direção. A SSAB continuará a ser uma pioneira no desenvolvimento de aços mais modernos, resistentes e sustentáveis, entregando produtividade e eficiência para nossos clientes no Brasil”, avalia Lisandro.



Desde 2008, todas as embalagens produzidas pela Tetra Pak no Brasil usam papel produzido a partir de madeira plantada com certificação do Forest Stewardship Council (FSC®).

Tetra Pak

Em 1951, o Dr. Ruben Rausing fundou a empresa de embalagens AB Tetra Pak em Lund, Suécia. Em pouco tempo, a Tetra Pak se tornou a líder indiscutível global, produzindo soluções para o setor alimentício. No Brasil desde 1957, a empresa mantém duas fábricas no país, uma das cinco maiores operações em todo o mundo, e emprega 1.510 pessoas.

“Protege o que é bom.” Nos anos 20, o sueco Ruben Rausing vivia em Nova York, quando conheceu uma nova tendência no mercado: lojas em que os alimentos ficavam nas prateleiras prontos para serem levados para a casa. Enxergando a oportunidade, em 1952, Rausing fundou a Tetra Pak, em Lund, na Suécia. Por mais de 70 anos, a empresa vem entregando as melhores soluções de embalagens e processamento de alimentos de que o mundo precisa. Tudo isso sustentado por 52 fábricas ao redor do mundo, com 25 mil empregados em mais 160 países – e muita inovação.

Brasil – inovação, qualidade e compromisso de longo prazo

Em junho de 1957, a Tetra Pak iniciou suas atividades no Brasil com representantes comerciais. No final dos anos 70, com o aumento do mercado interno e da demanda por embalagens, a empresa abriu sua primeira fábrica no Brasil, em Monte Mor, no estado de São Paulo.

Na virada do milênio, a Tetra Pak Brasil inaugurou sua segunda fábrica, desta vez em Ponta Grossa, no Paraná. Com isso, a empresa se tornou a primeira fabricante de embalagens na América Latina a ter suas instalações certificadas pelo FDA (Food and Drug Administration) dos Estados Unidos. De maneira inovadora, em 2003, a Tetra Pak adota a metodologia TPM (Total Productive Maintenance) em suas duas fábricas.

Respeito pelo meio ambiente

A Tetra Pak Brasil é uma referência em sustentabilidade. Desde 2008, todas as embalagens produzidas no Brasil utilizam papel certificado pelo FSC (Forest

Stewardship Council), que garante matérias primas vindas de fontes renováveis. Em 2014, a empresa adotou o polietileno feito a partir da cana-de-açúcar em todas as suas embalagens. Renovável e capaz de capturar gás carbônico da atmosfera durante a sua produção, este plástico desenvolvido pela Braskem no Brasil é hoje exportado para outras unidades da empresa no mundo.

São muitas as iniciativas em prol do meio ambiente, como o Recicla Cidade, que já destinou mais de 277 toneladas de embalagens para a reciclagem desde 2018. Outro exemplo é o Conservador das Araucárias, projeto de restauração de sete mil hectares de Mata de Araucárias, um ecossistema da Mata Atlântica. “O projeto terá o potencial de capturar mais 70 mil toneladas de CO₂ por ano. Tudo em sintonia com os objetivos globais da Tetra Pak, que pretende zerar as suas emissões líquidas de gases de efeito estufa até 2030”, afirma Marco Dorna, Presidente da Tetra Pak Brasil.

Um parceiro de longo-prazo

“A Tetra Pak Brasil está comprometida com uma visão de negócio sustentável e inovadora. Esses são os pilares da nossa operação e nosso sucesso a longo prazo. No amanhã da empresa, continua pautada a promessa da marca de proteger alimentos, pessoas e o planeta. Seguimos em frente com esse olhar. Queremos continuar a ser o parceiro ideal da indústria de alimentos e bebidas, incentivando a cocriação e a inovação no Brasil”, conclui Marco.

Foram as caixinhas tetraédricas de papel revestido com plástico que deram o nome à Tetra Pak.



Thule abriu sua primeira fábrica no Brasil em 2004. Ao centro está Margareta Windberg, então embaixadora da Suécia no Brasil e ex-vice primeira-ministra.

Thule

Em 1942, Thule Group AB, fabricante de produtos para transporte e atividades ao ar livre, foi fundada em Hillerstorp, no sul da Suécia. O Brasil foi apresentado aos produtos da empresa em 1997. Atualmente, a Thule emprega quase 40 pessoas em sua fábrica em Itupeva, no estado de São Paulo.

Das florestas de Småland para o mundo

O aventureiro Erik Thulin criou a Thule em 1942, na Suécia, para projetar e vender equipamentos de pesca. Nos anos 60, a empresa ganhou fama com seus produtos para automóveis, com racks e bagageiros de teto, que fizeram a Thule entrar em mercados de peso, como EUA e Japão, nos anos 70. Presente em 140 mercados, a empresa possui 3.300 funcionários em inúmeras escritórios e nove fábricas.

Confiança em primeiro lugar

Nos anos 90, o engenheiro mecânico e caiaquista brasileiro Werner Wiedenbrug queria levar seus caiaques e equipamentos no teto do seu carro, mas não encontrava uma solução para isso no Brasil.

Mas, durante uma viagem à Suécia, ele encontrou o que procurava ao ver um produto Thule. Então, decidiu não apenas comprar o rack, mas trazer esses produtos para seu país. Com David Stener, então Diretor de Vendas da Thule na Suécia, começou a planejar a vinda da Thule para o Brasil.

Em 1998, o primeiro contêiner com produtos Thule chegou ao Brasil, importado por Wiedenbrug. Mas, pouco depois, o Real sofreu uma desvalorização de 50%, o que quase acabou com o negócio. “Quando eu contei ao David] que provavelmente eu teria que desistir, ele pegou o primeiro voo para o Brasil e me convenceu a não fazer isso. Nós batemos à porta de muitas montadoras e fechamos vários contratos, como para a nova Paraty da Volkswagen”, conta Werner Wiedenbrug, que hoje é o Diretor de Operações da Thule do Brasil.

A partir desse momento, a Thule do Brasil cresceu exponencialmente, introduzindo com sucesso bagageiros e racks de teto no Brasil. “Com o tempo,

uma pergunta veio à mente: nós devemos abrir uma fábrica no Brasil ou continuamos a importar?”, lembra Wiedenbrug. E, novamente, David Stener o ajudou. A Thule Brasil teve acesso à lista de todos os materiais necessários para fabricar os produtos localmente. Em 2004, a fábrica era inaugurada.

Hoje, a empresa vende para toda a América Latina. Desde 2017, a Thule abriu cinco Thule Stores® em São Paulo e Rio de Janeiro, em rápida expansão pelo Brasil. A empresa possui mais lojas no país do que em todo os EUA e Canadá. “Nós somos uma referência para a Thule globalmente”, diz Per Henricson, Diretor de Vendas para a América Latina e Caribe.

O amanhã

“Até 2030, a Thule quer dobrar suas vendas em todo o mundo. No Brasil, nós queremos triplicar nossas vendas. E temos confiança de que vamos conseguir. Todas as tendências do mercado jogam a nosso favor: mais e mais pessoas estão praticando esportes ao ar livre, vivendo uma vida mais ativa e se conectando à natureza.

Esses são os nossos valores”, diz Per Henricson.

Uma vida mais ativa merece ser simples. Um suporte de bicicleta, uma carga box traseira e uma tenda de teto da Thule.



Desde 2021, a Volvo Cars vende apenas carros eletrificados no Brasil.



Volvo Cars

Fundada em 1927 e reconhecida em todo mundo como sinônimo de sua segurança e design suecos, a Volvo Cars fabrica SUVs e sedãs de luxo, desenvolvidos em sua sede, em Gotemburgo, e produzidos em suas seis fábricas, onde emprega mais de 41 mil pessoas. No Brasil desde 1990, a Volvo Cars é hoje a líder incontestável de vendas de veículos elétricos no país.

Na estrada desde 1927, quando o primeiro Volvo saiu da fábrica da empresa em Gotemburgo, na costa oeste da Suécia. Ao longo dos anos, modelos de carros da Volvo, como o PV4 (o “pequeno Volvo”) e o versátil Volvo Duett, alcançaram sucesso; e a Volvo, como marca, cresceu em reconhecimento internacional. Não é apenas uma das marcas suecas mais conhecidas, é também uma referência internacional de segurança, com o cinto de segurança de três pontos sendo usado desde os primórdios da marca.

Em 1999, a Ford Motor Company comprou a Volvo Cars, que, 13 anos depois, foi vendida para a chinesa Geely Automobile. No entanto, a concepção dos carros ainda é feita na Suécia. Além disso, a fábrica de Gotemburgo continua a pleno vapor.

O Brasil no horizonte

Em 1990, o Volvo 760 foi o primeiro modelo da marca a aparecer no Salão do Automóvel de São Paulo, o maior evento do setor na América Latina. Nessa época, o Brasil estava abrindo seu mercado para as importações, o que despertou o interesse da Volvo pelo país.

Hoje, metade dos carros da Volvo vendidos na América Latina é para os clientes no Brasil. A empresa possui concessionárias em quase todas as maiores cidades do país. Esse alcance é fruto das operações de *marketing* do seu escritório 100% brasileiro, que atende outros grandes mercados latino-americanos, como Argentina e México.

“O futuro é elétrico”

A Volvo Cars Brasil é a segunda maior marca do mercado premium no país, sendo a líder de vendas de carros elétricos. Na verdade, a empresa não vende mais veículos movidos somente por

combustíveis fósseis. Todos os modelos vendidos são eletrificados – sejam eles híbridos ou totalmente elétricos. Em breve, a Volvo Cars deixará de produzir carros movidos 100% a combustão globalmente. Mas no Brasil isso já aconteceu: o segundo mercado, antes mesmo da Suécia.

Hoje, a Volvo Cars Brasil é vista como uma das filiais mais inovadoras do grupo. Em 2020, por exemplo, a equipe brasileira produziu “O futuro é elétrico”, uma campanha de *marketing* que fala de frota 100% eletrificada. A iniciativa teve tanto sucesso que a matriz sueca a adotou na sua estratégia de *marketing* internacional.

A Volvo Cars Brasil já construiu mais de mil eletropostos no país, que estão abertos a carros de todas as outras marcas.

“O Brasil é um dos mercados mais importantes e inovadores para a Volvo Cars. Acreditamos fortemente no potencial do país: somos pioneiros na implementação de várias estratégias e projetos globais para a empresa. Desde 2021, só vendemos veículos eletrificados no Brasil. Esperamos contribuir continuamente para um futuro mais seguro e sustentável, vendendo produtos que estão na vanguarda da segurança e mobilidade elétrica”, diz Luís Rezende, Presidente da Volvo Cars Latin America.

Luís Rezende, Presidente da Volvo Cars Latin America.



Desde o início de 2023, a Volvo passou a produzir caminhões e ônibus no Brasil que atendem aos requisitos de emissão do sistema Euro 6.

Volvo Group

Uma das mais conhecidas marcas suecas, a fabricante de veículos Volvo foi fundada em 1927, em Gotemburgo. Os primeiros Volvos chegaram ao Brasil nos anos 1930. E em 1977, a Volvo inaugurou sua fábrica no Paraná, acompanhando o crescimento do país. Hoje, a Volvo é, na verdade, duas empresas: uma que produz carros, e outra que fabrica caminhões, ônibus e máquinas pesadas. A Volvo Brasil emprega 4.300 pessoas.

O começo de uma marca global. Em 1927, os industriais Assar Gabriellsson e Gustaf Larsson fundaram a Volvo, na cidade de Gotemburgo, com o lançamento do ÖV4 model. Durante a Segunda Guerra Mundial, após um grande crescimento, a Volvo adquiriu vários fabricantes de autopeças e de equipamentos de construção. Dos anos 60 em diante, a Volvo abriu novas fábricas em muitos países, como na Bélgica, na Austrália e no Brasil. Referência de segurança e inovação, a Volvo hoje possui 100 mil funcionários espalhados, que fazem com que a empresa esteja presente em mais de 190 mercados.

Volvo Brasil: ambição desde os primeiros quilômetros

O primeiro Volvo a rodar nas estradas brasileiras chegou em 1934; era um veículo importado por um representante local. Mas as pretensões da Volvo para o Brasil sempre foram muito maiores: revolucionar o mercado de transporte no país. Em 1977, a Volvo do Brasil foi inaugurada em Curitiba, escolhida devido a incentivos do governo, sua boa logística e mão de obra qualificada. Dois anos depois, o primeiro chassi de ônibus B58 saiu da fábrica.

Nos anos 80, a Volvo lançou o caminhão “N” no Brasil, um sucesso explicado por serviços de pós-venda nunca vistos no país, como assistência 24h para os caminhoneiros, onde quer que estivessem.

Esforços pela mobilidade urbana

A Volvo, por meio das suas soluções inovadoras de transporte, contribuiu ativamente para a mobilidade urbana. No início dos anos 1990, a empresa desenvolveu um ônibus biarticulado 100% nacional para o BRT de Curitiba. Esses ônibus são divididos em três partes e rodam em corredores rápidos. Foi o primeiro BRT do mundo: um serviço mais eficiente para a população e o meio ambiente de Curitiba. Hoje em dia, há BRT em grandes cidades do mundo, como Pequim, Bogotá, Rio de Janeiro e muitas outras.

Milhares de caminhões

Em 1995, a Volvo Brasil atingiu a marca história de 50 mil caminhões fabricados no país. No mesmo ano, foi aberta a divisão Volvo Equipamentos de Construção, com fábrica em Pederneiras, São Paulo.

Em 2007, a empresa completou 30 anos no Brasil, ampliando rapidamente seu portfólio de ônibus e caminhões a máquinas pesadas.

O Brasil representa para a Volvo o segundo maior mercado de caminhões. Mas a atuação da empresa no maior país da América Latina não se restringe apenas a veículos e máquinas de construção. Também fazem parte do grupo Volvo Brasil, a Volvo Financial Services e a fabricante de motores industriais e navais Volvo. No Brasil, a Volvo emprega mais de 4.300 pessoas, sendo responsável por outros milhares de empregos indiretos.

Um futuro sustentável – e rentável – é possível

Na Europa, a frota de caminhões elétricos da Volvo é o que há de mais avançado. Até 2040, espera-se que todos os produtos do grupo sejam movidos a eletricidade, hidrogênio e outros combustíveis renováveis. No início de 2023, a empresa lançou novos modelos de caminhões com certificação Euro 6 no Brasil.

“O Brasil é um dos maiores e mais importantes mercados da Volvo no mundo. Nossa história no país é marcada por grandes transformações no setor de transporte de cargas e passageiros, por meio de produtos, serviços e práticas inovadoras. Rumo ao mundo em que queremos viver, continuamos a investir na profissionalização de nossa indústria para gerar prosperidade por meio de soluções de transporte e infraestrutura. A Volvo saúda e celebra os 70 anos da Câmara de Comércio Sueco-Brasileira, uma jornada de paixão pelos negócios e pelas pessoas que compartilhamos com orgulho”, conclui Wilson Lirmann, Presidente do Grupo Volvo América Latina.

Conduzindo o futuro da mobilidade no Brasil

A Anfavea, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, criada em 1956, representa toda a indústria automobilística brasileira: são os fabricantes de automóveis, veículos comerciais leves, caminhões, ônibus e veículos para agricultura e construção. Dentre seus muitos membros, que conduzem juntos o futuro da mobilidade no Brasil, estão, é claro, as tradicionais Scania e Volvo, da Suécia.

TEXTO POR GUSTAVO BONINI, VICE-PRESIDENTE DA ANFAVEA E MEMBRO DO CONSELHO DA SWEDCHAM

A história da cooperação sueca com o Brasil na indústria automobilística passa pelo importante marco do início da Anfavea em si e da construção desse setor no Brasil. Em 1957, a Scania iniciou suas atividades no país. E, exatos 20 anos depois, em 1977, a Volvo se estabelece em solo brasileiro.

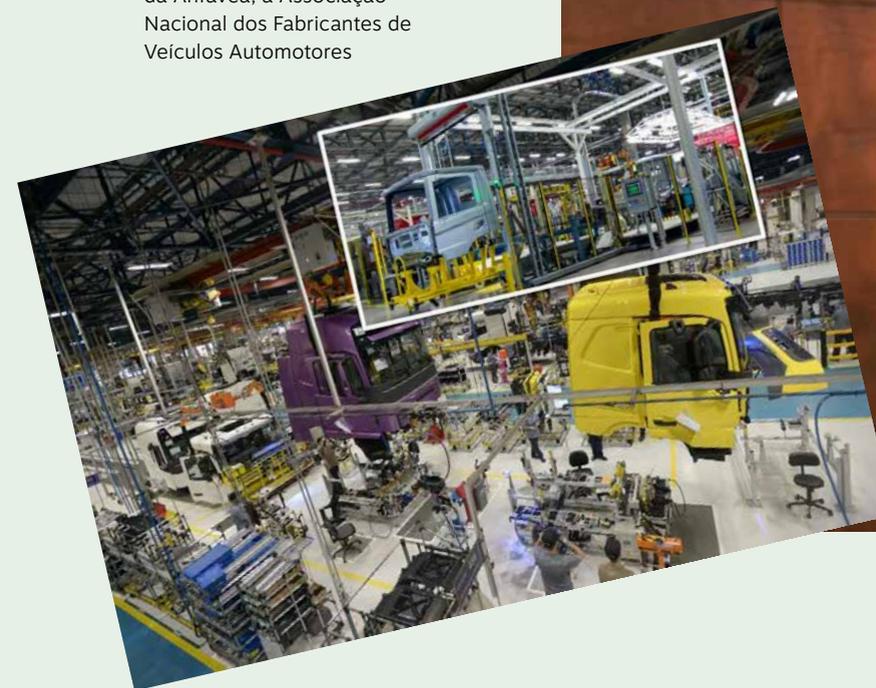
Assim como na Suécia, onde cada uma dessas empresas tem suas sedes nas duas maiores cidades do país – Estocolmo e Gotemburgo –, no Brasil, elas também se estabeleceram em duas importantes metrópoles: São Paulo e Curitiba.

Desde então, elas mantêm o foco em segurança e sustentabilidade. É um padrão cultural do país escandinavo que se integrou não apenas aos seus produtos, mas também no dia a dia dos trabalhadores das empresas e sua relação com a sociedade.

Em 2023, a indústria automobilística do Brasil celebra a marca de cinco milhões de caminhões fabricados no país, um número alcançado com a importante contribuição dessas duas gigantes suecas.

Todo mundo que andou nas estradas brasileiras vê a forte presença dos veículos dessas duas

Gustavo Bonini, Vice-Presidente da Anfavea, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores



marcas suecas, que transportam dois terços do PIB brasileiro, juntamente aos seus pares, também membros da Anfavea. Os mais variados segmentos, como o agronegócio, a mineração, a construção civil, o transporte de cargas e o setor energético, precisam de toda essa tecnologia que não para de evoluir e se destacar.

Além da segurança e da sustentabilidade – marcas da cultura sueca –, a mobilidade, a conectividade e a busca por uma maior qualidade de vida têm ganhado cada vez mais protagonismo no setor de transporte do Brasil. As soluções de mobilidade tanto para passageiros quanto para cargas são os principais catalisadores de inovações em um setor em rápida mudança.

As jornadas da sustentabilidade e da descarbonização estão apoiadas sobre um conjunto de novas tecnologias de propulsão, como a eletrificação e o uso de combustíveis alternativos e renováveis, como o biometano e o diesel verde. Tudo isso está presente na tecnologia sueca, que pode ajudar o Brasil a alcançar suas metas de emissões de gases causadores do efeito estufa.

O Brasil possui uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo e um potencial imenso nos biocombustíveis, o que representa um nicho de grande sucesso de integração entre Suécia e Brasil, para os negócios e para a sociedade.

Para impulsionar essa transformação no setor, Scania e Volvo vão investir mais de três bilhões de reais no Brasil até 2025, baseando-se no compromisso do seu país-sede, que prestigia o planejamento, a previsibilidade e o desenvolvimento contínuo.

Não por acaso, a Suécia é uma grande referência em inovação, desenvolvimento humano e educação. Também é um líder em “*smart cities*”, direitos humanos, diversidade e inclusão social, que colocam o país sempre no topo dos rankings de desenvolvimento social e econômico.

Esses fatos fazem com que a Anfavea tenha muito orgulho de suas associadas suecas, duas empresas da maior importância, com espírito inovador. Além de toda sua tradição no setor de veículos pesados, Scania e Volvo trazem uma sabedoria tipicamente sueca, que pode ser resumido pela palavra “*lagom*”, que remete à moderação e ao equilíbrio.



Escritório da ÅF
Automotive no Brasil.

ÅF

Fundada ainda em 1895, na Suécia, para inspecionar geradores a vapor, a Ångpanneföreningen (ÅF) não se intimidou com a chegada de novas tecnologias: em pouco tempo, tornou-se uma empresa global de engenharia e *design*. No Brasil desde 2013, a ÅF tem uma forte presença no setor automobilístico, com clientes de peso como Volvo e Scania, atendidos por mais de 120 especialistas.

Diferentes tecnologias, o mesmo crescimento. Em 1895, a Associação de Geradores a Vapor do Sul da Suécia (Södra Sveriges Ångpanneförening) foi criada para inspecionar e garantir a segurança das caldeiras a vapor da região. Organizações similares surgiram em toda a Suécia e, em 1964, elas se uniram para criar a Ångpanneföreningen (ÅF). O negócio cresceu: passou a incluir, primeiro, as inspeções elétricas; e, depois, todos os tipos de consultoria técnica em campos variados, como energia, automação, TI industrial e gestão de tráfego, com clientes em toda a Europa e no mundo. Em 2019, a ÅF se fundiu à empresa de engenharia finlandesa Pöyry PLC, tornando-se a AFRY, com mais de 17 mil especialistas trabalhando em projetos em mais de 100 países.

ÅF Automotive Brasil

Em 2012, a Scania pediu que a ÅF Automotive abrisse um escritório no Brasil para que a empresa pudesse prestar os seus serviços tradicionais para sua planta em São Bernardo do Campo. Hoje, a indústria automotiva ainda é o mercado principal da ÅF Brasil. No entanto, 30% das atividades da empresa no Brasil são executadas para clientes do mercado estrangeiro, como montadoras nos EUA e na Suécia.

Rodrigo Carneiro, Diretor-Geral
da ÅF Automotive Brasil.



“Hoje, a maioria das montadoras que atuam no Brasil apenas adapta projetos criados em suas matrizes às necessidades do mercado nacional. Dessa maneira, a ÅF ajuda seus clientes a entender as tendências do mercado brasileiro e, em seguida, projetar as soluções que se encaixam na realidade do país”, explica Rodrigo Carneiro, Diretor-Geral da ÅF Automotive Brasil.

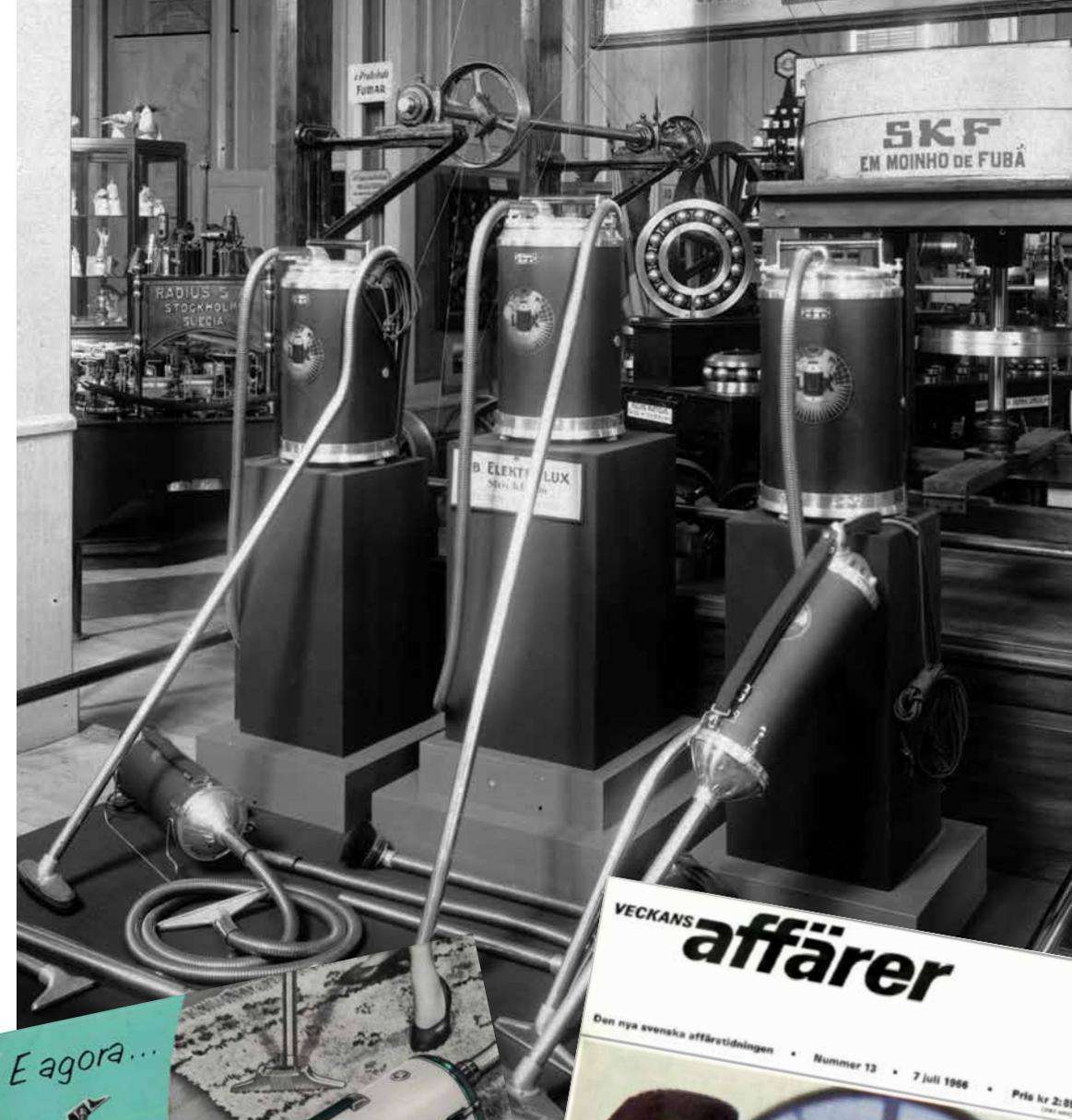
Exportando profissionais qualificados e serviços de excelência

A ÅF Automotive Brasil desempenha um papel importante de integração entre os mercados automotivos brasileiro e sueco, desde o compartilhamento de conhecimentos ao fornecimento de uma mão de obra especializada. “Nós ajudamos nossos clientes a encontrar profissionais qualificados dispostos a se mudar para a Suécia. Hoje, há mais de 20 funcionários brasileiros trabalhando para a AFRY na Suécia”, disse Rodrigo.



**Paixão que
não tem fim!**





Canto superior esquerdo: A Ericsson participou de uma exibição de arte moderna no Rio de Janeiro, em 1964. A Miss Universo daquele ano, a grega Corinna Tsopei, estava por lá e fez um telefonema com um Ericofon.

Acima: ferramentas Atlas Copco em ação no Brasil.

Esquerda: setor de cobranças da Electrolux, na sede da empresa no Rio de Janeiro, em algum momento dos anos 30.

Acima: Electrolux mostra seus produtos em exibição, nos anos 40. A SKF também se faz presente.

Direita: Anúncio de aspirador da Electrolux Brasil.

Ainda mais à direita: Em 1966, o jornal sueco Veckans Affärer teve como pauta principal a amizade entre o CEO da Facit no Brasil, Gunnar Göransson, e a lenda do futebol, Pelé.



Em setembro de 1956, Juscelino Kubitschek, presidente-eleito do Brasil, visitou a sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York, onde se encontrou com o secretário-geral Dag Hammarskjöld, da Suécia (direita). Cyro de Freitas-Valle, embaixador do Brasil para a ONU está ao centro. (Foto: UN Photo/ Marvin Bolotsky)



Em 2007, Luiz Inácio Lula da Silva se tornou o primeiro presidente brasileiro a visitar oficialmente a Suécia. Na foto, ele anda de carruagem ao lado do Rei Gustavo XVI em direção ao Palácio Real. (Foto: Ricardo Stuckert/ PR)

Em 2012, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, o então secretário-geral Ban Ki-moon (ao centro) posa para foto com líderes mundiais. À sua esquerda está Dilma Rousseff, presidente do Brasil, e, à direita, o Rei Carl XVI Gustaf da Suécia. (Foto: UN Photo/Eskinder Debebe)



Dilma Rousseff, a primeira mulher a se tornar presidente do Brasil, visitou a Suécia em 2015. Na foto, ela está sentada dentro de um protótipo do Saab Gripen, em Estocolmo. O então primeiro-ministro da Suécia, Stefan Löfven (à esquerda), a acompanha. (Foto: Roberto Stuckert Filho/ PR)

O Rei Carl XVI Gustaf da Suécia e o presidente do Brasil, Michel Temer, durante o Fórum Empresarial Brasil-Suécia, em 2017. (Foto: Beto Barata/ PR)



Durante sua visita à Suécia, em 2015, a presidente do Brasil Dilma Rousseff também visitou a sede da Ericsson, em Estocolmo. Ao lado dela está o CEO da Ericsson, Hans Vestberg. (Foto: Agência Brasil)



O dia a dia da Swedcham.

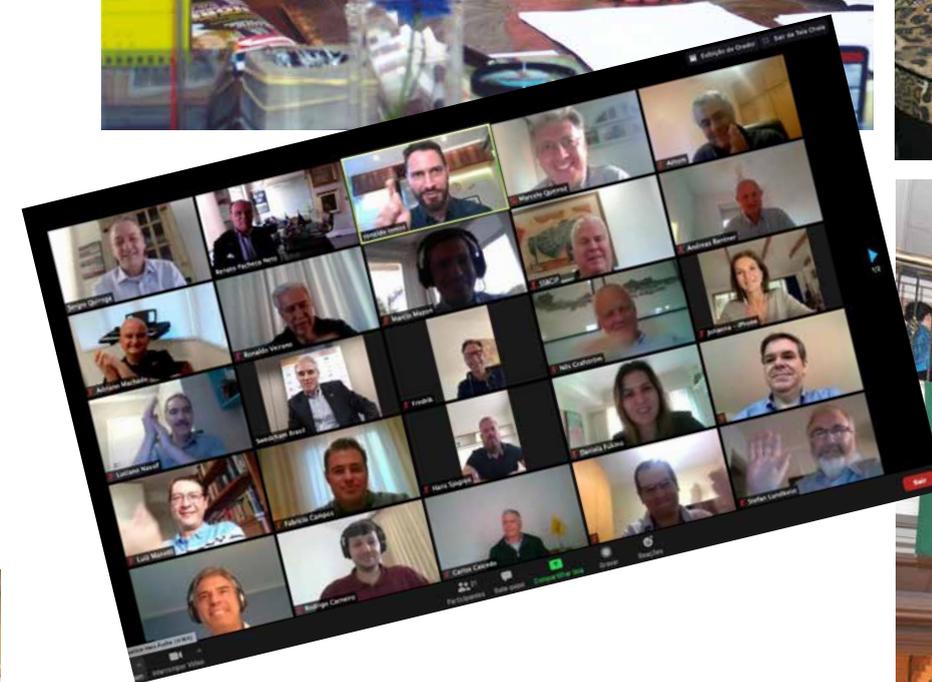
Canto superior esquerdo: Um dos muitos workshops que acontecem na Swedcham.

Acima: Festa de Natal na Swedcham, em 2018

Esquerda: Nils Grafman, presidente da Swedcham (esquerda), ao lado de Marcus Wallenberg, presidente do SEB, durante a Nordic CEO Conference da SEB, em São Paulo, em 2019, a maior delegação de empresas nórdicas que já veio ao Brasil

Canto inferior esquerdo: Celebração de Natal na Igreja Escandinava, em São Paulo, em 2016.

Abaixo: Evento do Women Executive Network, na Swedcham.



Canto superior esquerdo: Erik “Mr Sweden in Brazil” Svedelius (1909–2009) no seu escritório.

Acima: A Swedcham durante a pandemia. Nos tornamos digitais em um piscar de olhos!

Canto superior direito: A Rainha Sílvia da Suécia; Daniela Falção, editora da Vogue Brasil; e Jonas Lindström, Diretor Executivo da Swedcham, no Rio de Janeiro, durante as Olimpíadas de 2016.

À direita: Jantar de 60 anos da Câmara em 2013 – já faz dez anos!



Reunir pessoas é uma de nossas maiores paixões.

Esquerda: Jantar de gala durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, com a presença do Rei e da Rainha da Suécia.

Acima: a comunidade da Swedcham assiste às quartas de final entre Suécia e Inglaterra durante a Copa do Mundo de Futebol de 2018.



Em 2023, a Câmara de Comércio Sueco-Brasileira celebra 70 anos. Todavia, a paixão das empresas suecas pelo Brasil é muito mais antiga. Essas empresas são importantes atores no desenvolvimento do país, trazendo ideias, tecnologias, uma cultura corporativa única – e, acima de tudo, pessoas.

Juntos, os pioneiros dessa história, suecos e brasileiros, deixaram uma herança de produtividade, excelência técnica e inovação por todo o país.

Reunindo trajetórias empresariais de sucesso e depoimentos pessoais históricos, este livro celebra a paixão por trás dos negócios suecos no Brasil. Além disso, celebra o esforço incansável de toda a gente responsável por aproximar os dois países, faça chuva ou faça sol.



BUSINESS HISTORY
-PUBLISHING-

